

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

CELSO ALVES FILHO

FUMAÇA VERMELHO HEMATOMA E O TAPA QUE DEI EM MIM MESMO

Porto Alegre

2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

CELSO ALVES FILHO

FUMAÇA VERMELHO HEMATOMA E O TAPA QUE DEI EM MIM MESMO

Dissertação de mestrado apresentada
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Escrita Criativa
pelo Programa de Pós-Graduação em
Letras da Pontifícia Universidade do
Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena
Orientador

Porto Alegre
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A474f Alves Filho, Celso

Fumaça vermelho hematoma e o tapa que dei em mim
mesmo / Celso Alves Filho. – 2018.
217 f.

Dissertação (Mestrado) – Escola de Humanidades, PUCRS.
Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena

1. Escrita criativa. 2. Romance. 3. Distopia. I. Barberena,
Ricardo Araújo. II. Título.

CDD 23 ed. 808.3

Loiva Duarte Novak - CRB- 10/2079
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS

AGRADECIMENTOS

Aqui não me parece o lugar nem a hora para agradecer, apesar de dizerem que é.

Prefiro fazer ao vivo, com a família num café em Ponta Grossa, numa visita ao antigo Cefet, num bar ali pelo centro. Numa tarde com a família maior em Curitiba, jogando baralho com os adultos, brincando com as crianças enquanto são crianças. Com os amigos em um boteco na capital do Paraná, numa Ilha do Mel, nos carnavais em Rio Negrinho. Nos dois minutinhos que temos, ao descansar na cama, ou tomando chá gelado. Em um café de Porto Alegre, num Cadê Tereza?, no bar sujo em que vemos a noite se passar. Agradeço ao baixar um terreno no Magic, jogar um dado de vinte lados, ao abrir a cerveja que outra pessoa trouxe. Ao caminhar da dentista ao próximo compromisso, de Torres del Paine ao próximo destino, da Redenção ao ponto mais próximo, atrasando a despedida. Ao percorrer as ruas do Centro Histórico, as conversas do Whats App, a BR entre Curitiba e Ponta Grossa. Agradeço com os cotovelos apoiados na mesa bamba de plástico, na mesa envernizada de madeira, firme de fórmica. Numa manhã de trilha, numa tarde de bicicletas, numa noite de saideiras. No almoço roubado da rotina, entre amigos emprestados, no tempo que nos damos. Num evento desses, eu vou agradecer. E se eu não fizer, pode me cobrar.

Aqui, aproveito para agradecer aos lugares e aos momentos por tornarem possíveis esses encontros. E agradeço a você, pela leitura.

Obrigado.

RESUMO

Como é de costume dos projetos de dissertação pertencentes à área de Escrita Criativa da PUCRS, esse também possui dois volumes. O primeiro deles é o romance Fumaça vermelho hematoma, narrado em uma realidade distópica em que o consumo e o lobby empresarial dominam Estado e habitantes a tal ponto que a arte é considerada crime e tratada como caso de polícia, transformando artistas de diversas áreas em criminosos que, em consequência disso, se tornam terroristas e guerrilheiros. O segundo volume é um diário de percurso sobre a criação de tal romance, intitulado O tapa que dei em mim mesmo, e traz a forma como a obra foi inspirada, planejada e escrita, além dos efeitos em seu autor sob o impacto do estudo sobre os arranjos empresariais do neoliberalismo e o efeito deles na sociedade. Um trabalho é consequência do outro e vice-versa, pois ao idealizar um fazer mais próximo do teórico - o diário de percurso - a escrita narrativa foi pensada de forma crítica, trabalhada não apenas em seu caráter ficcional, mas também político.

Palavras-chave: Romance. Distopia. Consumismo. Processo criativo. Arte.

ABSTRACT

As usual in dissertation's projects that belongs to PUCRS's creative writing area, this also has two volumes. The first is the novel *Fumaça vermelho hematoma*, narrated in a dystopic reality where the consume and the business lobby rules government and people at the point that art is considered crime and treated as police case, transforming artists from different areas into criminals - for consequence of that, they turns into terrorists. The second volume is a journal about the creation of the novel, with the title *O tapa que dei em mim mesmo*, and brings the way of how the story was inspired, planned and written, including the effects on the autor, motivated by the study's about neoliberalism business arrangements and it's effect in society. One paper is the consequence of the other and vice versa, because the goal of write about the theory of the narrative bring closer the critic thinking, not only about the ficcional side, but also political.

Palavras-chave: Romance. Dystopia. Consumption. Creative Process. Art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Possíveis projetos.....	174
Figura 2: Primeiros rascunhos A.....	177
Figura 3: Primeiros rascunhos B.....	177
Figura 4: A Ditadura Líquida.....	185
Figura 5: O controle da Ditadura Líquida.....	186
Figura 6: Estrutura A.....	194
Figura 7: Estrutura B.....	195
Figura 8: Estrutura C.....	196
Figura 9: Relação causa-consequência.....	197

SUMÁRIO

PARTE I

Fumaça vermelho hematoma..... 10

PARTE II

O tapa que dei em mim mesmo - diário de percurso..... 169

 Introdução..... 171

 1. Criando a distopia..... 180

 2. Narrando a distopia..... 190

 2.1 Estrutura..... 193

 2.2 Narrador e personagens..... 197

 2.2.1 Diego Valla..... 199

 2.2.2 Lívia Maestri..... 200

 2.2.3 Liana..... 201

 2.2.4 Jordana Salles..... 201

 2.2.5 Eduardo Maracaibo Banda..... 203

 2.2.6 Giselo..... 203

 2.2.7 Laura..... 204

 2.2.8 Bruno Faria..... 205

 2.2.9 Nita Guedes..... 206

 2.2.10 Diego Valla Pinto..... 206

 2.2.11 Bernardo..... 208

 2.3 Proposta transmídia..... 208

 Conclusão..... 213

 Referências..... 214

Fumaça vermelho hematoma

01.

Na escuridão por trás dos olhos fechados, relâmpagos verdes, amarelos e doloridos surgiram do ponto em que o punho fechado acertou Diego Valla.

Diego bateu contra a parede, dor nas costas e na nuca. Não gemeu. Deixou o corpo deslizar até a calçada, algo breve, com treze anos era mais próximo do chão, não que tenha crescido muito até os seus trinta e cinco. Apalpou o olho ainda fechado, sem saber se ia ficar marca, se a pele escura camuflaria o roxo de sua humilhação, o roxo do troféu de Sérgio Faria, uma cor, duas interpretações.

Era a primeira vez que levava um soco, e a culpa era da arte.

"Vamos, Serginho, deixa ele em paz", ouviu alguém dizer.

"Ainda não."

Diego abriu os olhos e viu Sérgio com a sua mochila, o zíper aberto, a mão entre suas coisas. Atrás, as outras crianças observavam, alguns rostos preocupados, outros risonhos, ninguém em seu auxílio ou atrás de algum adulto. Não pôde culpá-los, foi por falar com um adulto que acabou ali.

"Cê fez mexerem nas minhas coisas, vou mexer nas suas", disse Sérgio ao puxar o tablet de dentro da mochila de Diego, um modelo de três, quatro anos antes. Perguntou se a geringonça ainda ligava, se dava para anotar coisas ali ou apenas mandar inbox caguetas pros professores. O soltou no chão, trincando a tela, e pegou a lancheira, a marmitta que a mãe preparava todos os dias. Então é por isso que cê se esconde no recreio?, vergonha do papá que traz de casa? Sérgio ria, não que comida caseira já fosse ilegal naquela época, mas era antiquada, cafona, como todas as coisas preparadas em casa ao invés de compradas.

"Cê me ferrou, Diegro, porque cê me ferrou?"

Sabia que Sérgio não queria resposta, era um garoto mimado que fez besteira e não aguentava as consequências, mas as regras eram essas. Tinham quatorze anos e eram velhos demais para a Liberdade Criativa da Infância. Após a idade limite, os desenhos antigos podiam ser guardados como recordação, mas não se podia produzir mais, a não ser que matriculado em um curso de desenvolvimento objetivo, sob a tutela de um artista patrocinado ou remunerado por uma pessoa jurídica autorizada. Era a lei. Diego havia advertido a orientadora educacional sobre as histórias em quadrinhos e os desenhos soltos de Sérgio, e ela os confiscou, inclusive os que o menino fazia de Diego, quando gastava todo o giz marrom para evidenciar a cor, como se o fundo branco da pele dos colegas não fosse o bastante para destacá-lo fora do papel. Além disso, no topo da página, escrevia o apelido: Diegro.

"Levaram meus desenhos, Diegro, me deram uma ocorrência."

"Só? Cê devia ser expulso."

Viu Sérgio soltar a mochila e encará-lo, o cenho inchado feito um nó entre os olhos.

"E cê devia levar uma surra."

"Devem ter dó de você e dos seus desenhos merda."

Viu Sérgio se aproximar e se levantou. Tomou distância da parede, ganhando espaço pra puxar o braço pra trás antes de bater. Era sua primeira briga, e a culpa era da arte. Nunca que deixaria aquele playboy sair com uma ocorrência, apenas, tão desacostumado a obedecer, sem entender que era igual a todo mundo, a Diego, e que as regras valiam para ele, também. Se não bastava ser a denúncia, também seria o castigo.

As outras crianças se juntaram em volta, apertando um semicírculo contra a parede: briga, briga, briga! Alguns drones no ar, as câmeras apontadas para baixo e as hélices zunindo, tanto barulho, mas ainda assim ouviu quando sua mão direita socou uma cara pela primeira vez, então tudo foi silêncio, por um momento, e voltou a ser barulho.

"Na época, postaram os vídeos no Facebook", diz ao psicólogo.

"É um começo, Diego, mas precisamos de memórias mais recentes."

Enquanto o psicólogo fala sobre a importância dos fatos atuais, Diego busca o canudo de água com os lábios, sentindo dor ao sentar-se. Gostaria de ter memórias recentes, não que tivesse esquecido os últimos vinte e tantos anos para contar uma situação da infância, mas essa não saía de sua cabeça desde que havia acordado no hospital. Como foi parar lá?, não sabe. A memória ausente é um branco cego no fundo da cabeça de Diego, branco tão branco e incômodo quanto as paredes do hospital que fazem seus olhos doer.

O psicólogo pergunta se lembra algo dos últimos três dias, da investigação em que estava e porque dirigia tão rápido às 7 da manhã de terça-feira. Não, sua memória ainda é uma bagunça de cores, texturas e sons, pequenas lembranças que se mostram sem motivo ou ordem.

É uma primeira sessão positiva, ainda assim, diz o psicólogo ao se levantar. Mas melhor descansar, dias agitados virão: o acidente viralizou nas sociais e na TV, muita comoção em torno do 3º Sargento Diego Valla e sua recuperação.

"As pessoas sabem de mim?"

"Sim, vi até uma hashtag: #Pray4Valla."

Se veriam no dia seguinte, e até lá, que fizesse o que dizem os médicos e enfermeiros: repouso, hidratação e se alimentar bem. Não precisaria apenas de reabilitação motora para sua

perna, mas também mental. O COCA está ali, de qualquer forma, para ajudá-lo na recuperação, diz o sujeito e sai do quarto, apagando as luzes.

Acorda de noite e tem problemas em se situar, com dificuldade para lembrar dos últimos momentos. Havia conversado com um psicólogo, não? Está onde? Pela pouca luz que entra pelas janelas vê as paredes brancas, uma cadeira de rodas, uma agulha em seu braço e o pinga-pinga do soro quase invisível, está em uma cama de hospital. Do corredor, ouve algumas vozes, rodinhas sobre o chão. Da rua, ouve quase nada, deve estar em um bairro distante do centro de Curitiba Zero, talvez no Cajuru. Ao menos é a indicação do silêncio vindo de fora, a falta da hélices de drones, gritaria em bares ou brigas entre morarruas.

Sim, tinha um psicólogo ali a tarde, falaram sobre a sua primeira briga, ainda no ensino médio, quando o boçal do Sérgio não foi expulso por arte ilegal. Arte ilegal! Sorte daquele moleque por ser menor de 16 anos, se não teria ido pro xadrez.

Sente vontade de mijar, mas como? A perna esquerda içada acima dos lençóis, embrulhada por bandagens e gazes, uma armação de metal acompanhando o fêmur até a tíbia, paralela à perna, com reentrâncias perpendiculares enfiando-se pelos curativos e pela carne, talvez, não sabe dizer, pois não sente nada.

Ao buscar alguma forma de comunicação, um botão, descobre o braço esquerdo quebrado, engessado, descansando ao lado do corpo. Com a mão direita pesquisa o resto de si, ao menos o que não consegue ver. A desliza sobre o rosto e percebe algumas feridas fechadas por pontos, cortes superficiais, curativos.

Antes de ser sargento, como praça, Diego desejava o degrau acima, mas não se esforçava. Era tanta politicagem e lambeção de coturnos que preferia se conformar com a posição a enterrar o orgulho, especialmente ao lembrar do pai, também PM, e seus anos punhetando oficiais por um cargo maior. Diferente do pai e seus eventos, Diego aproveitava o dia a dia, e suas noites como soldado eram quase uma continuação do serviço: cercado pelos companheiros de pelotão na casa de Bernardo, onde bebiam cerveja e se revezavam pra jogar Call of Duty Total War. Também falavam de operações e bônus salariais, festas e mulheres, carros e black fridays, enquanto descontavam no gatilho digital a frustração pelo real.

Diego Valla não sabe dizer se é o mesmo psicólogo do dia anterior. O cabelo é parecido, a voz também, assim como o castanho dos olhos e os óculos de lentes grossas, mas

tudo tão comum. Como o de ontem, esse pergunta sobre suas lembranças: estava conduzindo uma investigação própria? O que fazia em ação fora da hora de serviço? Questões que Diego nem sabia porque responder, que queriam com isso?, mal lembrava de quando havia se tornado 3º Sargento, dois meses atrás.

O psicólogo decide começar por aí, então.

Tinha algo a ver com um menino.

Não foi em serviço, mas como civil que conquistou a promoção, num dia de sorte que às vezes a vida cospe. Comprava óculos escuros no Shopping Barigui quando cismou com a cara de uma criança: entre um homem e uma mulher, os dois brancos e loiros, um menino de cabelos claros e o rosto pintado como a máscara do Homem-Aranha. Flagrou, porém, os olhos infantis. Eram puxados, asiáticos, diferente dos adultos que o guiavam. Seguiu a família com discrição, o sentimento de que conhecia a criança acendia um vermelho em sua cabeça. Sentado duas fileiras atrás deles no cinema, lembrou-se da comoção em torno do menino desaparecido: posts nas sociais e cartazes pela cidade, daqueles filmazes caros, com o gif da criança acenando, abraçada ao pai, um dos diretores de O Boticário.

Saiu do cinema com o filme pela metade, puxava a criança de um lado e o casal algemado do outro, o menino chorando que não queria ir com ele, mas ver o filme, ficar com os sequestradores, dizendo que era seu aniversário.

Fácil assim acabou com uma operação que extorquia dinheiro do diretor enquanto fingiam pro moleque que todo dia era seu aniversário, devolvendo uma criança deslumbrada por receber a atenção de adultos.

Esse tipo de sabotagem era recorrente desde que pintores expressionistas de São Paulo raptaram a filha de um acionista local e a devolveram meses depois: tatuada, bissexual, vegana e com ideias anarquistas.

Após a apreensão de Diego, O Boticário passou a investir mais na segurança estadual, o que, somado à foto do soldado em publicações e portais de notícias, rendeu um convite para ocupar o cargo de 3º Sargento de Haikais Rimados.

Pede para o psicólogo fechar as cortinas, sofre com o reflexo da luz no branco das paredes. As sombras vem como um afago.

"Se envolver em situações policiais no tempo livre fazia parte do seu dia a dia?"

Não sabe responder com certeza. Antes da promoção, não, e não via com bons olhos aqueles que aproveitavam a fantasia de civil, sem a farda, para fazerem batidas surpresas, causa insegurança em traficantes e artistas e os deixa ainda mais perigosos. Seu tempo livre era em shoppings ou restaurantes, academia e em alguns encontros, além de jogar videogame com Bernardo e outros parceiros de pelotão.

Depois da promoção, porém, decidiu que a estratégia era outra. Não bastava seguir ordem e fazer o seu serviço, que visibilidade havia em prender poetas de periferia e fechar sarais de poesia original no centro? Também não o colocariam em uma operação que trouxesse prestígio, tão raras na policial militar, difamada nas sociais e pela mídia.

"Não seria melhor seguir carreira na Polícia Civil?"

Diego ri e, ao rir, sente as cicatrizes em seu rosto doerem pela primeira vez. Se fosse para ficar atrás de uma mesa, não seria policial, mas teria que haver um meio termo.

Além disso, trabalhava no tempo livre porque a promoção o fez sozinho.

Para comemorar o novo cargo, Diego deu um churrasco com Picanha Premium Friboi Corte Fino, Heineken Top Ice, Pão de Alho Mezzani e Maionese Homemade Carrefour. Fez questão de pagar tudo, nada de cada um levar o que for beber, Valla era sargento, porra! Bernardo e os caras foram, a namorada de um deles levou duas amigas. Ficou muito, muito bêbado e, nas conversas, quando ouvia sobre a sorte que teve de receber o Spider-Man com exclusividade, esbravejava: não foi sorte, mas sentidos apurados, seu próprio sentido aranha. Perguntava com quantos policiais e autoridades o trio teria cruzado, ninguém vendo por trás do disfarce. A oportunidade é de quem tá preparado. É sorte, Diegro, assume aí, ouvia Bernardo apelar pro apelido que o incomodava.

Que fossem à merda.

Altas da noite ou da madrugada, puxou um brinde para si e agradeceu a presença de todos que, na falta do pai - com quem tinha insistido - e da mãe - que recebeu o convite -, eles eram a sua família.

Enquanto se concentrava para não soar bêbado, flagrou olhares de canto de olho entre os colegas, iguais aos dos artistas entre si, uma linha traçada entre dois pontos cúmplices, isolando Diego.

"Ao 3º Sargento!", gritou uma das mulheres ao levantar o copo, seguida pelos demais.

No dia seguinte, acordou sozinho, com ressaca e poucas lembranças.

Por que um psicólogo, afinal?, acham que Diego está louco? Não, responde o psicólogo, e suspira: sua área não trata apenas de esquizofrenia, ele mesmo nem lida com esses casos, é especialista em recuperação pós trauma, mais de 20 anos na área. E pela hora que estão pagando, diz, o Comandos e Operações Contra a Arte tem urgência nessas memórias.

O psicólogo dá ênfase ao nome completo do COCA, como uma criança que exige respeito por conta do irmão mais velho.

Tentou reaver os amigos da corporação: chamou para uma janta em casa, pediriam pizza, jogariam seu novo Playstation Infinity e fariam umas putarias. Ninguém apareceu. De serviço até tarde, disse Bernardo numa mensagem, lembra como é?

O enfermeiro alcança o celular para Diego: é sua mãe, está tentando falar com você faz tempo. Só a ideia de conversar com ela já o deixa exausto, mas atende. Ela quer vê-lo, visitá-lo. Responde que não precisa, está bem, e papai, como tá? Seu pai tá ok, mandou um abraço. Mandou mesmo? É, você sabe como é seu pai.

Além de aumentar o investimento na Polícia Militar, O Boticário presenteou Diego Valla com 2 anos da linha Blue Freeze, com os pontos de compra incluídos para bonificação - cairiam todo mês em sua contabilidade de consumidor.

Diego nunca se viu como um homem O Boticário, preferindo as linhas premium de Axe e Old Spice para um encontro ou uma reunião importante. Cheiro gringo, dizia pra si. Mas não podia negar o gesto e passou a usar os produtos que recebeu. Acostumou-se rápido à nova essência e à sensação fria, quase refrescante, como um sopro de Halls Black. O arrepio do pós-barba sobre o rosto, o desodorante em spray na axila e a borrifada de perfume nos pulsos e sob o queixo, tudo era diferente. Diferente de quem era. Aqueles eram produtos caros, e Diego era barato.

Não mais.

Assim como seu celular e suas roupas, ele mesmo mudaria com o novo cargo e salário. Se tornaria melhor, com mais valor em seu visual, seu cheiro e até a voz soaria superior, a voz de quem dá ordens e é obedecido. Não de quem se limita ao sim, senhor.

Bernardo não cheirava assim.

Seus parceiros praças não cheirava assim.

Até seus superiores não tinham tal perfume, constatou ao ver o quanto custava dois anos da linha. Esse era o *seu* perfume: azul e frio como o céu de Curitiba.

E sobre a investigação, o que se lembra? De nada, tem vontade de dizer e assumir que as últimas sessões não serviram para muita coisa. Sente a memória como um mosaico, pode ver uma peça ou outra, mas não o todo, e sem ele não sabe se guiar atrás de algo específico. Responde que não muito: as coisas mudaram depois da promoção, sua vida era diferente.

Diego deu bom dia ao sargento que ocupava a mesa ao lado da sua, o responsável pela Esquadra de Poemas Modernistas, mas não ouviu resposta. O homem mais velho lidava com a documentada, sisudo, o nariz oculto pelo tablet.

Primeiro dia no cargo novo e, pela falta de indicações do que fazer, começou por existir e ocupar seu novo espaço: uma cadeira, uma mesa e um novo uniforme. Fora isso, era o mesmo.

Com o terceiro Nescafé Expresso frio em sua caneca, o outro sargento deu sinal de conhecimento de sua existência. Cê é o garoto do Homem-Aranha, certo? Disse que sim, era seu primeiro dia, com quem poderia falar para

"Putá sorte, ein?"

Valla contou sobre como havia feito a apreensão, sobre o tempo seguindo os sequestradores, o esforço de atenção e de memória até entender o que havia de errado, mas o outro seguia no tablet. Não foi sorte, disse. Chame como quiser, respondeu o mais velho.

O psicólogo revela que o encontraram desacordado no acidente. O carro e a ambulância estavam no trecho de cimento entre o Viaduto Colorado e a Rodoviária. Que ambulância? A que o tirou do viaduto, caiu sobre a porta do motorista e a afundou. Se não fosse pelo airbag, talvez não sobrevivesse.

A ambulância ficou ali, abandonada. Um homem com máscara branca e óculos escuros saiu dela, pegou uma caixa no carro de Diego e fugiu na garupa de uma moto automatizada, que o seguia durante o percurso. Rastream a moto por drones e satélites, mas a perderam num trecho da periferia de Curitiba 3, sem cobertura visual. Não sabem de onde veio ou para onde foi.

Além disso, no seu bolso descobriram um papel dobrado, era um texto em prosa que, ao ser buscado no Google, não acusou autoria anterior, era arte original.

Algumas semanas depois da promoção, acostumado ao cargo novo e tendo gasto todo o bônus, a rotina virou um marasmo. Ao sair da delegacia, assistia os outros irem embora com seus Nikes e Levis e Lacostes, sem as fardas, cada um sumindo no próprio carro. Bernardo arrancava à frente dos demais para mostrar o caminho, não que precisasse, apenas a cultura de matilha entre os soldados.

Diego criou uma nova rotina para enquanto não recebesse outro abono ou ampliasse seus números de crédito para voltar às compras e encontros. Passou a trocar a farda pela camisa HB, jeans C.K. e sapatênis Adidas Social, mesmo que fosse apenas para pisar no acelerador do Ford Ka City - a ser trocado em breve. Não desfazia a postura de militar, o cenho entumecido e a voz de mandar calarem a boca - ainda estava em serviço. Apenas trabalhando por fora, como fez por acidente no caso do sequestro, ascenderia dentro do COCA.

Começava a ronda extra pelo centro de Curitiba Zero e dali rumava para alguma periferia, buscando um morarrua que pudessem vender alguma informação ou humanistas e artistas de quem pudesse tirar algo. Sem pressa, escaneava os rostos atrás de um relevante. Sentia orgulho por não pertencer à sarjeta cheapster em que a cidade se transformava.

Às vezes, dirigia até Curitiba 4 visitar seu container, revirava os vinte metros quadrados atrás de coisa alguma, abria uma ou outra caixa antiga, pegava os jogos de tabuleiro da infância sem lembrar como funcionavam, antiguidades que não serviam de nada. Os largava ali e ia embora.

Ligava o rádio do carro e pulava de estação em estação para ouvir as propagandas, buscando promoção, liquidação, clube de vantagens ou qualquer outra forma de pontuar mais. Duas da manhã, sentia o cansaço e mudava o destino para casa.

Conforme melhora, liberam meia hora de iPad nos intervalos, quando o psicólogo sai do quarto. Pelo tablet, descobre sua própria história, de como na manhã de terça seu Ford Ka City foi tirado da pista quando uma ambulância adesivada com o logo da Red Bull - patrocinadora do veículo - se jogou contra ele. O caso repercutiu de forma inesperada: seu número de seguidores cresceu dez vezes e, além das mensagens de melhoras, havia campanhas pedindo notícias do hospital, posicionamento da Polícia Militar e do Governo; além da #Pray4Valla, outra ganhou os trending topics, a #BoicoteRedBull. Cobravam a marca de energéticos pelo acidente, como se fosse ela a culpada, mesmo com peritos dizendo ser obra de terroristas artísticos.

Alguns críticos debatiam o que Diego fazia ali fora de seu horário de trabalho. Levantaram a possibilidade de que trabalhasse com algo ilegal, talvez envolvido com arte, até. Sente a cabeça doer ao ler essas opiniões, nunca faria algo assim, mas não lembra o que fazia.

Ainda assim, a narrativa foi definida a seu favor: uma célula de terrorismo artístico tirou um policial militar da pista e ameaçou sua vida. A vida de um policial curitibano. De alguém que defende a justiça no bastião punitivo do Brasil.

A cidade está preocupada. Sente-se insegura. Diego havia se tornado o mártir que sentiu sua dor e medo, o herói contra essa sombra criativa, uma celebridade de momento. Os consumidores de Curitiba estavam ao seu lado nessa luta.

Escreve uma mensagem para os milhares de seguidores, diz que está bem, melhorando e que logo estará na rua atrás desses que mexeram com ele e com a cidade. Não publica, claro, não apenas pelo bloqueio, mas mesmo se pudesse, não o faria. Quem sabe aqueles críticos não tivessem certos: havia mesmo trabalhado pra artistas? Viria daí a pressa da PM pra que se lembrasse?

Encontrou o terreno e pulou o muro, as roupas de marca roçavam contra o mato alto. Teria nada ali, claro, nem cachorro pra cuidar do lugar, nada além do galpão e uma casinha aos fundos, abandonada, quase invisível sob a luz dos postes.

Atravessou o cheiro de mato molhado e encontrou a porta de correr presa por corrente e cadeado. Voltou pegar o alicate no porta malas.

Se tivesse algo ali, como prometeram os poetas que prensou mais cedo, seria algo pequeno, mais do mesmo, quem sabe um quadro escondido numa velha oficina, um index com algumas edições de Pellanda e Evaristo.

Provável que o empenho não fosse recompensado, alguns livros não trariam um cargo melhor.

O psicólogo volta do fim de semana de bom humor, brinca com as cortinas abertas, do jeito que Diego detesta, ri e pergunta se ele está adaptado?

Adaptado?

A vontade é de perguntar se ele, o psicólogo, estaria adaptado ao acordar em um hospital com a perna esmagada, sem lembrar o motivo, todos os movimentos sendo motivo de

dor, o rosto em cicatrizes, pontos pelo couro cabeludo e um braço quebrado - o que, aliás, ao investigar o todo, não parecia tão ruim.

Sim, responde, está mais adaptado.

Como não mandariam ninguém? Diego gritou para o celular, como se pudesse resolver alguma coisa hostilizando o bot de atendimento do COCA. Os dados não se importavam com sua emergência ou a extraordinariedade da situação: se não havia civis em perigo, não havia urgência. Não viriam viaturas em sua busca pois acontecia um festival de hip hop em Curitiba 3, periferia envolvida, chances de troca de tiros e casualidades, as unidades disponíveis foram destacadas para a região.

Além do mais, disse o bot, o sargento estava fora do horário de serviço.

Em sua voz artificial, Diego notou certo prazer.

Esses cacos de história não me ajudam em nada, disse o psicólogo, vamos nos concentrar em três questões: onde você estava?, o que tinha na caixa?, quem era o motorista da ambulância?

Diego percebe que ele está apressado, os superiores devem cobrar algum retorno, mas como fazer para completar esses espaços em branco?

Dentro do galpão, com apenas o LED do celular para iluminação, viu pilhas de caixas pardas, organizadas e prontas para entrega. Viu também um estúdio com paredes espelhadas e um corrimão para alongamentos, coisa de dança, talvez de teatro, não sabia dizer. Ao lado, dois tecidos de seda corriam do teto ao chão, ambos vermelhos, escarlates, como se deixassem o forro sangrar. Um ateliê de arte, também, com quadros em branco, alguns pintados, mistura de tintas e colagens e texturas, os cavaletes improvisados com madeira de demolição e paletes. Ao fundo, uma biblioteca de prateleiras largas, profundas, mais um depósito de papéis que uma estante. Próximo de Diego, caixas de ovos, violão e guitarra, baixo e bateria, tambores e não sabia o que eram os outros instrumentos, tão diferentes dos que via em videocliques e competições de rock. Sacos de cimento e enxadas, o lugar ainda não estava pronto.

Iluminou o caminho por onde entrou e a luz vacilou em sua mão: quatro letras pichadas, cada uma de um jeito, com personalidade, feitas por artistas diferentes, uma sigla que todo policial conhecia: FICA.

A porra do FICA.

A porra da merda do Fundo Ilegal de Correria e Arte.

Era dali que vinha a verba, os números que fizeram o FICA crescer tanto nos últimos anos, ou dali que viriam os próximos, a construção ainda em andamento.

Tentavam se adiantar ao FICA, sem sucesso, pois apesar de anarcopoético, os caras eram organizados, sabiam se proteger.

Onde já se viu anarquista organizado?

Ninguém clamava autoria pelo FICA, nenhuma figura pública, mas todos falavam do Curador, quase uma entidade a girar pela ilegalidade curitibana, entre saraus e exposições.

Essa apreensão era boa, era ótima!

Havia descoberto o maior escoadouro de arte ilegal da capital. Que vitória para Valla, que vitória para o COCA! Era dever dos frouxos da civil descobrir esses shoppings de arte, o que traria ainda mais moral por poderem zoar os PCs da corporação irmã. Não apenas os superiores o aceitariam, mas receberia o respeito dos inferiores.

Ouviu um som e, ansioso, levou a mão livre sobre o coldre de couro legítimo da Taurus calibre .40. Não devia ser nada, pensou, um rato. Não do tipo artista, mas um animal. Não do tipo artista. Ria consigo, bobo pela descoberta, uma risada baixa no fundo da cabeça.

Na meia hora de iPad, Diego se ajeita na cama e até esquece o incômodo da perna. Não precisa dela para ir de loja em loja online ou visitar os conhecidos pelas sociais, mesmo sem interagir com eles. Lida com suas sociais e compras, mas nada de curtir, compartilhar e etc, bloquearam essas funções.

Preparam um projeto de acompanhamento de mídia para seu retorno à sociedade, tamanho é o buzz fora daquele hospital. Qualquer ação online reverberaria demais e se faz necessário um profissional de relações públicas para isso. Diego se sente maior do que lembrava ser.

Aproveita para ver como estão suas compras. Tanto tempo sem gastar nada deve ter impacto em sua pontuação nos clubes de vantagens e na hierarquia de consumo. Imagina se cai de consumidor 2 para 3? Passeia por web stores e busca promoções, mandando entregar em seu depósito pessoal.

O carrinho de compras online o relaxa.

Se ajoelhou ao lado de uma das caixas e usou sua faca borboleta pra rasgar a fita 3M que prendia as abas. No interior, um pout pourri de mídias. Conforme as olhava, preenchia a lista de provas em sua cabeça:

Quatro CDs:

Álbum Cadê o Professor?, da banda 3 e ½ pistolas carregadas. A capa mostra um corpo estendido no varal de um jardim.

Álbum Ridicionário, do rapper Equívoco. A capa mostra uma bunda masculina nua sentada sobre um Dicionário New Michaelis.

Álbum Óleo em Tesla, da dupla Costela de Eva. A capa mostra duas mulheres encapuzadas.

Álbum O Mais Rico Relevô, do cantor Você acha que vou falar meu nome, seu grande imbecil? A capa mostra uma digital.

Dois posteres:

Fotografia de um Porsche retrô sendo usado como galinheiro, assinado pelo fotógrafo GoldenShow.

Desenho de um policial com uma glande no lugar da cabeça, assinado pelo ilustrador Oprimismos.

Um zine:

Acabou o gás do COCA e outros poemetes.

Quatro pen drives sem identificação:

Um vermelho.

Um vermelho e amarelo.

Dois amarelos.

Um livro:

A Desobediência Civil, por Henry David Thoreau.

Uma história em quadrinhos.

Folhas soltas, tamanho A5, dobradas ao meio, com textos variados.

Aquilo era um kit.

Gourmetizaram a arte ilegal.

Pegou uma das folhas soltas, desdobrou e leu. Era prosa, não devia passar dos quatro mil toques, assinada por Alívia. Assinatura a caneta, letra manuscrita, fetichismo, a Alta Curitiba devia receber isso em casas e apartamentos, em suas varandinhas gourmets enquanto Diego e outros dos seus se arriscava para limpar a bagunça criada pelos créditos pagos. Com tantas

opções liberadas na televisão, internet e cinema, porque se davam trabalho por aquele entretenimento ruim e ilegal?

Diego completa duas semanas fechado no quarto sem ânimo para pedir que fechem as cortinas, não acendam todas as luzes, o branco tão branco tão radioativo aos seus olhos, exausto pelo esforço ao ir ao banheiro com o auxílio de enfermeiros, muletas em forma de gente. Logo começará a fisioterapia, dizem os médicos, fora isso, só pode esperar.

Esperar pelo que?

Esperar sua recuperação. Esperar descobrirem algo sobre o texto que trazia no bolso. Esperar pela equipe de relações públicas que iria trabalhar suas sociais.

E enquanto espera, acompanha a decadência de seu nome na internet, cada vez mais esquecido pelos usuários. As hashtags perdem a força e a história é abandonada pouco a pouco. Alguém a traria num bate-papo dali alguns anos, quem sabe, num café. Não apenas deixa de ser assunto, mas também dissipa a energia em torno de sua história, a solicitação que se fazia necessária para vencer a inércia e criar um movimento à frente.

Viram em Diego alguém disposto a ir além do esperado, e em sua busca estava um pouco de cada consumidor de bem - ao menos assim havia lido em um dos posts mais compartilhados.

Se sua figura inspira esperança, não é um crime deixá-la morrer?

Novamente era oprimido por um artista, ou mais, mas se ergueria como o fez tantos anos. Não basta ser a denúncia e a punição, seria algo mais.

Ouviu um tec de interruptor ecoar pelo galpão e as lâmpadas fluorescentes fizeram os olhos de Diego arder; levou a mão sobre a vista para se esconder na própria sombra. Olá, alô, ouviu numa voz falhada. O branco tão branco deu descanso e o 3º Sargento enxergou um adolescente do outro lado do galpão: shorts esfarrapado e sem marca, os pés em meias enfiados em chinelos, a camiseta azul clara com uma grande tarja preta, tosca, fosca, tinta jogada sobre o tecido para cobrir o logo da Puma, Nike ou Adidas, uma mancha que começava na altura do coração e dava a volta sob um dos braços, até as costas, coisa de artista.

Era um parceladinho dos artistas, com certeza, pago em dinheiro papel ou arte. Tem consumidor que joga a vida fora por cada porcaria. Estático, Diego não sabia se enrolava o moleque ou puxava a arma, não que tivesse problema em fazer o segundo: tudo é justificado contra a arte.

O menino decidiu antes e correu para fora.

Diego levou a mãos às costas, mas sem puxar a arma, impossível encontrar o menino lá fora, o moleque conhecendo o lugar e Diego no escuro, LED levantado, tendo de adivinhar onde o outro foi.

Merda, falência, caralho, logo teria gente perigosa por ali, mas não estaria quando chegassem.

Enfiou o papel no bolso e pegou uma das caixas de arte gourmet, passou pela mesa e puxou papéis que estavam por cima, guardando dentro da caixa.

Fugiu rápido feito transferência entre contas de um mesmo banco.

Com o iPad Fly na mão, ninguém mais no quarto, faz o download do WallPiece, há tanto esquecido, inclusive por ele, inclusive pelos técnicos de informática que configuraram seu tablet.

Tira uma foto de si, pouca luz entrando pela fresta da cortina, mas o bastante. Na selfie, o rosto abatido, as cicatrizes visíveis, quase exaltadas, assim como um sorriso de quem diz que não está morto, que continua forte e a luta apenas começou.

Estou bem, escreve na legenda, me recuperando para voltar ao batente e pegar essas filhas da puta. Pensa um pouco antes de publicar, pesa o efeito das palavras e troca batente por trabalho. Marca no post que está com a Polícia Militar e com o COCA - páginas oficiais. Faz check in no Bayer Hospital Curitiba, seleciona suas principais redes para compartilhar a mensagem e a publica.

Publica e bloqueia a tela do iPad, acompanhando os likes e compartilhamentos e respostas e mensagens inbox, uma metralhadora de notificações que borra a tela.

Durante a fuga, com a caixa no banco do passageiro, uma ambulância emparelhou ao lado do Ford Ka City de Diego. Os veículos dois lado a lado.

Viu o motorista se esticar sobre os bancos como se quisesse dar um aviso do tipo sua porta está aberta ou a luz de freio queimada, trazia a cara próxima à janela do passageiro, o olhava e ria. Era um homem branco, careca e irreconhecível, o branco era tão branco pois tinha o rosto lambuzado por uma pasta, uma máscara de pomada sob os óculos escuros.

A risada era alta, a ouvia sob os gritos da sirene, sob os próprios gritos, pois não desviou a tempo e, quando o viaduto baixava ao nível do solo, a ambulância se chocou contra o carro de Diego, empurrando-o sobre a mureta de concreto, atravessando também a proteção

de metal enferrujado que se abriu como manifestantes sob a cavalaria, deixando o veículo do 3º Sargento ser atirado do viaduto, a ambulância caindo junto.

Conforme a inclinação de seu carro mudava na queda, Diego viu o céu, o horizonte de prédios, a avenida distante, a velocidade do carro somada à aceleração da gravidade, segundos que pareciam se estender por horas até finalmente ver os trilhos do trem e nada mais.

Ao contrário do esperado, o relações públicas contratado está tranquilo, feliz com todo o acontecido. A mensagem do dia anterior obrigou a polícia a agir, diz a Diego, esparavam que tudo fosse esquecido por medo de algo se voltar contra eles. Não viam ali uma oportunidade - e que oportunidade!

"Mas pra nossa sorte você notou e publicou nas sociais. Reacendeu o momento!"

Seu nome é Afonso. O da mulher ao seu lado, cada um em uma cadeira, é Laura. Quando entraram, pensou que ela fosse filha do relações públicas, de quarenta e poucos anos, ela aparentando quinze, quem sabe dezoito. Estava errado. Laura documentaria sua recuperação, faria o acompanhamento audiovisual dos próximos meses, captando imagem e áudio para, mais à frente, usarem sua narrativa como fosse conveniente: clipes, um documentário, vídeos motivacionais. Quando retomasse o trabalho policial, inclusive, ela estaria com ele.

"E quando seria isso?"

O relações públicas não sabe dizer. Se desculpa pela falta de informação, não é sua área, afinal, e tem a fisioterapia e a liberação do psicólogo, antes, mas aproveitariam esse tempo para fazer de Diego uma figura pública que agregasse valor ao COCA. Seriam um trio para alçá-lo além de qualquer 3º Sargento, seria espetacular, estupendo, estupefante, diz o RP, Valla seria o Capitão América curitibano.

Laura, por sua vez, permanece calada, tão pequena e magra que poderia não estar ali.

Diego responde cada comentário com um sim, um aceno positivo, ainda atordoado com a velocidade com que tudo aconteceu desde a postagem. Apenas um e-mail de repreensão, mais nada. Ao postar, pensou que seria preso ainda no hospital por desacato. Nada, tinha mais importância pra PM na vitrine do que em cana.

Afonso pergunta se tem alguma dúvida.

Encara Laura, mas se dirige a Afonso, e pergunta se não ficará difícil para ela acompanhar o trabalho de um policial.

Laura se levanta e caminha até perto da cama de Diego, estica a mão para um cumprimento. Fica longe, porém, e Valla precisa se esticar para alcançá-la, gemendo pela dor. Laura aperta sua mão e a balança para cima e para baixo, olhando-o entre os olhos:

"Relaxa, a gente quebra essa dificuldade aí."

Solta a mão de Diego e se encaminha à porta, pegando o moletom no encosto da poltrona e sumindo ao vesti-lo. Vai descer fumar, diz, não precisam dela para o resto.

O psicólogo pede para que Diego abra a caixa mais uma vez, que a mentalize e descreva novamente cada objeto. Diego o faz, fala dos CDs, dos pen drives, do livro e dos textos, passa rápido pela história em quadrinhos e se demora nos pôsteres, tanto por achar bonito o carro da fotografia quanto por não entender o policial com a cabeça de pênis.

"Não vejo sentido, só isso."

O psicólogo diz que não tem problema e pede que volte à história em quadrinhos. Sempre fala dela tão rápido, tão indiferente, como se fosse familiar, até.

É isso mesmo, não há nada de inovador naquela HQ para que fale sobre ela.

"Fale sobre o traço, mesmo, o que acha do desenho?"

Nada demais, com certeza. Não entende, inclusive, porque aquilo não seria aceito como entretenimento. Não pela falta de carga política, não chegou a ler a história, mas pelo traço que lembra rabiscos comuns em sua época de moleque.

"Comum onde?"

No colégio, claro, em papéis nas mochilas de outras crianças.

"Quais crianças?"

Não de todas as crianças.

Mas de uma, ao menos.

De Sérgio Farias, dono do primeiro murro que Diego levou.

Afonso está mais animado que da outra vez, Laura segue quieta.

Enquanto ele conta sobre a repercussão da volta de Diego às sociais e o zum-zum em torno disso, ela espalha câmeras pelo quarto: pequenas esferas com um ponto vermelho, que se movem por vontade própria, e um microdrone, também autônomo.

"Ainda não acertamos tudo, mas parece que o Comandos e Operações Contra a Arte vai aprovar o patrocínio."

"Que contrato de patrocínio?"

Devia ter prestado atenção ao que Afonso falava, ao invés de acompanhar Laura, que agora analisa pela tela do celular o que as câmeras captam, ela olhando pra Diego de diferentes ângulos.

O RP explica que, ao reacender o fuzuê, a Red Bull se viu forçada a tomar uma atitude pública e propôs patrocinar Diego como faz com seus atletas. É um win-win, todo mundo ganha: eles, o COCA, você, eu, Laura ali, todo mundo!

Observa Laura, mas essa não tira os olhos do celular mesmo tendo seu nome falado. Não precisa. Ela vê tudo por ali, e assim será durante sua fisioterapia, a começar naquela tarde, e durante tantos e tantos outros dias.

02.

Lívia sente a mente longe, querendo fugir, buscando salamandras cor d'água embaixo da cama ou delírios alados fora das janelas do apartamento. Nada. Nenhuma magia. Apenas um par de drones outdoors ali fora, anunciam que o melhor equipamento de segurança para ter gato em prédio é Whiskas, que ele não vai querer sair de casa. Péssimo. Gostaria de dizer ao publicitário responsável: péssimo. Tão péssimo que empacota o lirismo fantástico dentro da cabeça e volta para o quarto, onde discute.

Ou melhor: ouve.

O que mais irrita Lívia no sermão de Dana não é a falta de espaço para contra-argumentar ou a atitude superprotetora que evidencia os quase 15 anos de diferença entre elas, Dana parecendo mais uma mãe que uma namorada, mas a calma com que a mesma coloca as coisas, tanto controle da situação, sem alterar o tom ou o humor. Você pensou que eles poderiam ter matado aquele policial e seu nome ali no meio? Nome não, Lívia diz, codinome. Sentada na cadeira de leitura, puxa os tênis para perto de si e começa a calçá-los, tirando a atenção de Dana, buscando manter a última palavra. Não funciona: Alívia não é um jogo de palavras tão inteligente quanto pensa, e você coloca muita verdade em seu texto. Quantas besteiras saem da boca de Dana, Lívia é cronista, trabalha com a verdade, e mesmo com o discurso realista fantástico, não poderia ser de outra forma. Mas não adianta levar a conversa pra frente, até porque, se responder, soará agressiva, não tem a presença calma de Dana, o que achava tão excitante antes, quando a namorada ainda fazia sua arte na calada da noite, confrontando o sistema todo, sem mudar a face um momento que fosse. Não agora, quando o que admira se vira contra ela. E se for agressiva, sabe que Dana usará isso a seu favor, como se só por ter o espírito inflamado perdesse a discussão.

Aperta o laço do segundo tênis e se levanta. No silêncio do quarto, apenas o ruído da televisão na sala, encara Dana, os olhos passeando pelos detalhes do rosto da namorada, tão bonito, tão cansado. Precisa de tempo para desembaraçar os pensamentos e voltar de forma ativa a esse diálogo. Pega a mochila da academia do chão e vai até o armário, apanha um par de sapatos velhos e, do index atrás do fundo falso, uma edição de Pedro Páramo disfarçada de livro sobre ortografia. Enfia ambos dentro da mochila. Vou na Tijucas arrumar os sapatos, falamos na volta. Sim, tudo o que você precisa é de mais infrações. Lívia não responde, não sabe o que dizer, ainda não.

Sai para a sala seguida por Dana, que busca continuar a conversa, mas desiste quando Lívia desliga a televisão e pega o celular, calando o ambiente. Sem o abafador de som, Dana se encolhe perante o microfone livre, chega a ser triste essa sua namorada, esse dragão que

se transforme em libélula pela simples presença da tecnologia. Olha para Dana e mexe os lábios sem deixar o som sair: paranoica. Quando abre a porta, porém, sente a mão mais leve da namorada, prótese da época de luta artística, se fechar sobre a sua que segura o celular, o hálito quente perto do ouvido, o peso de um sussurro: se tem chance da polícia vir aqui, não vamos cozinhar jantar algum.

O boicote, claro, estava demorando. Lívia puxa a mão com força e sai para o saguão do elevador, ouvindo a porta bater atrás de si. Prefere assim, de qualquer forma, quando a calma de Dana desmorona e o tom passivo é rasgado pela agressividade escondida. Ao menos ela ainda sente algo.

Entra no elevador, aperta o térreo e as portas se fecham, quem essa vendida pensa que é?, se a polícia viesse, o jantar seria o de menos, a própria Jordana seria o grande problema, e queria vê-la fingir ser outra pessoa, procuradíssima do jeito que era. Devia ter falado isso: se a polícia vier, melhor você não estar aqui. Que raiva tinha quando isso acontecia: pensar na resposta logo depois. Um pouco ou bem mais tarde era o de praxe, mas logo após era inverossímil demais. Muito que devia ter dito isso para ela, e não pode esquecer, não vai esquecer, nem que o argumento a ronde o dia todo.

Olha para si mesma no espelho e não aguenta mais, precisa destilar sua interioridade, deixar fluir seu lirismo - dentro de sua cabeça ainda é liberado criar. No reflexo de sua orelha direita, vê dois minúsculos braços saírem de seu ouvido, as mãos agarram-se à parte de fora da cabeça e fazem força, puxam o que há lá dentro, primeiro sai uma cabeça, igual a de Lívia, com o cabelo preso e dois ramos soltos a enquadrar o rosto, um de cada lado, em seguida aparecem asas finas e quase transparentes, um tronco magricela, por último as pernas e os pés. Uma pequena fada que, ao sair, abre as asas e as bate de forma frenética para alçar voo, logo possui o tamanho de um punho, a voz estridente e briguenta, se a polícia vier, chia, melhor você não estar aqui. A fada coloca ênfase no você, para que Lívia não esqueça, melhor você não estar aqui, que é pra machucar. Se a polícia vier, repete cada vez mais agressiva, melhor você não estar aqui, empurrando o indicador contra o peito da namorada, no você.

Lívia aperta o botão do próprio andar, quem sabe voltar, lançar a fada em Dana e ir embora. Muito mesquinho?

A porta do elevador se abre e Lívia sai antes que resolva voltar para casa - quem sabe a fada se cale durante a caminhada. Cumprimenta o porteiro com um aceno e sai para a Cidade de Poucos Ois no Alto da XV. Acha as expressões Alto e da XV muito mais charmosas e significativas que Bairro Coxa, como a região ficou conhecida desde que o Curitiba paga a

taxa de patrocínio à Prefeitura. Outra coisa com que Dana deu para implicar, aliás, lembra-se ao caminhar pela Rua Amintas de Barros. Head and Shoulders Street, disse Dana certa vez, acostume a chamar as ruas pelos patrocinadores igual a todo mundo, ou vai conseguir problemas por causa de nada, a gente tem que se manter sob o radar dos ordinários. Ordinários, bela palavra, como se elas mesmas não se tornassem cada vez mais iguais a eles a cada ano.

Na insistência pelo jantar, uma tentativa de acender essa fogueira de volta, um jantar caseiro, coisa retrô, proibida, é verdade, mas aconchegante e, ao mesmo tempo, revolucionário. Comprariam os ingredientes numa feira subversiva num porão do São Francisco, coisa rápida e certa, Lívia tinha dinheiro físico que o Fundo Ilegal pagou pelas crônicas e poderia bancar essa parte. Se faltasse, era só comprar congelados e delivery como todo mundo, mas reutilizar os ingredientes. E o lixo?, a voz de Dana como manteiga passada sobre o pão quente, como faremos com o lixo? Se era um problema ou mais uma das paranóia, de fiscalizarem até os restos, não sabia dizer.

Passa por caçambas de lixo da construção civil e pensa em como poderiam só depositar os restos ali, ou na lixeira de um prédio vizinho, que fosse. Era só jogar em outro lixo. Mal formula o pensamento e ouve o eco do mesmo zunindo atrás de sua cabeça, outra fada voando em torno de si, cricando para jogarem em outro lixo, a vizinha chata, sua própria voz, briguenta porque sabe que, agora, tem razão.

Concentra-se em seu pisar sobre as pedras de calçamento, grossas e lisas, encaixadas com espessas faixas de cimento entre elas. Gostaria de senti-las ao pisar, não essa coisa abafada que era caminhar com seu tênis Nike de sola grossa e amortecimento em gel. Logo sentiria o chão de volta ao arrumar o par de sapatos na mochila. Era presente antigo da namorada, inspirado em uma conversa quando Lívia revelou gostar de andar descalça, fosse sobre a areia da praia, um gramado ou na cidade, mesmo, sentindo o calçamento frio à noite ou o asfalto quente de dia, é tanto que se perde ao não sentir as texturas da cidade, por piores que sejam. Presente de dois anos de namoro: pra lembrar de mim sempre que andar por aí. Foi pouco antes de morarem juntas. Um par de tênis simples e resistente, a parte de cima feita de tecido, os cadarços delicados e confortáveis, para não marcar o pé, a sola de silicone ultra-resistente, apesar de maleável. Não deixava sentir a temperatura, mas os desenhos do caminho eram nítidos ao tato. No começo, Lívia não os usava, temia que algum policial a perguntasse que apetrecho cheaponga era aquele. Por isso, Dana havia pintado os sapatos, os

deixando brancos com três listras pretas, descendentes, uma imitação de Adidas que convenceria os olhos menos interessados.

Onde está aquela Dana que tanto ama?

Outro flap flap de asas, essas mais vagarosas, tristes, uma fada que chora: onde está a Dana que tanto ama?

Ao chegar à esquina com a General Carneiro, Cheddar McMelt Street, vira à esquerda e corta o quarteirão por dentro do prédio da Antiga Federal, Universidade Positivo do Paraná, onde cursou letras. Entre a escada e o pátio, ouve a própria voz em outros tempos, mais nova, animada, tô namorando, cochichava para a amiga esconder o celular na mochila, vem comigo, aos gritos sussurrados disse que estava saindo com a escultora foragida.

Na época, uma escultura de Dana havia atravessado a doma de vidro do Largo do Shopping Curitiba e pousado sobre a fonte: o shopping movimentado pelas compras de fim de ano e um grande punho mostrando o dedo do meio caindo dos céus, levado por drones industriais. Dana era a promessa do novo, de uma aventura fora daquele mundo de baixa burguesia que Lívia tanto esculachava nos trabalhos da faculdade. Agora, não mais, e ao suspirar pela lembrança, acaba por soprar uma fada tacanha, de asas miúdas e ombros baixos, que também suspira, voando mais baixo que as outras quatro.

Continua pela Doutor Faivre, Finasterida Street, e vira na Rua XV, patrimônio histórico e impatrocínável, seguindo na mesma direção dos carros.

A cara da cidade muda, a calçada fica mais disputada, estreita e ocupada por pessoas de terno, estudantes de fones de ouvido e tantos morarruas carentes que mais parece um condomínio a céu aberto. O nojo e a beleza do centro, escreveu em uma de suas primeiras crônicas, ainda engavetada, ao falar daqueles que ocupavam as calçadas como se fossem grandes apartamentos.

Dana foi a única a ler esse texto, e gostou.

Ouve um oi às suas costas: Oi, Lívia?, quase não te vi, quanto tempo! É Cecília, quase amiga do ensino médio, colega de anos de distância, com roupa de academia, mas sem suor. Se cumprimentam e conversam as coisas de quem se encontra na rua: pra que lado vai?, eu também, te acompanho mais umas quadras, aí vamos colocando o papo em dia. Tagarelice mais da colega do que de Lívia, que apenas aceita, passiva em sua caminhada, as fadas invisíveis para a outra voando para longe, espera que voltem, precisará delas mais tarde.

Abraça a mochila e segue, agora com companhia.

Cecília se formou em arquitetura, mas não chegou a exercer, nunca, nunquinha, se casou com um homem mais velho, ganhou um sedan vermelho, mas é autoguiado, nunca tirou carteira de motorista, na verdade, aí deixa a máquina fazer todo o serviço enquanto faz outras coisas, como mexer no celular, adora mexer no celular, aliás, e por isso Livia sabe tanto da vida dela, pelo Facebook, pois na caminhada seguem uma ao lado da outra sem dizer muito. Cecília até tenta, pergunta como vai a vida, o que tem feito, mas com tantos problemas e sem poder contar praticamente nada de sua vida ilícita, Livia fala que nada de muito interessante, dando aula, se preparando pra tentar o mestrado, quem sabe adotar um gato. Diz isso e quase se engasga em seu próprio clichê fictício. Quando pergunta e você, as respostas são evasivas e em forma de fotos no celular, das férias, dos sobrinhos, do cachorro, e de qualquer outra coisa na tela mágica que sugou a colega, transformada em marionete de seu próprio telefone.

Passam por um quiosque do McDonald's e o celular de Cecília apita. Aceita um milk shake, amiga? Livia diz que não, está bem assim, obrigada, mas sua resposta não faz diferença, Cecília a segura na fila, as duas juntas, esperando a vez de comprar. Ouve a colega dizer que tá voltando da aula de Pogoball Attack, cansou um monte, merece um sorvete. E Livia também, aliás, como está magra, está comendo direito?

Sim, está, e não quer milk shake, obrigada. Mas vai ganhar, ri, que imagina só se vai tomar sozinha. Na terceira negação de Livia, Cecília revela que ela e o marido querem chegar à categoria 1 de consumo. Ele ocupava a categoria, aliás, mas teve prejuízo com o fim do primeiro casamento e caiu para a 2. Esse ano, contudo, voltarão a ocupar a 1. Ela já estudou o Código do Consumidor de ambos sobre como pontuar mais com os produtos e clubes de vantagem adequados, também contrataram um coach de gastos para supervisionar tudo, além dos aplicativos que rastreiam as oportunidades, como o que apitou a pouco. Ela é responsável pelas compras, é o seu trabalho no momento: home shopper.

Há uma promo naquele quiosque do Mc para categoria 2, pontuará três vezes mais, não dá para perder.

Pegam os copos de milk shake e o celular vibra outra vez, promoção no Mueller, precisa ir em outra direção. Se despedem com um aceno de cabeças, cada uma com um McShake Twix Total na mão.

Livia observa a colega seguir pela Riachuelo, a cara cativa do celular, sem ver os morarruas em volta, o sorvete derretendo, será um mingau logo mais e ela o jogará no lixo, pois nem o queria, em primeiro lugar.

E os morarruas ali. Com fome, miseráveis, os únicos que ainda podem ser chamados de cidadãos, palavra tão esquecida desde que todos se tornaram consumidores. Em um corredor de miséria, uma bomba de gastos caminha, impune.

Isso daria um haikai? Talvez mudando um pouco:

Num corredor de
miséria, a bomba de gastos
sai impune.

Ficou ruim. Enfim, poesia não é a sua, melhor seguir com a prosa.

A boca de Lívia suga o canudo enquanto o cérebro cospe um pensamento: Cecília deu certo. Nessa concepção de mundo, ao menos, na de que as pessoas vivem através do dinheiro, Cecília deu muito mais certo que Lívia, Cecília com seus shorts apertados e suor seco, uma hora pulando sobre uma bola apenas porque é o que todos fazem, tão entediados em suas cabeças objetivas. Lívia e suas leituras de Bomball, Vigna e Mann?, besteira, de que adianta assuntos para conversar se não querem saber de sua vida, de sua cabeça, e se continua tímida, com medo do mundo, o par de tênis ilegais gritando de dentro de sua mochila. De que adianta sentir a textura do chão se o ideal é sentir da seda, do ouro, da tela de cristal líquido? Como se nada tivéssemos evoluído desde as viagens de Marco Polo, apenas na criação de um escambo de tempo por ego.

As fadas saem de Lívia como bolhas de champagne, saltando para fora de seus pensamentos e replicando sua insegurança, atraindo as fadas anteriores, que também voltam, velozes, estridentes.

Champagne, diz o Código do Consumidor, ideal para comemorações, para conquistas, todo momento de alegria e prazer pede um champagne. Reúna as pessoas mais próximas e abra uma garrafa, veja na lista de marcas qual a ideal para sua categoria de consumo e paladar, festeje todos os momentos e receba bônus de consumo, para ter ainda mais o que festejar.

É isso. É isso? Deve ser. Pois é isso que Cecília é, e é isso que Dana tem cobrado de Lívia há tanto tempo, que se incorpore ao padrão para não ser presa, ser excluída, como Dana mesmo havia sido, a impressão digital criminoso, enclausurada no apartamento da namorada por meses e anos, escondida de câmeras e microfones, refém do que viveu, seus antigos abrigos e oficinas jogados à sorte.

Refém do que escolheu viver.

E assim como Dana paga pela vida que esculpiu, Lívia pagaria pela que escreve, e de

bom grado, pois pior do que se arrepender pelo que fez, só gastar seu tempo e pensamentos em como teria sido se o fizesse. Não imagina, porém, esse pensamento na cabeça de Cecília, e sente-se sem imaginação por isso. Aquela mulher deve ser mais complexa do que se vê com o olhar. Mas será que é? Talvez não fosse e, por isso mesmo, não deveria seguir os passos dela, as pegadas de gastos, mas calçar seus tênis de contemplação, assim que arrumados, e trilhar o próprio caminho.

Já não percebe os morarruas em seu entorno, pedindo sua atenção, um corredor polonês de mãos em forma de garra para que ali encaixe o copo do McDonald's. Sente a testa congelar pelo milk shake que toma para se calar, mas a cabeça segue, impossível fazer a voz em sua mente calar a boca.

Se Dana estava infeliz, porque não falava ao invés de tentar mudá-la? Tudo em Lívia era perigoso, ingênuo, idiota, fora de momento, opiniões plásticas vindo da mulher que anos atrás esculpiu as digitais do 1% e divulgou para os mais pobres, perto do Natal, fazendo o Natal da periferia e dos moradores de rua. Não só, mas a mulher que hackeou os carros dos enumerados e os mandou passear pelas favelas curitibanas, mostrando que para manter a fonte de riquezas em seus triplex, uma perfuradora devastava milhares de vidas. A mulher que fez churrasco vegano na calçada para comemorar o próprio aniversário e escapou impune, servindo não apenas seus convidados, mas dezenas de morarruas, enquanto a polícia a procurava dentro dos shoppings, onde disse que estaria para um happening, onde todos os curitibanos estavam, usando a cidade fantasma do fim de semana como salão de eventos de sua subversão. Mas esse era o passado, o que foi e não o que é, pois o que é, na verdade, é uma cabeça de cabelos brancos apoiada no ombro de Lívia, finalmente confortável e fora de risco, ou assim deveria se sentir, e não vigiada, seguida, com medo de abrir a porta de casa e sair no corredor. Mas, também, imagina a dor de sentir toda a vertigem acumulada por tantos anos de luta artística, armada. E o medo de Dana se fazia algemas para Lívia: jantar caseiro é perigoso, andar com caderno no bolso é loucura e, pela Deusa, pare de chamar as ruas pelos nomes aposentados, chame pelas marcas, pelas grifes, vai que alguém te denuncia. Que denunciassessem.

Que denunciassessem.

Que denunciassessem, gralha uma nova fada. Uma não, muitas, inúmeras, pensamentos amargos que saem pelos olhos de Lívia, gotas, vagalumes transparentes e verdes e azuis e de brilho fraco, brilhos que a rondam, desbotando pouco a pouco, conforme saem, cada vez mais numerosas, as fadas, os brilhos, cada vez menores, como se dividissem-se para ocupar os

pensamentos, o limite já alcançado e cada dor se fazendo menor, ainda forte, talvez porque Lívía seque, talvez porque não haja espaço para tanto em si.

Mas há, tem que haver, pois Dana obriga Lívía a guardar tudo com sua calma no discutir, uma maratonista do pleitear enquanto Lívía se gasta nos duzentos metros de conversas rasas.

A relação esfria, dizem, é normal, mas será que normal assim, com todos? Pois, ao olhar em retrocesso, o erro parece o morar junto, o momento em que trouxe o mundo de Dana para sua casa, para seu abrigo, a fazendo relaxar, parar sua vida nômade de apartamentos vazios e ocupações coletivas. No começo, o amor ao alcance de um toque fazia o estômago esfriar, a sola dos pés e a palma das mãos formigarem, a intensidade da paixão se espalhando pela casa. E talvez se indo pelas janelas. Pois conforme aninhava Dana, mesmo que ela dissesse não querer, mais queria, mais relaxava e mais ficava. Assim trocou a mochila pronta pela sacola de roupas sujas, o olhar sobre o ombro pela tela inteligente com Netflix, o resgate selvagem do fôlego de Lívía pelo dormir de bruços.

Culpa sua, claro, pois foi com Lívía que Dana descobriu as séries e o delivery, e por ali fez sua cama. Lívía quem esticou o formão e o martelo para namorada se refazer, recriar, as solas do pé macias pelo caminhar em pantufas, dentro de casa, a barriga saliente de quem senta-se ao sofá, depois à cadeira, por último à cama, para um breve parágrafo de um romance água com adoçante antes de dormir. Para então despertar, não está com sono, não está cansada, Lívía, amor, cê se importa se eu assistir a um filme?, atrapalhando o sono de Lívía que tem que trabalhar de manhã cedo, que queria mais tempo para escrever, criar, fugir da vidinha que havia construído e que não queria, seus pais de volta em sua vida, encarnada nela e na namorada. É como assistir um vira-lata se engasgar com a razão, quando finalmente bem cuidado, escreveu em um trecho de crônica, de ensaio, de desabafo. Como se livrar disso, quando toda cronista tem uma queda pelo viralatismo, já dizia Antônio Cândido.

Lívía e Dana se amavam não mais pelo que eram, mas pelo que esperavam incorporar da vida uma da outra. Dana poderia reclamar, até, retrucar que Lívía não era mais a estudante comportada que conheceu em outro momento, mas uma troublemaker, diria, sem rir do termo gringo, mas colocado ali pra lembrar como, no começo, Lívía usava os estadunidismos naturalmente, antes de ver como uma atitude de colonizada. E, sim, estaria certa ao alegar isso, mas Lívía era outra, havia abraçado as qualidades que Dana deixava cair ao errar pela casa, catado a subversão de uma roupa costurada pelas próprias mãos, a rebeldia de uma marmitta escondida ao lado do portão, para que os morarruas a pegassem de madrugada,

guiados pelo cheiro de peixe, o caldo que colocava para que descobrissem ali uma refeição de graça, sem que policiais ou caretas vissem antes, esses sem fome, crentes de que tudo o que fede é lixo.

O presente de Lívia era o passado de Dana que buscava em seu presente o passado de Lívia, essa vida confortável que os pais haviam proporcionado.

E quão errado é sentar e aceitar o mundo com tanta porcaria por ali?

E quão esse sentar e aceitar é uma reação própria ou a imposição de quem manda, de quem vende, de quem define?

Entra na Galeria Tijucas e agradece pelo teto direito alto para que as fadas possam se espalhar, não se juntar em sua volta. Sente seu interior vazio, como se o revirar de sentimentos tivesse transformado o que é Lívia por dentro, em nada, o eco de um passado, toda sua matéria transportada para fora, transformada em fadas.

Oca por dentro.

É apenas como uma casca, então, que Lívia aperta o botão do elevador, com medo de que seu dedo trinque, quebre, se faça em pedaços. Medo da própria fragilidade, um temor justificado, diferente da paranóia de Dana, que hackeia a própria digital antes de chamar um elevador, eles escaneiam e sabem onde você está, diria se estivesse ali, eles quem, porra? Ela, aliás, com tantos menos motivos pra se preocupar, a mão direita falsa, mecânica, podendo alterar as impressões digitais, lembrança de uma troca de tiros durante o resgate de um grupo de forró pós contemporâneo.

As portas do elevador se abrem e Lívia entra, seguida pelas fadas que se apertam, o elevador claustrofóbico, cheio por ainda mais pessoas, outros clientes ou donos ou trabalhadores do prédio corporativo da Tijucas. Ninguém parece ver as fadas, os medos, a insegurança, as respostas, apenas Lívia, uma casca inabitada.

Aperta o décimo primeiro e sobe. Sobe como Lívia mesma fez nos últimos anos, ou pelo menos acredita nisso, em sua ascensão, mas sem ter uma certeza. Pois, apesar de diferente de Cecília, com suas conquistas palpáveis, as suas não podem ser descartadas por sua subjetividade. Leu e escreveu mais e mais, aprendeu a lidar com suas vozes narrativas e com suas relações, além de tirar sua bunda de posse do sofá, mexendo-se para seus próprios fins, desagradasse a quem fosse. E isso é subir, acha, mesmo que tenha custado algumas amizades, atritos na família, além de pontos de sua personalidade que foram deixados de lado, apesar de confortáveis, como poder comprar uma calça no shopping sem pensar em toda a simbologia do ato. Subiu, com certeza, mas uma subida difícil, e que quanto mais progride faz

crescer também o seu flerte com a cadeia, exatamente como fazia com meninas antes de conhecer Dana, como quem brinca, se insinua, apenas, mas ficando cada vez mais claro que esse é seu destino.

Esse tempo todo em que Lívía subia nesse elevador metafórico, outro descia, levando Dana. Descia e deixava ali a sua vaga entre os grandes subversivos paranaenses, cansada de ser artista e de ser bruxa, obrigada a fazer mágica para não cair na fogueira corporativa todas as semanas, todos os dias. Feliz por ter encontrado abrigo no apartamento de Lívía, no colo de Lívía, surpresa pela compreensão nas conversas e no carinho que o dia a dia a duas trazia. Segura, finalmente, na rotina de outra pessoa.

Como pôde demorar tanto tempo pra perceber essa gangorra? Em algum momento devem ter se cruzado, aliás, e nessa hora, acredita, a alegria foi a mais intensa possível. Foi pouco depois de ganhar o tênis, claro, alguns meses depois, quando recebeu da namorada o aval para desafiar o status quo, coisa que nem amigas, amigos, mãe ou pai haviam dado, nada além de achar isso um charminho, uma fase, algo passageiro antes de se tornar uma adulta responsável.

A porta do elevador se abre e Lívía sai, os passos vacilantes de quem é apenas a casca, seguida pelas fadas que mais parecem uma nuvem de micro ansiedades. Percorre o corredor já conhecido de outros consertos, o zíper de uma jaqueta, a lente de um óculos escuro, mas não entra pela porta do 115, ainda fechada. Fica em pé, do lado de fora, receosa.

Receio esse não pelo medo de entrar e encarar o contador idoso sentado atrás da mesa, dizer que seu imposto de renda precisa de remendo, o gatilho para que ele abra o abafador e Lívía deposite ali seu celular para, então, seguir à sala ao lado, atravessar a cozinha improvisada e o banheiro, entrar pelo box do chuveiro e sair na sala do 116, abandonada pelo proprietário há anos, transformada em oficina de pequeno reparos. Pelo contrário, o clandestino a atrai, o problema é o objetivo de arrumar os sapatos e se contentar com isso, sentir as cicatrizes da cidade ao caminhar, mas não falar sobre elas, se calando com a pizza dos fins de semana.

Arruma ou não os sapatos?

Com seu interior já vazio, sente sua epiderme entregar-se às dúvidas, fazer-se pó alado e acompanhar as demais fadas em seu arredor. Já não consegue mais distinguir suas formas, seus grunhidos, suas expectativas ou inseguranças, sabe apenas que estão ali, sobrevoando-a, desmontando quem era inteira até a pouco. Gostaria de chorar, poder focar em

um sentimento apenas e deixar suas lágrimas saírem, se é que ainda existem. Mas são tantas coisas, como escolher uma tristeza, apenas?

Aperta o botão do elevador para descer sem saber se o faz com o seu dedo ou a sua vontade, pois seu próprio corpo, até mesmo a casca, não parece estar mais ali, como se tivesse gasto tudo de si em seus dramas. Quem chama o elevador é um eco de Livia, aquilo que um dia foi Livia e agora é só instinto, pois Livia mesmo está sobrevoando esse vazio.

Aquilo que um dia foi Livia entra no elevador e não cumprimenta as pessoas, não olha, nem seus pensamentos responde para si, pois está fora, etérea. E fora, reflete sobre consertar os sapatos um dia, quem sabe, para poder calçá-los e lembrar-se do passado, mas não para viver nele. Teme essa afronta, a de voltar sem ter feito o conserto, mas não é a questão de duvidar sobre o quanto deve à Dana, pois sem ela, não estaria ali, naquele momento. Não apenas porque não teria o presente para arrumar, mas não saberia aonde levá-lo, já que a namorada quem a levou à oficina pela primeira vez. E, num segundo débito, havia sido Dana que indicou o 116 do Tijucas pra artífice, depois de usar o apartamento abandonado como estúdio por anos, até conseguir uma localização menos perigosa. Contudo, ao invés de parecer uma afronta, voltar com os sapatos como os levou também pode soar como uma aceitação, o apagamento da fagulha de subversão, o mundo ideal para Dana. Para essa Dana. Para essa que nada mais tem da anterior, que deixou alguns anos de espectadora passiva apagar tantos traços e características de terrorista ativa. O que havia sobrado daquela Dana no casal?

Aliás, que casal?, se nem Livia existia mais, apenas a ideia de uma Livia que era cobrada constantemente, limitando suas possibilidades de alçar voo. Agora, apenas fadas, apenas essa ideia de alguém, como poderia beijar e se deitar e ter orgasmos, se não estava mais em si?

O eco de Livia sai do elevador no térreo e ruma para um caminho diferente daquele pelo qual veio, seguindo para a Rua Cândido Lopes, Companhia das Letras Street, na contramão dos carros. Se apieda do logradouro com seu nome invertido com objetivos publicitários, sem ser mais o que era, o que foi, sem se tornar o que poderiam sem a imposição de cima, a massificação dos CEPs. Até onde a rua é a Cândido, a Companhia Street, a rua da Biblioteca Privada do Paraná ou algo além, algo mais, uma essência mutável que não permitem que se mostre, impondo nomes e condições? Se relaciona com o sentimento. Até onde uma Coca-Cola é apenas algo que se bebe, entra e sai, e até onde ela fica, definindo

quem a toma? Todo mundo cobrando um perfil específico, objetivo, útil. Pior: Dana cobrando um perfil específico, objetivo, útil. Suspira.

Cansada de ser nebulosa de fadas, busca uma certeza, uma posição que a faça inteira de novo, traga cada partícula em seu lugar e enfileire os pensamentos. Não aguenta mais ser dúvida de dúvidas, camadas e mais camadas de incertezas, não apenas pela última hora, mas pelos dias, pelas semanas e meses.

Cadê aquela primeira fada? A da afirmação, do ataque, melhor você não estar aqui. Isso, se a polícia vier, melhor você não estar aqui. Talvez, quem sabe, fosse melhor, mesmo.

Talvez, quem sabe, nem precise da polícia para que seja melhor, mesmo.

O apartamento livre de cobranças, o caminho livre de cabrestos, podendo ser não a Lívia de antes, tão ansiada por Dana, ou a de agora, ainda em formação, mas uma outra, acima das demais. O fim necessário para outro começo.

Isso: o fim.

Ou um fim, ao menos, antes que o que se encerre seja seu potencial, sua vontade de agir, sua essência, até, quem sabe, diagnosticada morta antes que pudesse respirar. No fim, uma decisão, enfim, uma que não faça necessária a fala de se a polícia vier, melhor você não estar aqui, pois não é sobre isso, rancor e vingança, mas sobre o que é melhor para uma e para outra também, quem sabe, esses caminhos separados já que tão diferentes uma da outra. Uma atitude das tantas planejadas se acomoda, então, e a fada decanta feito pólen pelo ar, a primeira de todas, a do elevador, com os dizeres melhor você não estar aqui, *você não estar aqui*, desce e se acomoda sobre a silhueta do que um dia foi Lívia, do que logo viria a ser Lívia, outra vez. Uma a uma, cada fada encontra a sua paz e refaz o seu caminho, pois não precisa mais agir de acordo com as esperanças da (ex) namorada, mas pela sua própria coerência. Volta, assim, a ser pele, carne e ossos, uma pessoa pouco a pouco, sentindo seu tutano de volta, uma pressão de fora de dentro, de dentro pra fora, e precisa sentar-se.

Alcança a Praça Tiradentes, sem lembrar o nome do patrocinador, sem ligar, aliás, para qual é a marca, o produto, pois não precisa mais decorar esse mundo de formalidades para agradar ninguém. Busca um banco para si, mas não há um livre, tantos são os morarruas, deitados ou sentados, amontoados até pela calçada da praça. Busca um lugar com os olhos, um ponto de descanso, próxima a um banco ocupada por uma mulher, a roupa das cores do banco, os olhos semicerrados, semiabertos, a olha e encolhe as pernas, liberando um espaço para que Lívia possa se sentar.

Acena com a cabeça, obrigada, e se senta. Já é toda uma, novamente, Lívia Maestri, uma verdade possível apenas por si só, e não pelo exterior. Vai ser bom chegar em casa e encontrar Dana lá, quer ter essa conversa logo, planejar a movimentação na vida das duas, nada apressado e de sopetão, mas na velocidade que acharem a correta. Não guarda rancor, como poderia?

Quem sabe Dana também não guarde, ao fim.

Sente o celular vibrar, o alcança no bolso e traz à frente dos olhos. Mal inspirou o ar no que seria uma respiração descompromissada, dessas só para existir, e engata mais uma puxada de ar, essa para se afogar, para se desfazer pelo que via na tela: Perfil Bloqueado - Consumidor de Categoria 4.

Fadas batem asas em seu estômago e o coração é um enxame de significados. Havia visto essa imagem repetidas vezes, em fotos, em zoeiras pela internet, mas nunca ao vivo, mesmo com Dana por tantos anos, nunca havia visto o celular de um procurado pela polícia, pelo governo, pelas marcas. Não apenas seu celular estaria bloqueado, mas suas redes sociais e contas bancárias, sua digital era inválida para qualquer serviço ou assinatura, até se tivesse um carro, não poderia ligá-lo. Até que reparasse seu crime com dinheiro, serviço comunitário ou tempo de encarceramento, o mais provável, seria uma pária de todo o sistema.

Como a haviam pego? Pior: por qual crime havia sido pega? Pode ser algo menor, rastrearam seu celular até a oficina, algo assim, talvez o index, talvez o conteúdo na mochila, levanta-se e começa a buscar um lugar para desovar suas coisas, se livrar do tênis e do livro. Não pode, é tarde, quando se movimenta, dois drones de vigilância se locomovem em sua direção. Seu rosto, sua voz, seus movimentos eram agora buscados por milhares de máquinas, fossem controladas por governo, empresas ou mesmo por pessoas, todo celular transformado em inimigo, em cada smart tv a possibilidade do fim. Por qual maldito crime havia sido pega? Teriam revirado seu apartamento e encontrado os livros de literatura, de receita? Teriam encontrado Dana?

Um terceiro e um quarto drone descem sobre Lívia, formando um quadrado, um óbvio quadrado que chama a atenção dos morarruas, agora acordados, assustados, se afastando de seja lá quem possa ser aquela mulher, sabendo que pode sobrar para eles. Sempre.

Dana. Conseguiria chegar à Dana? Avisá-la? Quem sabe ela pudesse ajudar Lívia a fugir, as duas errantes por apartamentos abandonados como a escultora já fez uma vez. Não daria tempo.

Quer jogar a mochila nos arbustos, se desfazer de mais um problema, uma possível ampliação de pena. Ensaia um arremesso, mas não consegue abrir a mão e soltar o fardo, abraçando-o então e que se foda, correndo para dentro da praça, na esperança de que, entre tantos morruas, os drones a perdessem. Contudo, apesar da multidão, do empurra-empurra, abrem espaço para que passe, e sente chover nos braços logo abaixo de seus olhos, até ser surpreendida por uma mão forte em seu ombro, um puxar grosso para trás, um olha aqui dito apenas pelo toque, pelo corpo, num mundo em que palavras não possuem mais motivo para ser.

Vira-se e vê um policial da guarda civil, o capacete branco escondendo os cabelos, os óculos escuros escondendo os olhos. A puxa sem falar nada, pois não precisa, ele sabe, ela sabe, todos sabem o que está acontecendo.

As pernas não são mais base e Livia cai sobre o chão, arfa, não sente o ar dentro de si, impossível respirar, tosse em seco, mãos a puxam para cima, não consegue se fazer em pé, tosse e tosse e tosse e de dentro cospe uma bola para a qual ninguém olha, apenas ela, uma bola que logo abre as asas, se põe em pé, uma única fada que a olha e diz, risonha: você devia ter ouvido a Dana.

03.

Quando Liana começou a praticar dança aérea, se enrolando em dois tecidos para subir metros do chão e ali fazer do seu corpo um objeto artístico, achou que não passaria de três aulas. Como tantas outras mudanças em sua vida, na época, essa também vinha tapar os buracos que o dia a dia antigo havia deixado ao ser arrancado dois anos atrás, com o fim da faculdade.

Pensava isso ao entrelaçar os dedos de uma mão na outra e esticá-los acima da cabeça até o máximo possível, estalando as falanges, os ombros e até o pescoço, sentindo a tensão aliviar. Aproveita que Soraia, professora e dona do espaço, está entretida com o treinamento físico das acrobatas que vão participar da competição paranaense para ter o tecido só para si, como se aerial silk ainda fosse aquela arte fluida dos vídeos que assista pela deep web. Finge-se sozinha, como se apenas ela e os tecidos estivessem ali, finalmente, sem ninguém para lhe dizer como sua dança içada deve ser.

Ouve a música tocar em sua cabeça, cada acorde decorado já que não a pode ouvir no celular. Caminha pela área em volta dos tecidos que descem do teto, passando a mão em cada um, como em um flerte.

Agarra o tecido com as mãos e puxa a si mesma para cima, enrolando um pé por

Quando Liana começou seu contato com o FICA, se enrolando em duas vidas para subir metros da mesmice e ali fazer de sua vida arte, achou que não passaria de três meses. Como tantas outras mudanças em sua vida, na época, essa também vinha tapar os buracos que o dia a dia antigo havia deixado ao ser arrancado dois anos atrás, com o fim de uma amizade.

Pensava isso ao batucar os dedos na porta de madeira antes da entrar no Café da XV, não por esperar que a abrissem, mas para extravasar a tensão do pescoço, bíceps e ombros, cada vez mais rígidos. Era a primeira vez em que se encontrava com Bip - o homem de recados do FICA - desde o acidente do policial que não só lhe custou a perda do estúdio para ensaios em construção, mas algumas noites de sono por medo de como tudo poderia desandar para o seu lado, ainda mais depois do dia anterior em que prenderam a escritora graças à investigação. O que poderiam ter contra Liana?

Coragem, porra, sussurrou para si mesma e entrou no café, cada movimento improvisado pela falta de ensaio. Caminhou entre as mesas com as mãos em si, insegura do próprio corpo, como em um flerte.

Se apoiou sobre o balcão e pediu um flaflaccino selvagem, em nome de Liana Bip,

vez para subir, degraus de tecido percorridos em passos naturais - havia estado ali outras vezes. Perto do teto, admira o entorno, mas ninguém sorri de volta, Liana isolada por sua desimportância. Passa, então, ao seu mundo, fechando os olhos e vendo-se sozinha, aproximando os membros do próprio corpo para se fechar em uma esfera, nada além de mais um ponto no universo. De caixas de som invisíveis, imagina a voz da música cantando seus males: amores, cigarros, carros batendo em muros. Liana posiciona as pernas sobre si, esticadas rentes ao corpo, como um livro fechado.

Abre os olhos e vê Soraia com um grupo de alunas, todas de cabeça para baixo, conversando. Imagina-se entre elas, como esteve tantas outras vezes, com a professora repetindo o mesmo discurso: precisamos tomar cuidado, sentir o tecido fechando, façam conforme as minhas ordens, movimentos vagarosos, sempre, mesmo que a música passe, força é o que ganha essas competições.

havia estado ali outras vezes. A atendente sorriu um sim e disse que aquela primeira sala estava cheia - mesmo com mesas livres à vista - no fundo havia mais, a quatro devia estar livre. Liana passou pela porta indicada para um grande corredor, entrando na última sala, saindo em um espaço sem outras pessoas, nada além de duas mesas com alguns celulares em cima, as câmeras apontadas para o teto genérico. De caixas de som ocultas, ouvia os sons do salão de entrada: conversas, pedidos, colheres batendo em xícaras. Liana colocou o celular sobre a mesa e saiu pela outra porta.

Em um espaço dividido em aquários humanos insufilmados, encontrou a porta com o número quatro entreaberta. Liana entrou e, ali, descobriu Bip com seu café. Sentou-se já esperando o discurso de sempre: precisamos tomar cuidado, pois o cerco está fechando, faça conforme as ordens, logo as emergências serão resolvidas e passaremos a cuidar de outros interesses, talvez até dos seus.

O interessante sobre discursos esperados é que, de alguma forma, eles ainda são necessários, nem que seja para manter a expectativa nos trilhos, o capital girando. São os anúncios responsáveis por conservar o status quo, até mesmo seus lados mais subversivos. É o que garante que o mundo não vai despencar e se fazer em pedaços ao se chocar com o chão. São esses discursos que mantêm a vida elevada, no ar, em segurança para seus movimentos.

Se não viesse discurso pronto, por esquecimento ou o que fosse, Liana tinha uns reservas gravados em um mp3 player, em sua bolsa, no vestiário, à espera de que o apertasse. Imagino que vocês estão preocupadas, diria, todas estamos, mas não é hora de deixar a insegurança nos abater. Talvez apontasse, então, para Liana - lá em cima - e diria que bocó, com seus movimentos fracos atrás de fluidez, típico de quem não é da área e se apega à beleza, a única coisa consigo. Sabia dessa fala graças ao gravador mp3, quase uma relíquia, que deixava no vestiário desde a última reunião com Bip, uma semana atrás, ao se descobrir sozinha. Liana geme forçando as pernas, esticando uma e dobrando a outra, criando graça pelo contraste: ela sendo um J imponente no alto, as meninas fortes e encurvadas lá embaixo.

Liana estica o tecido, uma hipotenusa ligando seus braços. Não é o momento para isso, pode parecer que quer demonstrar força, aliás. O que tem, mas a usa nos momentos em que a dança e a música exigem, pois não pensa no aerial silk como musculação, mas como dança, arte, e só por esse pensamento se reconhece subversiva, inclusive - e o oculta para não causar impacto. Questiona-se de que adianta fazer parte de um grupo artístico-circense se todos

Mas não veio discurso pronto. Bip manteve a mão sobre os olhos, como se os apertasse. Imagino que você está preocupada, disse, todos estamos, mas não é a hora para deixar a paranoia nos abater. Contou, então, que Livia - a escritora apreendida - era uma bocó, pois escrevia crônicas com os caminhos que fazia em seu dia a dia, com o celular no bolso, e seu texto foi a única coisa que o policial manteve consigo e usaram para rastreá-la pelos trajetos. O FICA sabia disso graças à fonte interna que Liana havia inserido, e por isso Bip a agradeceu por indicar Laura para Afonso, seu chefe, sem questionar. Liana sorriu forçando as bochechas, fechando ainda mais seus olhos nipônicos para ganhar a simpatia alheia, criando graça em torno de si para finalmente fazer a cobrança: e o estúdio para aerial dance que me prometeram?

Bip deu um tapa na mesa, tombando a xícara de café e seu conteúdo, não era o momento para isso. Perguntou se Liana não tinha aulas em uma escola de circo, aliás. Tinha, mas era quase uma academia, tamanha a dedicação à demonstração de força para participar de campeonatos e tão pouca a atenção com o som e a dança. Logo aboliram a música da atividade, inclusive - forçou um pouco para causar impacto. E?, questionou Bip, achei que você praticasse

tratam isso como uma atividade para ganhar músculos nos fins de semana.

No movimento seguinte, no tecido, pernas esticadas que só fazem estabilizar o balanço, como se a falta de chão não fosse problema, Liana surpreende um pensamento: o respeito que havia conquistado na companhia circense, ali com Soraia, era movido pelo interesse da professora pelos contatos que possuía - os profissionais, no caso, pois ninguém ali suspeita de seu envolvimento com o FICA. Oi, amiga, disse. Sô certa vez, ouvi uma história de que você trabalha com mídia e entretenimento, verdade? Sim, verdade. Então, se alguma oportunidade chegar aos seus ouvidos, algo relacionado à dança aérea, circo e tal, não se esqueça de indicar a gente, tá? Depois, foi bem tratada por meses.

Respondeu que sim, mas nada surgiu envolvendo a área, é claro, especialmente pelo eclipse provocado pelo Pogoball Atack, que Liana mesma havia praticado até parar com as sessões quando Dani, sua amiga celebridade nas sociais, passou a evitá-la e deixar isso bem claro. Faziam as aulas juntas. Instabilidade era uma constante que Liana queria fora da sua vida na época, não apenas em relação ao trabalho, mas até em seu modo de pensar, e a dança no tecido pareceu uma atividade capaz de dar forma ao vazio que era se limitar ao desequilíbrio.

arte-terrorismo, não uma atividade para matar tempo nos fins de semana.

No dia seguinte, no trabalho, sentada na frente de um Afonso que só fazia anunciar a captura da escritora, comemorando como se ele mesmo a houvesse pego, Liana se surpreendeu com uma mensagem. Era Dani, a velha Dani, ou a eternamente jovem e festeira Dani - não sabia como pensar na amiga de infância que alguns anos atrás resolveu ser uma bitch e cortar Liana de sua vida, levando também amigos que tinham em comum. Oi, amiga, dizia a falsa, que história é essa de você trabalhando com a Red Bull e o Valla?, saudades, beijos. Então seu freela havia chego aos ouvidos da interesseira. E Liana achando que atuar na produção de entretenimento pro COCA não poderia ser pior.

Respondeu que sim, trabalhava com eles, saudades também, e se odiou por não conseguir quebrar a corrente da falsidade. Dani se afastou quando Liana decidiu parar com a discotecagem em festas, quando freelava como dj, cansada de se forçar a se divertir para ganhar poucos números, descontando o que bebia, ainda por cima. Instabilidade is my bitch, era seu bordão na época, mas um dia não aguentou mais, não apenas pelo trabalho de passar a playlist pelo censor de cada bar e pelos policiais, mas pelo vazio que era se limitar a apertar o

Sem trazer oportunidades à Soraia, porém, essa voltou a ser indiferente, não de uma vez, mas gradualmente.

Pois Soraia buscava ascender através de outros meios de fama, aproveitando competições e torneios depois do contato de Liana se mostrar inútil, a excluindo de danças em dupla e treinos extras. Com o fim da simpatia e da atenção, Liana passou a ser deixada de lado pelo seu perfil fraco, sua presença desvalorizada, um mês depois e quem era ela nas aulas, no tecido? Ninguém. Assim, natural como pombas fazendo ninho em uma caixa para ar condicionado vazia, outras alunas tomaram seu lugar por terem mais força.

play. Com o fim de festas, acabou também a amizade que era anterior a tudo isso, não de uma vez, mas gradualmente.

Pois Dani havia ascendido nos anos de festa, aproveitando as entradas grátis e free drinks para movimentar suas sociais, e a diaba sabia causar nas redes. Com o fim dos bicos em boates e os pagamentos, Liana passou a ficar mais em casa, seus perfis desvalorizaram, sua presença também, um ano depois e quem era ela nas festas, nas sociais? Ninguém. Assim, natural como um rato que abandona uma lata de lixo vazia, Dani foi atrás de outros lados, ampliando seu alcance e criando um dos perfis mais influentes da cidade.

Apesar de não acreditar em signos como a mãe e toda a geração dela, Liana gosta de usar elementos para classificar as pessoas, a forma como veem o mundo e se relacionam com ele. Apesar da dança aérea e do prazer em estar no alto, não se vê como ar, pois não é natural que se expanda e domine o ambiente, mesmo que de forma sutil.

Liana é água, puro H₂O, e gosta de como o simbolismo do elemento da vida interage com toda a sua pessoa. Não pelo fato do corpo humano ser 80% água, pois todos seriam o mesmo elemento, ou pela sua ascendência vir de uma ilha do outro lado do mundo, o que faria o lado materno de sua família, todos de olhos puxados, também serem água, e não é o caso. Mas Liana sabe que, apesar dos defeitos de sua inconstância, é essa característica que a faz fluída, versátil, preparada para assumir a forma necessária a cada desafio.

Se a situação esquenta, Liana evapora e se expande para escapar por frestas ou dominar todo o ambiente. Se precisa esfriar, porém, se faz gelo, rígida, bate o pé e não há quem a vença. Na dança, quando no ar, coloca sua água em ação e traz leveza para si através de seus movimentos derramados, não mais no calor de uma balada barulhenta, como anos

atrás, pois que gota d'água gostaria de fazer parte de uma sauna? Prefere o seu suor pingando do que evaporando.

<p>Soraia é terra.</p> <p>Enquanto o tecido e a dança deixam Liana criar, Sô apenas reproduz, limitando todas as alunas a trilhar o seu método, até porque não há outra academia circense em Curitiba. Sua base é a força, a qual mostra sua estabilidade em busca de fundamentar o esporte. Para Soraia, o desafio da vida está em se manter em pé, e nesse esforço acaba por ancorar Liana, a fazendo pesada, apenas mais um objeto resistente entre os tecidos da academia. E da lama em que resultará o confronto das duas e seus elementos, Liana se prepara para ser ela a sair inteira, sua natureza transbordando o sólido.</p> <p>Liana até pediu a Soraia para que a deixasse ensaiar sozinha, podendo descobrir sua própria forma de dançar.</p> <p>Recebeu um não.</p> <p>Poderia, mas Sô não gostaria de problemas para a academia, ainda mais num momento tão sensível para a criatividade, e isso dito antes do acidente envolvendo Diego Valla.</p> <p>Deixaria de ser tão certinha, decidiu Liana depois da conversa, arranjaria outra forma para se fazer livre no tecido, dominando o seu corpo e arte.</p>	<p>Dani era fogo.</p> <p>Enquanto o passar da festa deixava Liana cansada, Dani apenas acelerava, arrastando todos que estavam juntos para outro lugar, enquanto houvesse algum aberto em Curitiba. Seu ambiente era a noite, quando seu brilho era mais notado e podia se queimar à vontade. Para Dani, a beleza da vida estava na intensidade e, em sua busca, acabava por evaporar Liana, a fazendo etérea, apenas mais um objeto para a lenda que Dani construía em torno de si, a usando como extensão de suas sociais, como usava o celular para se fazer onipresente, sua vida transformada em entretenimento.</p> <p>Dani pedia que Liana liberasse os contatos de Diego Valla e, se possível, de uns marketeiros da Red Bull.</p> <p>Respondeu que não.</p> <p>Gostaria, mas poderia trazer problemas para Liana, ainda mais num caso tão sensível para a empresa em que trabalhava como vinha sendo a comunicação de Diego Valla.</p> <p>Deixe de ser tão certinha, respondeu Dani, vamos lá, arranjo uma festa exclusiva para irmos nós três: eu, você e o atual carrasco da arte.</p>
--	---

<p>Semanas antes, visualizou uma estratégia, disposta a arriscar sua relação com Soraia ao adotar outra postura. No ensaio, toma fôlego para se arriscar.</p> <p>Soraia sempre diz que o tecido liberta, faz voar, o que é estranho vindo de alguém que o usa apenas como alavanca, extensões de bíceps e outros músculos. Até porque os tecidos são uma prisão.</p>	<p>Liana não respondeu a mensagem, já se arriscava demais com sua relação com Bip e a indicação de Laura. Não tinha fôlego para se queimar pela amiga.</p> <p>Dani sempre diz que as relações libertam, sem cobrança, o que é mentira, uma vez que Liana era nada mais que uma alavanca, um aplicativo vivo a ser usado. Até porque as relações são uma prisão.</p>
--	---

Liana sabe que há oportunidade em cada prisão e que a maioria das pessoas não a vê. Encontra-se no limite o ponto de apoio necessário para alcançar a liberdade buscada. O chão é a prisão que não deixa seguir abaixo, a gravidade é a que não deixa voar acima, mas cada um traz a liberdade de desafiar essa limitação, fazendo com que se permaneça num nível constante, permitindo encontrar outras formas de transcendência, seja em uma pá ou num par de tecidos pendurados no teto. Não há nada de errado em limitações se elas não forem determinadas pelos outros.

<p>E entre aquela vidinha sem se expressar ou se arriscar à cadeia, Liana sabe qual prefere. Com esse foco, continua ensaiando no tecido enquanto as outras alunas vão embora.</p> <p>Desce do tecido e, com os pés no chão, sente o coração vibrar. Busca coragem para falar com Soraia. Pega a mochila em seu armário e entra no vestiário, encontra a professora lá, sozinha. Que horas são?, pergunta ao vê-la sair do chuveiro enrolada na toalha, ou tá sem celular?, completou.</p> <p>Tá no escritório, responde a professora. Assim, sem escutas, Liana insiste</p>	<p>E entre aquela amizade abusiva e se arriscar a novas, Liana sabia o que preferia. Com esse foco, aceita o convite do pessoal para um happy hour, mesmo preferindo ir embora.</p> <p>Seguiu o pessoal saindo do escritório e sentiu o celular vibrar: Dani a marcou em uma foto. Tentou ver no elevador, cercada de colegas, mas estava sem internet. Vai na hora feliz?, era Laura quem perguntava puxando a carteira de cigarros do bolso, achei que você não era dessas coisas, beber.</p>
--	---

<p>que precisa de tempo no tecido, sozinha, é caso de emergência, havia se envolvido com arte ilícita e terroristas cobravam uma criação sua, ou viraria estatística. Não creio, responde Soraia, mas não é melhor chamar a polícia?</p> <p>Liana suspira e recorre à alternativa dois, dando play no MP3 em seu bolso, o áudio saindo numa caixinha de som. É ela e Soraia num diálogo truncado, mas bem editado, e até a professora parece buscá-lo em suas memórias, apesar de falso. Nele, conversam sobre trabalharem juntas em conceitos criativos, transformando Soraia em cúmplice de qualquer arte.</p> <p>Não queria chegar a isso, diz, mas preciso fazer o que esse pessoal quer, se não sofrerei as consequências - é mentira. Tenho outros áudios como esse - é verdade.</p>	<p>Antigamente, era, respondeu, até fui DJ por uns anos e isso me fez cansar de toda essa idolatria da vida boêmia, mas um drama antigo deu as caras e uma cerveja cairia bem. Pode crer, respondeu a documentarista, também tô numa situação meio merda e um álcool vai descer legal.</p> <p>Conseguiu visualizar a foto no caminho para o bar, finalmente. Era de anos atrás, Dani e Liana em uma festa, as duas juntas e sorrindo, a legenda dizendo melhor do mundo, hashtag saudades, hashtag amo mais que álcool. Sabia o preço do post de Dani e viu ali uma tentativa desesperada de se aproximar, não por saudades, mas atrás de vantagens, como sempre.</p> <p>Não queria fazer isso, responde à Dani, mas vou negar os contatos, você foi escrota comigo e isso tem consequências - era verdade. E tenho outras amigas, mais novas, agora - era mentira.</p>
--	---

De uma forma meio deturpada, o sentimento no momento tem um gosto de conquista, como se visse o proletariado fazendo justiça contra a má sorte sofrida e tomando os meios de produção para si. Pois se é ele o responsável não apenas por produzir, mas por dar sentido a todo o maquinário com o qual se relaciona, não deve ele também ter voz e dizer o que é certo e o que é errado em sua visão, mesmo que isso negue a lógica dominante? Aliás, obviamente negando a lógica dominante. Talvez não fizesse nada tão grandioso quanto esse momento, mas uma mini micro versão do sentimento ao se livrar da opressão sofrida.

<p>Ainda sem resposta, sabe que os tecidos, agora, são seus.</p>	<p>Mesmo sem resposta, sabia que a decisão era absoluta.</p>
--	--

Soraia fala à Liana sobre consequências, pois pode não ser ali, naquela hora, mas elas existiriam. E que venham, responde, pois há uma legião de artistas agressivos para me defender, e se você decidir colaborar, esses homens e mulheres sem nada a perder podem cuidar de você também, basta engolir o orgulho e seguir em frente.

Alterada, com a voz carregada, Soraia diz que isso vai ser ruim para as duas, sua vingança será que ninguém assistirá às suas danças.

Liana agradece a preocupação, mas não precisa. Não que pretenda levar pessoas para a companhia, mas porque, no fim, quem precisa tanto assim de plateia?

No bar, contou à Laura sobre Dani, o pedido pelos contatos e a postagem da foto, deletada pela ex-amiga logo depois da resposta de Liana. Laura falou que o drama de Liana era leve e contou sobre seus problemas, como o pai doente que não via desde a saída de casa, mais de dois anos atrás, e precisaria engolir o orgulho que viria pela frente.

De madrugada, Laura se ofereceu para tirarem uma selfie delas duas e postarem como uma pequena vingança contra Dani.

Liana agradeceu, mas não precisa. Não por vergonha do rosto tão vermelho por causa da bebida, mas porque, no fim, quem precisa tanto assim de plateia?

04.

Jordana busca a chave nos bolsos e a coloca na fechadura, abre a porta e comemora por algo tão primitivo funcionar. Atravessa a sala escura, guiada pelas luzes da cidade que entram da janela, está quase amanhecendo. Pela tarde, religaria a luz hackeando a Copel, algo fácil, não era como se atacasse um banco. Aproveita o escuro para abrir a janela, o vento suave circunda sua cabeça, esticando os cabelos de trás, renovando o ambiente. Solta o mochilão e esconde-se atrás da parede, ouve o som de um carro, talvez autônomo, talvez com alguém dirigindo, uma pessoa escondida pela lataria guiando noite adentro. Suspira: e se fossem elas ali? Tivesse feito outras escolhas, por si, pela Lívia, seriam elas guiando pela chuva que logo cairia, contra tudo e todos, encontrando respostas nos olhos uma da outra, as janelas abertas para dentro. Mas se fosse diferente, não estariam contra ninguém. Aliás, não seriam elas, não seria Jordana, ao menos, e sente a solidão, enfim, com a cabeça sozinha, estática.

O sol nasce com os primeiros pingos d'água e Jordana se vira, espia a cidade que modelou seus mais fanáticos sonhos e pesadelos, fria sob seu olhar passivo, sem o abraço de sua paixão. Entram cada vez mais raios de luz, Jordana fecha a janela e some pela sala. Sabe que a garagem de drones da prefeitura estará vazia, e uma dezena deles estaria por ali em breve.

Até que enfim um local para ficar, uma oficina esquecida, abandonada desde que foi morar com Lívia, ou antes, até. Na sala, sob o pó, um colchão de solteiro encostado na parede, assim como dois cavaletes, um tampo de madeira e uma cadeira. Não parece que alguém entrou ali desde ela mesma, onde trabalhava, antigamente, dona de jovens pensamentos revolucionários, desses que surgem para fazer alguém se mover e se importar, que descarregam fora a apatia, dando movimento à escultura humana além de apenas dormir e comprar, a vida resumida a isso, outros levando vantagem sobre esse vício, e para quê? Em seus pensamentos, era Lívia quem falava, como se ela ali dentro.

Saudade e amor não são coisas da natureza. Convidam Jordana a se sentar, tais sentimentos, e ela obedece para entrar em lembranças, ver de volta a pessoa amada, o lugar do primeiro encontro, os beijos tímidos entre as duas, como se meninas, mesmo com as pessoas em volta: que falassem, dizia Lívia sobre os que cochichavam uns com os outros. Esconde a cabeça entre as mãos, o que fazer quando uma parte de você é retirada?

Protagonista da própria vida, estrela do seu filme, Jordana nunca havia compartilhado seu local de destaque até Lívia: universitária dos textos, das curiosidades, indiferente aos ritos sociais, uma versão mais nova e ativa dela mesma.

Se força à atividade e levanta para conferir o que há nos quartos. Vultos calados sob a meia luz de sol pelas cortinas, caixas e pacotes, cada cômodo transformado em galpão, fantasmas de ideias passadas que caminham pelas lembranças de Jordana. Se por um lado tem equipamento para atirar os curitibanos ao caos, por outro não tem ideia do que fazer, e seus neurônios empenhados em preocupações não focam no projeto de vingança.

Um problema: se vingar de quem?

Dois: por quê?

Sua fuga se aproxima de um motivo, e oferece drama o bastante para um ataque artístico pelos dias mendigando por um cobertor, uma refeição, tendo pedidos negados por acharem que só queria uma cerveja. Pedinte mente, sabe como é? Pergunta a si quantas daquelas pessoas tiveram fome, se é que sabem o que significa, pois cada um tem mais do que precisa, não só comida, mas rótulos e rótulos de uísques e vodkas importados, sem saber o gosto de um conhaque barato. Tem sorte pelas pessoas prestativas, as que preparam as sobras em marmitas, escondidas atrás de arbustos, ao lado dos portões, como quem responde à fome dos outros. Lívia fazia isso e Jordana mandou parar para não chamar a atenção, pois consumidores eram multados por isso e levantavam suspeitas.

Passou dez dias na rua, o tempo empenhado a buscar antigos contatos e abrigos, descobrindo-se com menos ajuda que antes, fosse fulano que foi preso ou ciclana que pariu um menino, sempre o mesmo sorriso dizendo que não podiam ajudar, desculpa, fechando a porta ou desligando o interfone, às vezes nem atendiam, espivavam pela janela, a luz brilhando lá dentro, Jordana no vácuo e de volta ao escuro.

Está certa de que essas lembranças a motivam na medida, mas quer mais. Isso não dá para a metade do que pode fazer, da gênica que soltaram da garrafa ao prender Lívia. Pois quando olhou no celular-espelho da namorada, sua forma de espionagem, com a luz piscando e o aviso Consumidor de Categoria 4 - nem no feminino eram capazes de colocar -, do mais escondido canto de sua mente despertou quem um dia foi, voltando como um scanner para entender o tamanho do problema, da luta.

Jordana percorre sentimentos buscando a qual se apegar. Sabe que é Lívia. Pois perto da rigidez de seu ódio pela prisão da namorada, os outros sentimentos são argila sobre uma mão molhada e quente.

Carrega uma caixa para a sala, e outra, mais uma terceira, monta a mesa de cavaletes e senta-se de frente para a varanda de vidro encardido, vendo Curitiba atrás da podridão. A

dor seria maior nela, na cidade. A máquina de conservadores é mais velha que o sistema antiarte, mas igualmente culpada, ainda por cima, sem saber do estrago do qual dá conta.

A última vez em que agiu inflamada foi após viralizar a foto de uma dondoca mostrando o dedo do meio pra uma diarista interiorana no Shopping Curitiba, como quem diz "vaza, caipira". A diarista era uma senhora vinda de Palmeira, poderia ser a mãe ou as tias de Jordana. Assim, alterada, fez uma mão de bronze do tamanho de um sedan antigo atravessar a doma de vidro do espaço gourmet, o Largo Curitiba, quebrando a fonte. Apenas um dos sete dedos em riste: o do meio.

Foi pouco antes de namorar com Lívia, e sente que aquela pessoa que era escapou entre os vultos de quem foi se tornando. Somos muitas, falava de si para Lívia, apesar de ver apenas duas, agora: a revolucionária e a acomodada. Se uma chamar, a outra responde?

Tomara.

Balança a cabeça, a sossegada havia ficado para trás, esquecida como uma garrafa de vinho azedo, vazia em seus anos de Netflix e delivery - as reclamações de Lívia se mostrando justificadas, enfim. Contudo, o jeito como fazia as coisas, a malícia da criação, parecem perdidas como as lembranças de uma noite regada a álcool, uma cortina de névoa sobre o todo do qual é capaz, tanta potência perdida em si. Se prevesse tal momento, teria pego mais coisas enquanto fugia da casa de Lívia, observa isso ao ver sob outra lente.

Na fuga, levou o que usariam para incriminar Lívia, não o que precisaria. Pegou a máquina analógica com fotos das duas na gaveta do roupeiro e os livros proibidos na sala. Pegou todo o dinheiro em espécie e o kit de ferramentas ao lado da mesa. Tudo o que remetia à criação ou pudesse mostrar que Jordana havia ficado ali foi enfiado num mochilão e levado embora, como a escova de dentes extra na pia. Um problema foi deixar as roupas para trás, mas acredita que a polícia não vai averiguar números de vestuário.

Não esqueceu o segundo braço, ao menos, não que fosse o dispositivo mecânico certo para a fuga, mas era o único sobressalente em casa.

Dez anos atrás, durante a instalação de um material, foi abordada por novatos do COCA - sabia pelos traços de meninos, delicados e sem barba. Jordana range os dentes ao lembrar do conflito, da correria e da estátua caindo, como se estivesse a passear, sobre seu braço. Passou uma noite no hospital e fugiu pela janela sem tela de segurança, criando problemas na cicatrização, camadas de carne que não se regeneravam, até ser forçada a aceitar o futuro em plástico e metal, uma nova Jordana, forçada a se adaptar a próteses e novos cuidados, tendo tirada de si sua maior ferramenta de trabalho, toda uma dor que Lívia

nunca ficou sabendo ao certo, não pela falta do assunto, apenas o amenizava para não pesar a cabeça da namorada.

Além da prótese humana, com pele sintética e de cor rosada, com digitais editáveis, encomendou outras. Pois não voltaria a mesma pessoa, cópia de si, depois daquela situação de merda. Podia remodelar o boneco de barro de si mesma.

Possuía um braço mecânico pesado, para brigas, mas horrível de se levar por aí. Havia o de compartimentos falsos, o corpo todo de plástico, para quando cruzasse a fronteira com digital falsa e contrabando. Jordana gostaria de uma em que um dos dedos fosse um revólver, mas era impossível de criar, disse o armamentista sequestrado.

A prótese que trouxe, agora vê, pode não ser a mais útil, mas é a que melhor se enquadra à pessoa que busca ser. Apesar da falta de plano, voltará a fazer o que ama, e para uma coisa única ser criada, os dedos a mais fazem diferença. Assumiu diante de Lívia certa vez, a namorada com seus olhos vidrados na prótese de sete dedos - um indicador e um polegar a mais -, que a havia encomendado pela necessidade do excêntrico. Era uma mão de dedos mecânicos revestidos em plástico cru, brancos, sem os acabamentos de pele realizáveis por uma impressora 3D. Assim, alcançava uma sensibilidade singular para manejar materiais frágeis. A namorada riu, disse que não botava fé, por parecer tão pesada.

Sua boca não resiste e um suspiro escapa. Percebe a manhã se tornar tarde e ainda tem isso da luz para resolver. Onde está o seu notebook?

Anoitece e, com um abajur de LED e uma lanterna, ilumina a mesa de trabalho ainda sem fazer ideia do projeto. Anseia por algo, qual a palavra mesmo? Preciso. Isso. Afiado para transportar o pesadelo vivido à capital paranaense, de que outra maneira poderia ajudar Lívia? Encontra bebida num armário, uma cachaça sem rótulo, e serve-se de apenas um gole para a sobriedade não ir toda embora, não volto para essa vida, diz baixinho, com a noção de que o isolamento afeta sua cabeça, mesmo sabendo-se melhor ali, sozinha, que num carro de polícia.

O que fazer para se manter sã? Sim, está estressada, mas uma parte sua diz tudo certo, e não será uma sombra, um vulto de anarquia mental que vai levá-la para baixo. Precisa de uma âncora, algo estável e seguro para afastar o sentimento de cachorro magro sentido.

Sua âncora seria o apartamento, um ponto fixo no mundo, feliz por ser esse que a acompanha desde sua impressão digital ser colocada à parte dos consumidores de bem, uma Categoria 4 em fuga.

Quando começou a ser perseguida, apesar da saída óbvia com contatos dizendo que deveria cair fora da cidade, a Jordana de vinte e oito anos tomou o outro caminho e ficou,

desenvolvendo um plano como quem está em vantagem, mentindo para si. Com o estouro de duas bolhas imobiliárias em Curitiba, nas últimas décadas, viu boas chances de colocar as mãos em apartamentos esquecidos. Não os abriria para ocupação coletiva, porém, pois seria em vão para seus objetivos: os usaria para se esconder na solidão, não para deixá-la feliz.

O plano saiu melhor que o previsto, e se tornou a orgulhosa moradora de um pequeno prédio no Hauer. Ocupou um apartamento no térreo, aos fundos, para não chamar a atenção enquanto as luzes estivessem acesas. Jordana conferia pela internet quais imóveis eram administrados de outra cidade, só havendo alguém ali em caso de visitantes, que até hoje buscam apenas o que sai em matérias e postagens. Descobriu mais de um. Vários, na verdade: a especulação imobiliária havia transbordado pela garrafa, tamanho era o crédito dos investidores e tão pequeno o dos compradores. A cada apartamento, levava consigo um lado de sua personalidade para que, aos seus olhos, cada local invocasse uma Jordana.

Muitos desses lugares haviam sido descobertos pela polícia nos anos em que viveu com Lívia, quando tantos lados seus permaneceram amarrados, esquecidos. Tudo para que uma Jordana tão confortável, tão Dana, não fosse apressada e pudesse aproveitar alguns confortos. A época boa, como passa a chamar em sua cabeça, sabendo que a chance de voltar é zero.

Após Lívia ser capturada, ao buscar um lugar para chamar de casa, acabou na oficina onde seu lado escultora trabalhava. Mas não se limita a ele ao planejar o que fazer: há tempos abriu mão das fronteiras divisoras das artes.

Toma mais um gole e pensa nas pessoas que seriam expostas à obra e qual o efeito, o asco ou o medo, pois havia desistido da compaixão e a paranoia é algo particular para si, cercada por celulares e microfones. Busca algo universal para não poupar ninguém e unir a maior massa possível, aumentando o poder de seu gritar.

Com o notebook aberto, anota as possibilidades:

- Ao amanhecer, Lívia chorando: hackear celulares e aparelhos de som para reproduzir um choro de mulher e acordar a cidade toda.

Complicada, precisaria de muitos hackers, e isso arrasta a proposta para baixo.

- Trocar a estátua do Cavalo Babão no Largo por uma de Lívia, caída de joelhos, a boca aberta, a água vazando feito choro e baba até deixar a cidade seca.

A polícia desmontaria tudo à tarde, no mesmo dia, ou fechariam a torneira e só.

- Entupir o sistema hidráulico para que a chuva verta dos bueiros, tingida de vermelho, todos sob o sangue de uma vítima: ou a cidade se afoga, ou a justiça sede.

Os outros planos ao menos não matavam ninguém, deve ser sua megalomania falando.

Empurra os cabelos para trás e sente vontade de apagar o que escreveu, mais confortável com os documentos brancos do que esses cheios de porcaria. Toma um gole e decide pensar melhor no dia seguinte.

Vai ao banheiro e descobre o espelho sujo demais para ver o próprio rosto, talvez haja um pano na lavanderia. Entre um cômodo e outro, nota o quanto suas ações refletem a falta de jeito para a coisa, como se o ato criativo causasse dor, agora, Jordana tão distante de quem foi.

Na lavanderia iluminada pela lanterna, se depara com braços pendurados no varal e lascas de dedos pelo chão, logo que se assusta, também se lembra.

Próximo a um natal, que por anos ainda será lembrado, a imunidade de Jordana baixou, a isolando naquela casa com um resfriado, uma viúva no olho e o que parecia ser caxumba. Sem algo a fazer e muitas horas em frente ao computador, aprimorou suas habilidades de programação, tantas vezes útil. Na escola, quando pequena, não teve a matéria em sala de aula, mas não ficava atrás das crianças que estudavam código. Levava como um hobby até o verão doente, abrindo abas e janelas para estudar e aplicar o que aprendia, forçando-se para dentro de sistemas de segurança até as mãos ficarem molhadas de tanto transpirar. Ao fim, surpresa e confusa, acessou o banco de dados de uma das empresas farmacêuticas mais sujas do país. Entre milhares de relatórios, desde listas com os octogenários que não tomaram o remédio do dia até números de séries de drones paramédicos, encontrou os dados fiscais do corpo presidencial, contra todas as chances. Com uma informação dessas, nem o céu era o limite, e Jordana liberou as digitais de compras daqueles tão ricos. Contudo, a fez de forma analógica, não apenas divulgando online, mas aplicando as digitais em réplicas de braços que convencem até a mais atenta cirurgiã. Transformou a periferia em um açougue a céu aberto, braços e mãos humanos expostos adornados por ternos e pulseiras e anéis, bastando aplicar os dedos em celulares para encomendar presentes de natal e retirá-los num depósito. Tudo sem sair daquele apartamento. Mas se pudesse, aliás, não teria feito aquilo: há oportunidade em cada limite. Foi quando Jordana Salles se tornou preocupação nacional e passou a se manter isolada não apenas em caso de doenças, mas de sobrevivência. Para se manter livre da cadeia, ficava presa em casa.

Senta-se na lavanderia e encosta a prótese no caco de uma mão, os traços realistas, mesmo no material velho. Na época, havia gasto meio colchão de dinheiro vivo para fazer as réplicas. Hoje, possui mais contatos e o preço sobre o quilo de matéria prima deve ter baixado.

É uma possibilidade.

Já sente a bunda reta contra o assoalho quando resolve o que fazer e apóia as mãos no chão para se levantar. Dá as costas às próteses de barro e vai aos quartos, buscando na penumbra pelas caixas, a lanterna esquecida no outro cômodo. Seu pé bate em uma maior, dura e pesada, próxima à parede. Puxa a caixa para si e a abre, encontrando blocos de plastilina profissional, o mesmo material das esculturas na lavanderia.

Volta à mesa e empurra o tablet e o notebook para abrir espaço, deita ali os blocos de massa, ainda pensando sobre como fará tudo. Senta-se com as pernas inquietas e as ideias cruzadas, havia um grupo mirim de arte-terrorismo, não havia? Não sabe. Acessa a internet e procura entre as mensagens criptografadas, encontra um e-mail de artistas mais novos, bem sociais pela verborragia, que o FICA havia descartado. Se apresentavam - como se estivessem em uma festa - e se diziam em busca de parcerias, os populares contatos da deep art curitibana. Davam a si mesmos o nome de Novos PRevos, homenageando o movimento artístico anarquista holandês num acesso de soberba tanto progressista quanto conservador.

Envia uma mensagem perguntando se possuem uma impressora 3D.

Abre as embalagens de argila, usando a massa mais resistente para formar uma bola, o crânio da Lívia Maestri que faria a partir do zero, ainda conferindo se há massa o suficiente, pensando se as ferramentas estariam ali em algum lugar.

Começa mesmo sem notícias dos Novos PRevos. Se não tivessem o equipamento, que arranjassem com as células relacionadas.

A noite passa com Jordana trabalhando na primeira parte, a esfera para a cabeça, em tamanho real, não apenas para acertar cada detalhe, mas para, ao fim, ver Lívia novamente. Cria uma esfera perfeita e depois a distorce, deixa mais longa de cima a baixo, curta de trás a frente, dando volume aos ossos da mandíbula.

Quando acaba a base, é tarde, quase cedo. Tomba o colchão no chão e espirra por conta da poeira levantada.

Deita e dorme.

No dia seguinte, encontra as ferramentas numa das caixas - oito ao todo. Senta-se para trabalhar sem ter comido ou tomado banho, com o suor da noite, animada apesar de perder a manhã dormindo.

Eu pego a madeira e tiro tudo o que não é urso, dizia um artesão sobre sua coleção de ursos esculpidos, num livro que leu há anos. Imagine, pegar a argila e tirar tudo o que não é mulher, o que não é amor, como se fosse fácil assim. Haverá o dia em que a tecnologia, com

as prioridades em ordem, criará um material suicida a cortar a si mesmo e dar-se forma. Até lá, no entanto, nada é tão fácil assim como dito pelo criador de ursos.

Não para Jordana.

Pega a faca de madeira, a mesma usada ao esculpir o ataque ao Shopping Curitiba, e risca dois traços na esfera de argila, um na vertical e outro na horizontal, para a confecção do rosto. Faz uma pirâmide de massa e a coloca no lugar do nariz, puxando a ponta para baixo, lembrança da família vinda da Itália. Também afunila o queixo e cava a marcação para os olhos. Ao colocar as orelhas, durante o apertar dos lóbulos, lembra-se da prótese de sete dedos, seria bom usá-la. Na verdade, a teme, até, tanto tempo usando a mão humana.

A encontra no mochilão ao lado da janela, envolta em plástico bolha e fitas, escondida até de si. Também abre uma fresta para o ar entrar, a chuva também, deveria ter aberto ela toda durante a madrugada, para ventilar. Retira a prótese de aspecto natural e se lembra coisa, ciborgue, menos humana. Mais Jordana. Conecta a prótese de sete dedos, os estica, os contrai, faz com que contem de um a sete em velocidade constante, checando se algum chega mais tarde. Nada, todos em ordem. Lembra dos enfermeiros de trabalho voluntário dizendo que nunca se adequaria à uma prótese para esculpir novamente, quem dirá uma diferente como aquela. Os dedos esticados, contraídos e ritmados confirmam que estavam errados.

Volta à mesa e aperta o interior dos ouvidos, ainda sabe que aquilo é uma massa, barro, e não uma pessoa. Prende o queixo entre os dois dedões da mão mecânica e o aperta com o dedo médio, puxando para baixo, um queixo de cowboy, perfeito, mesmo que nada parecido com o de boneca, com a beleza idealizada, negando o próprio sangue. A namorada não gostava do próprio queixo, mas ainda preferia o fake ao natural, fosse pela falta de dinheiro ou pelo entendimento de quem era, Lívia sempre acima da média, apesar de não gostar do nariz também, aliás, preferindo ser fiel a si do que ter sua identidade estraçalhada em cirurgias.

Aumenta sua segurança no processo ao apoiar a cabeça de argila em uma base de madeira, o chão de sua criatura. A coloca sobre dois pregos grossos e, em volta deles, junta massa para fazer pescoço e ombros. Ao dar forma ao pescoço fino, os ombros relaxados, definindo-a de baixo para cima, não precisa de fotos. Ao criar movimento e fluidez, mesmo em um busto estático, não recorre a vídeos. Lívia está impressa em seu consciente como tatuagem na pele branca, e apenas queimando para tirá-la de lá.

A massa começa a tomar a forma da namorada, mas ainda tem muito pela frente. É só o começo.

A tarde passa feito água enquanto dá uma segunda delineada, usando as mãos o máximo possível em vez das ferramentas, pensando em, quem sabe à frente, confeccionar dedos para raspagem e detalhamento de argila. Diferente de outras confecções, nessa sente-se tão natural que não pensa antes de fazer e a criação acontece suave como se tirasse a namorada da matéria aos afagos. Uma lasca de argila cai sobre a mesa e morre para Jordana, é resto, excesso, a não ser que faça às vezes de um cílio, uma ruga. Antes ela esculpindo Livia que si mesma, os mais de dez anos de diferença exigindo um rosto mais detalhado, cansado.

Entra na noite ainda sem comer nada, a boca do estômago enforcada, amarrada de dentro para fora. Pensa em como conseguir alimento, podendo arriscar uma entrega, mas com tanto em jogo que seria melhor procurar atrás de algum arbusto ou árvore por uma quentinha de doação. Ou se misturar entre os morarruas e participar do jantar coletivo perto do Passeio Público.

Ainda sem se decidir, troca a prótese, veste uma japona e desce pela escada do prédio abandonado. Sabe que se arrisca, mas não pode esperar pela manhã, quase dois dias sem comer. Na rua, apesar do guarda-chuva, ainda usa um óculos de grau falso e um lenço sobre o rosto, como se para se proteger do vento. Caminha em retas, não apenas por não saber o destino, mas também para fingir objetividade às câmeras de vigilância.

Passa por uma carrocinha de cachorro quente e a olha pelo canto dos olhos, seguindo reto para evitar a smart tv e sua câmera. Numa dessas que um contato seu foi pego, foragido pela queimada de um quilo de maconha no sistema de ventilação de uma faculdade: deu as caras num dog do Centro Cívico e, mesmo sem barba e com maquiagem para disfarçar linhas de expressão, foi identificado pela câmera. Na época, Livia se indispôs com o ocorrido e queria publicar algo: imagina não poder comer um cachorro quente em paz. Seria apedrejada nas sociais se Jordana não tivesse intervindo no episódio.

Quadras de distância, numa barraquinha do Juvevê, encontra uma carrocinha sem televisão. Se há algo a se preocupar, é o microfone, mas um lugar como esse, nada além de um radinho ligado, é raro na cidade e conhece o tipo de clientela que atrai. Se a namorada queria algo com aquela raiva não publicada, disse a ela na época, mais valia se criasse uma forma dos consumidores quatro se alimentarem. Aquela carrocinha sem câmeras, por exemplo.

Jordana usa o indicador humano para fazer sinal de silêncio e aponta para o cachorro quente com mais ingredientes, no cardápio. Levanta um segundo dedo e indica que são dois.

Faz a mesma coisa com os refrigerantes. Não sabe como dizer que é para viagem e apenas aponta para uma sacola. O cozinheiro entende, ou isso ou quer se livrar dela logo.

No rádio, entrevistam um policial sobre a figura de Diego Valla e sua alta do hospital. O herói da cidade havia sido solto. Jordana pega as duas sacolas de comida e coloca o dinheiro em moeda, duas vezes o valor pedido, um agrado ao homem pelos seus serviços: alimento e silêncio. O senhor o pega sem nervosismo, acostumado com artistas.

Volta para casa e come à mesa, entre escultura e ferramentas. Pelo tablet, a câmera tampada por uma fita, vê a resposta dos Novos PRevos e seu maldito nome rimado: sim, tinham a impressora e topavam a parceria. Respondeu explicando o plano e pedindo que a carregassem com o máximo de material, Jordana bancaria o peso financeiro da ação.

Derrama molho de tomate no teclado enquanto busca na nuvem os dados espaciais do corpo humano que tinha produzido em outras ações. Editou um pouco as medidas de uma mulher padrão, deixando-a mais alta, com consciência de que não seria idêntica à Lívia, mas próxima o suficiente. Envia o molde em anexo e diz que levará a cabeça para ser escaneada no dia seguinte.

Durante a madrugada, de volta com sete dedos na mão direita, segue o detalhamento da escultura. Dá forma às sobrelanceiras com um rastelo de metal, decidida a terminar naquela noite para que não seja tarde demais para colocar o projeto na rua, para ajudar no julgamento de Lívia. Se afastaria da namorada independente do resultado, com certeza, pois depois que uma pessoa foi catalogada como 4, mesmo pagando o débito, seus dados são priorizados. E qualquer presença de Jordana em seu dia a dia seria encontrada. Antes isso, pagar para se livrar, do que a prisão, de onde voltaria esquartejada, mesmo que inteira, podendo ter a pena arrastada anos a mais por motivos pequenos, um olhar atravessado, não mais que isso, descrito como mal comportamento. Criadores de arte são o carro chefe do lucro presidiário, mais que usuários de substâncias ilícitas, e depois de entrar no labirinto carcerário, muitos saem boiando no fluxo de julgamentos, as penas aumentadas na medida para que a fonte de lucro não pare. Se Lívia cair nessa, se pegar um juiz custeado pelo entretenimento, não sairá mais. Fora a vida nos presídios, longe de um passeio pelo parque, com rivais sendo colocados lado a lado, o maior tiro pela culatra do sistema, ou não, pois cada briga resulta em mais anos de detenção. E se alguém lá dentro descobre que ferindo Lívia também ferem Jordana, seria o inferno.

Fica com o medo na cabeça: e se Lívia sofrer ainda mais por causa dela?

Não apenas isso, mas pelo FICA? Toda uma classe de artistas, terroristas ou não, sente-se asfixiada pelo Fundo Illegal e por seu crescimento, pois eles passaram a definir o que é arte e o que deveria ir para o saco de lixo.

Diferente das relações interpessoais, as entre artistas não possuem esse respeito falso, plástico, mas uma proximidade nociva entre pensamentos e ações, especialmente depois que sua ascensão artística é atropelada pelo encarceramento. Nada como descontar a frustração em carne nova.

Não, Lívia não pode ir presa e ponto. Não ajuda pensar num depois que ainda pode evitar, vai evitar, mesmo que vire a noite com uma bolsa roxa sob cada olho, livre da perda de tempo que é comer, diminuída uma vez a cada dois dias, mais que isso seria overdose de negligência.

Passa a massa mais maleável numa das pálpebras e desenha os cílios curtos, tímidos, como numa criança da pré-escola. Não precisa moldar o cabelo, sabe, mas sente falta dele, das duas tiras sangrando uma de cada lado do rosto como cascatas, a face de Lívia como em um quadro, a cabeça escondida para trás dessas linhas. Talvez crie o cabelo depois de revidar o golpe baixo levado, até lá, os PRovos que desse conta com perucas.

Raspa logo acima dos olhos para criar textura quando sente a barriga doer, sua úlcera nervosa, de volta, há quanto tempo estaria doendo? Pressiona o estômago com a mão esquerda aberta, não tira os olhos da estátua, e até curva os ombros para que mesmo a dor não tire seu foco. Passa a fazer barulho com a boca, incomodada pelas horas em silêncio, fala com ninguém, nem fala, na verdade, apenas estalos com os lábios. As pernas doem pelo tempo sentada, apenas as estica e traz de volta, num movimento rápido e inefetivo. Antes tivesse um banco para apoiar os pés, alimentos e remédios em dia, ou uma companhia, mesmo que fossem as gravações da rodoviária, um alguém para ouvir.

Se acalma, como se não fosse isso o que mais gostava na criação, o desconforto do momento elevado ao quadrado, o têsão despertado pelo contato com a massa, pelo trajeto do pincel modelador, sentindo-se viva por dentro, mesmo que morresse por fora.

A mão, não mais sobre o estômago, pende ao lado do corpo. Sente a direita mais pesada e, durante o desenho do lábio superior, cai no sono.

Sonha com uma menina pequena, quase bebê, quase adolescente, que engatinha e discute Juan Rulfo, chora e pede um café. À deriva pela rua, cruzando entre pombas, noite adentro e dia afora, Jordana observa a menina engatinhar correndo com a urgência de quem se atrasa na hora certa. Acena para a criança, o braço não mais de prótese, mas de carne, o

corpo com o qual nasceu. A menina a olha e senta e sorri, diz vem cá, Dana, me abraça. As pombas se aproximam, se juntam em torno da criança até cobri-la, apenas penas e bicos e levantam voo. A menina sumiu. Engole em seco, machucando a garganta e a alma.

Acorda com o barulho das pombas na varanda, igual ao sonho, se é que acordou.

Jordana nem se levanta da cadeira: mexe os dedos e, se eles funcionam, ela funciona. Pressiona os polegares de polímeros sob os olhos da escultura e puxa para baixo, dando a profundidade de uma noite mal dormida, o ar de cansada, como o dela. Adoraria um café novo, ou velho, que fosse. Finaliza a volta interna de uma narina e busca a espátula para a saliência sob o lábio. Ao olhar a escultura novamente, espira o ar e não o inspira de volta, empurra o corpo para trás e passa a mão nos cabelos, arrumando-os. Lívia a encara. Ainda não ela, mas quase ela, reconhece no brilho opaco o olhar da namorada.

Busca o tablet para uma foto, mas não o encontra na confusão da mesa e para. O que falaria para ela, se a visse: desculpa, boa sorte, te amo?

Onde havia uma massa sem identidade, agora há Lívia, mesmo com ela longe. Daqueles olhos, outra pergunta: e se ela odiar Jordana? Sente-se pesada e deita a cabeça no tampo.

Fez de tudo para trazer Lívia ali, agora não aguenta vê-la. Compartilharia esse momento com a cidade para que pudessem sentir satisfação ao vê-la pagar pelo seu crime. Se é isso que querem, terão, mas o desespero também virá a todos, determinado pela consciência de cada um.

Se assim Lívia perdoá-la por trazer a arte tão perto, terá valido a pena.

Aplica alguns detalhes: uma sarda perdida, as linhas nas bochechas, as últimas pinceladas de correção. Como um livro que se lê sem querer chegar ao final, leva horas no que tomaria minutos.

Envia uma mensagem aos Novos PRevos e pede o carro para um local algumas quadras dali. Espera que cumpram, ou que não a entreguem, pelo menos.

Vai ao banheiro e joga uma água no rosto, não vai dar as caras assim. Assim como?, o espelho ainda sujo, sem reflexo. Tira a camiseta e a usa para limpá-lo, se vendo, finalmente, encarando os próprios olhos, não os de Lívia, de mentira, mas os seus, de verdade. Mesmo que a perca, pelo motivo que for, ao menos ainda terá a si.

O tablet vibra pela chegada de resposta: o carro está a caminho. Jordana sai do prédio levando a escultura, coberta pela chuva e pela noite, as bochechas contraídas pelo sorriso de

quem faz algo que valha, que busca alguma mudança, de verdade. Sabe que o que virá só é possível pelo que fez até ali: o futuro é uma escultura do agora e do passado.

Tirar da madeira tudo o que não é urso.

Tirar da argila tudo o que não é Livia.

Tirar de seus dias o que não é vingança.

[REDACTED]

[REDACTED] Atravessa a [REDACTED] cidade [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] no [REDACTED] banco [REDACTED]

[REDACTED] de trás [REDACTED]

[REDACTED] de um carro [REDACTED]

autônomo, [REDACTED] escondida pela [REDACTED] noite [REDACTED]

[REDACTED] e [REDACTED] pela [REDACTED]

[REDACTED] chuva [REDACTED] contra [REDACTED]

[REDACTED] as janelas [REDACTED], [REDACTED]

[REDACTED] sente [REDACTED] a

cabeça [REDACTED]

[REDACTED] que

modelou [REDACTED] fria sob seu [REDACTED] abraço [REDACTED]

[REDACTED]. Entram [REDACTED] pela [REDACTED]

[REDACTED] garagem [REDACTED] em

[REDACTED]

[REDACTED] uma oficina [REDACTED] abandonada [REDACTED]

[REDACTED], ou [REDACTED]

assim [REDACTED] parece [REDACTED]

[REDACTED], onde [REDACTED] jovens [REDACTED]

[REDACTED] surgem [REDACTED] e [REDACTED]

descarregam [REDACTED] a [REDACTED] escultura [REDACTED]

[REDACTED], a [REDACTED] levando [REDACTED] para [REDACTED]

[REDACTED] dentro.

[REDACTED] Convidam Jordana [REDACTED]

[REDACTED] para entrar [REDACTED], ver [REDACTED] o lugar

[REDACTED], [REDACTED] tímidos [REDACTED] como se [REDACTED]

██████████ falassem ██████████ com ██████████
██████████ uma ██████████
██████████ estrela ██████████
██████████ das ██████████
sociais ██████████.

██████████ Vultos ██████████
██████████
██████████ caminham ██████████ de ██████████ um lado
██████████ ao ██████████ outro ██████████,
██████████ empenhados ██████████ no projeto ██████████.

Um ██████████ se ██████████
██████████
██████████ aproxima ██████████ e oferece ██████████ um ██████████
██████████ cobertor, uma ██████████
██████████ cerveja. ██████████ Pergunta ██████████
██████████ se ██████████ tem ██████████
██████████
██████████ conhaque ██████████. Tem ██████████,
██████████ responde
██████████
██████████

██████████ o ██████████
██████████
██████████ menino, ██████████ o ██████████ sorriso ██████████
██████████ brilhando
██████████ no ██████████ escuro.

Está ██████████ na ██████████
██████████ metade ██████████ da ██████████ garrafa ██████████
quando ██████████ a luz ██████████
██████████ do ██████████
██████████ scanner ██████████
██████████

[redacted] percorre [redacted] a [redacted] Livia [redacted]
[redacted] de [redacted] argila sobre [redacted]
[redacted]

[redacted] uma [redacted] mesa [redacted]
[redacted] de [redacted] vidro [redacted]. A
[redacted] máquina [redacted] é [redacted] velha [redacted]
[redacted], mas [redacted] ainda [redacted] dá conta

[redacted]
[redacted], [redacted] diz [redacted]
[redacted]
[redacted] um [redacted]
[redacted] dos [redacted]
[redacted]

[redacted]
[redacted] vultos [redacted]. Somos [redacted]
[redacted] duas, [redacted] responde [redacted]
[redacted].

Balança a [redacted] garrafa [redacted]
[redacted] vazia [redacted]
[redacted], o [redacted]
[redacted] álcool [redacted] todo
[redacted] em si [redacted], [redacted]
[redacted] enquanto [redacted] observa [redacted] outra [redacted]

[redacted]
máquina [redacted] na [redacted] sala [redacted]
[redacted] ao lado [redacted]. [redacted]
[redacted]

[redacted] Um [redacted]
[redacted]
[redacted] braço [redacted] mecânico [redacted]
[redacted]

[redacted] de [redacted]
[redacted] traços [redacted] delicados [redacted] range [redacted] ao

passar sobre
uma tela, criando
camadas de
plástico, uma nova
Lívia
, não apenas a
cabeça

cópia daquela
de barro
, mas
o corpo todo
. Jordana

vê a
pessoa que ama
ser criada diante de
seus olhos

por uma impressora,
que fez
resiste a
isso?

Preciso
de outra
bebida, e
ir embora, volto com o
mesmo carro
? Sim, diz
um vulto baixo
e magro

[redacted] que a
acompanha [redacted] à [redacted]

[redacted] saída [redacted] dizendo que
[redacted] o [redacted]

[redacted] plano [redacted] está em [redacted]
[redacted] boas [redacted]

mãos [redacted], [redacted]
[redacted] vão [redacted] deixá-la [redacted]

[redacted] orgulhosa [redacted]
[redacted], [redacted]

enquanto [redacted] Jordana [redacted]
[redacted] só [redacted]

[redacted] sai [redacted], [redacted]
[redacted] a [redacted] garrafa [redacted]

[redacted] consigo [redacted]
[redacted], [redacted] seus olhos [redacted]

[redacted] amarrados, [redacted]
[redacted] apressada [redacted]

[redacted] em [redacted] voltar
[redacted]

[redacted] para [redacted] casa [redacted]
onde [redacted] não [redacted] há [redacted]

[redacted] pessoas [redacted]
[redacted] ou [redacted]

[redacted] microfones [redacted] para [redacted]
[redacted] poder [redacted] gritar.

[redacted]
[redacted] Ao [redacted]

[redacted] acordar [redacted]
[redacted], [redacted] arrasta [redacted]

[redacted] a [redacted]
[redacted] boca [redacted] seca [redacted]
[redacted] à [redacted] torneira e [redacted]
[redacted]
[redacted] afoga [redacted] a [redacted] sede.
Os [redacted]
[redacted] cabelos [redacted]
[redacted] brancos [redacted]
[redacted] no [redacted]
[redacted] espelho [redacted]
[redacted] refletem [redacted]
[redacted] a [redacted] dor [redacted] de quem
[redacted]
[redacted]
[redacted] logo [redacted]
[redacted] será [redacted]
[redacted] viúva [redacted]
[redacted] muitas [redacted]
[redacted] vezes [redacted]. Na [redacted] sala [redacted]
[redacted], [redacted] atrás das [redacted]
[redacted] janelas [redacted]
[redacted] molhadas [redacted]
[redacted] e [redacted]
suja [redacted], [redacted] os [redacted]
[redacted] drones [redacted]
[redacted] contra [redacted] o céu [redacted]
[redacted] a [redacted]
[redacted]
convencem [redacted] a [redacted]
[redacted]
[redacted]
[redacted] se [redacted]
[redacted]

manter [redacted] em [redacted]
[redacted] casa.

Senta-se [redacted] no [redacted]
[redacted] colchão [redacted]
[redacted] sobre o [redacted]

[redacted]
[redacted] assoalho [redacted] e apóia [redacted]
[redacted] as costas [redacted] na
[redacted] parede. Puxa [redacted]
[redacted] o [redacted]

[redacted] tablet e o [redacted] deita [redacted]
[redacted] sobre [redacted] as pernas [redacted]
cruzadas [redacted]. Acessa [redacted]

[redacted] as [redacted]
sociais [redacted]
[redacted] e [redacted] busca [redacted]

[redacted]
[redacted]

[redacted] Livia Maestri [redacted], [redacted] conferindo [redacted]
[redacted] as [redacted]

[redacted] notícias [redacted]
[redacted] relacionadas.

A [redacted] primeira [redacted]
[redacted]
[redacted]

[redacted] é [redacted]
[redacted]
[redacted]

[redacted] das [redacted] oito [redacted]
[redacted] da [redacted]
manhã [redacted]
[redacted], [redacted]
[redacted]
mulher [redacted] se [redacted]
[redacted] suicida [redacted]
no [redacted]
[redacted]
[redacted] Shopping [redacted]
[redacted]
[redacted]
[redacted] Itália [redacted]
[redacted] durante [redacted]
[redacted] a [redacted]
[redacted]
[redacted]
[redacted] madrugada [redacted]. [redacted]
[redacted] Mais [redacted]
[redacted]
[redacted] tarde [redacted], [redacted] enfermeiros [redacted]
[redacted]
[redacted] confirmam que [redacted]
[redacted] é [redacted]
[redacted] uma [redacted]
[redacted]
[redacted] boneca [redacted] com [redacted] sangue [redacted]
[redacted] fake [redacted], [redacted]
[redacted] Lívia [redacted]
[redacted] estraçalhada [redacted]
[redacted] no [redacted]
[redacted] chão [redacted] em [redacted]
[redacted]

[redacted] fotos [redacted] e [redacted]
[redacted] vídeos. [redacted]
[redacted]

[redacted] É só
o começo.

A [redacted] segunda [redacted]
[redacted] vez [redacted] em [redacted]
[redacted]

[redacted] que [redacted]

a namorada [redacted] morre [redacted]

[redacted] é [redacted] às [redacted]

[redacted] dez [redacted]

[redacted], [redacted]

[redacted] enforcada [redacted]

[redacted] em [redacted] uma [redacted]

[redacted] árvore [redacted]

[redacted] do [redacted] Passeio

Público.

Ainda [redacted] pela [redacted]

[redacted] manhã, [redacted]

[redacted]

[redacted] também [redacted]

[redacted]

[redacted]

[redacted] foi [redacted]

[redacted] queimada [redacted] no [redacted]

[redacted] Centro Cívico [redacted]

[redacted] e [redacted]

[redacted] apedrejada [redacted]

[redacted] no [redacted]

[redacted] Juvevê [redacted]

[redacted]. Se [redacted] a [redacted]

[redacted] cidade [redacted]

queria [redacted] se [redacted]
[redacted]
[redacted]
[redacted]
[redacted]
[redacted] livrar [redacted]
[redacted]
[redacted] de [redacted]
[redacted] seus [redacted]
[redacted] artistas [redacted]
[redacted]
[redacted], [redacted]
[redacted] que [redacted]
carregassem [redacted] o [redacted] peso [redacted]
[redacted] na [redacted]
[redacted]
[redacted] consciência [redacted]
[redacted]
[redacted].

Durante [redacted]
[redacted] a [redacted]
[redacted] tarde [redacted], [redacted]
[redacted] Livia [redacted]
[redacted] foi [redacted]
[redacted] encontrada [redacted]
[redacted] esquartejada, [redacted]
arrastada [redacted] por [redacted] um [redacted]
[redacted] carro [redacted],
[redacted]
[redacted] boiando [redacted] na [redacted] fonte de
[redacted] um [redacted]
[redacted] parque, com [redacted]
[redacted] tiro [redacted]

[REDACTED]

[REDACTED] na cabeça [REDACTED]

[REDACTED], [REDACTED]

[REDACTED] asfixiada [REDACTED] por [REDACTED]

[REDACTED] saco [REDACTED]

[REDACTED]

plástico, [REDACTED]

[REDACTED] atropelada [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED], [REDACTED]

[REDACTED] roxa [REDACTED] de

[REDACTED] overdose [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] numa [REDACTED]

[REDACTED] pré-escola [REDACTED], [REDACTED]

[REDACTED] sangrando [REDACTED] de [REDACTED]

[REDACTED] cabeça [REDACTED] para [REDACTED]

[REDACTED] baixo [REDACTED], [REDACTED] com [REDACTED]

[REDACTED] a barriga [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] aberta [REDACTED], e até [REDACTED] mesmo [REDACTED]

[REDACTED] em silêncio [REDACTED]

[REDACTED], [REDACTED]

[REDACTED] sentada [REDACTED] num [REDACTED]

[REDACTED] banco [REDACTED]

[REDACTED] da rodoviária [REDACTED]

[REDACTED] como se [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] morreu [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] durante o [REDACTED] sono.

[redacted]
[redacted] À [redacted] noite
[redacted], [redacted] com [redacted]
[redacted] o [redacted]
corpo [redacted]

[redacted] seco [redacted] e a alma [redacted]

[redacted] igual [redacted], [redacted]
Jordana [redacted] se [redacted] mexe [redacted]
[redacted] de [redacted]

[redacted] novo,
[redacted]
[redacted] empurra o
[redacted]

[redacted]

[redacted] tablet [redacted]
[redacted] para [redacted]
[redacted] longe [redacted]
[redacted] e se [redacted] deita [redacted]
[redacted].

Fez [redacted]
[redacted] a cidade [redacted] sentir [redacted] seu [redacted]
[redacted] desespero [redacted] a [redacted]
[redacted] cada [redacted]

[redacted] Lívia [redacted]
[redacted] perdida [redacted] nas [redacted] últimas
[redacted] horas [redacted]
[redacted].

[redacted]
[redacted] Espera [redacted] que [redacted]
[redacted] assim [redacted]

[redacted]

[redacted] não [redacted]
[redacted] a perca [redacted]
[redacted]
[redacted] de
[redacted] verdade. [redacted]
[redacted]

Tirar [redacted] tudo [redacted]
[redacted] o que não é [redacted]
[redacted] vingança.

05.

Depois da briga, quando as outras crianças foram embora, deixando Diego caído no chão, uma menina estendeu a mão para que se levantasse. Estudavam na mesma sala, mas Érica sentava na primeira fileira, e se estava ali na hora da briga era por acaso, não por interesse.

Diego agradeceu, mas se levantou sozinho e recusou a segunda ajuda oferecida, para recolher os materiais caídos e devolvê-los à mochila. Não que não gostasse de Érica, até gostava, mas não suportava ser visto por ela daquele jeito, em sua primeira derrota.

Érica não era o amor adolescente de Diego, mas era bonita e querida e a única ali para ele num momento merda. Além da solidão, não tinham muito em comum: Diego era um só calado, Érica falava muito, ainda mais em sala de aula, com os professores.

Ela o elogiou, falou que foi corajoso, aquilo era injusto e Sérgio era um covarde. Aquele covarde dito por ela só fez parecer que, além de ser mais querido, seu carrasco era mais atlético, forte, como quem diz viu a covardia dele em bater no Vallinha? No Diegrinho?

Ao virar para se despedir, Diego viu os olhos de Érica por sua face acompanhando cada arranhão e hematoma. Deu um tchau brusco, ao qual ela respondeu: e se a gente tomasse um flaflaccino?

Aceitou, mas ele quem pagaria.

Encontraram a Cream Factory lotada, era o auge da moda do flaflaccino e, enquanto Érica esperava na fila, Diego foi ao banheiro lavar o rosto. Assustou-se consigo, com a cara inchada e o sangue seco sobre as feridas, mas orgulhoso por ser correto, fiel às regras mesmo que lhe custassem uns sopapos. De volta á fila, ao caixa, Érica pediu um Flaflaccino Chamuscado e Diego um Flaflaccino Inverossímil. Na hora de pagar, descobriu-se sem carteira: Sérgio a tinha levado. Eu pago, disse a menina, e Diego custou a aceitar, buscando por dinheiro ou cartão em todos os bolsos, seus e da mochila. Isso foi anos antes do sistema bancário por digitais ser implementado e a impressão digital de Diego valia nada na época.

Enquanto fuçava os bolsos, ela pagou.

Devolveria o dinheiro no dia seguinte. Ela não aceitaria. Fazia questão de pagar para ela. Mas era um presente. Ok, então ele pagaria um lanche em outro dia. Érica topou.

Diego acabou seu flaflaccino em poucos minutos, calado com o seu canudo. Érica demorou mais, falando sobre o trabalho de física e a escola enquanto o seu derretia.

A família dela se mudou para Balneário Camboriú um mês depois.

"Um flaflaccino e uns beijos, nada mal prum olho roxo", diz Cláudio Vicente, rindo sozinho por um segundo e acompanhado pelas plateia na sequência.

"É assim que pagam o salário na polícia?"

Completa Thatiana, segunda apresentadora do talk show e assistente de humor, uma inteligência artificial controversa que fala da tela ao lado de Diego, como se ele estivesse sentado em um sofá e ela em outro. Valla fica sem graça quando ela fala, é um robô e é uma mulher e tem mais jeito com as pessoas do que ele mesmo. Dados, repetia para si mesmo, ela não é nada além de dados.

Cláudio Vicente havia aberto a entrevista perguntando sobre seu primeiro beijo, pegando carona na convidada anterior, uma sexóloga infantil. Diego contou a história do pós surra sem falar do beijo, até porque ele nunca aconteceu: haviam tomado flaflaccino juntos e ido cada um para sua casa. Mas deixou implícito. Sempre contou essa história como seu primeiro beijo numa tentativa de sair por cima da primeira surra, também porque Érica era a única que o beijaria naquela época. Na verdade, seu primeiro beijo foi numa festa aos dezoito anos em que duas garotas competiam para ver quem beijava mais bocas e nunca soube o nome da menina.

Saiu do hospital num carro insulfilmado pela garagem das ambulâncias, escapando da liquidação de gente que se amontoava no portão do hospital. Aparições públicas não geram views, disse Afonso mais cedo, e fariam uma reunião com imprensa, blogueiros e personalidades das sociais, as palavras de Diego já estavam em produção, inclusive.

Foi o que deixou Diego mais calmo: suas palavras estavam em produção. Assim, acatou a ordem de sair pelos fundos, até porque temiam um ataque contra ele em uma aparição pública. A cidade estava mexida com a prisão da escritora e havia uma parcela que não concordava.

Não concordava com o que? Ela fez o que não devia e ia pagar, funcionava assim.

Diego perguntou de Laura, ela não estaria com eles em todos os momentos? Afonso sorriu, ela está, e apontou as pequenas câmeras em dois pontos do carro, duas meia-esferas transparentes com um ponto vermelho que se mexe sozinho.

Laura ali, sempre.

Iriam deixá-lo em casa naquela manhã e em um ou dois dias teria uma nova rotina de recuperação e entrevistas e aparições, finalmente fora do hospital, reabilitado, apesar da bengala.

O Boas Noites Talk Show é gravado em São Paulo, mas vinha percorrendo o Brasil todo no último ano, gravando em diferentes capitais, e deu de chegarem às Curitiba quando o nome de Diego Valla está em alta. Exigiram uma entrevista.

Foi levado cedo ao palco Guaíra 3 Corações. A gravação seria no Guairinha, mas o sold out de ingressos foi tão rápido que liberaram o palco principal do teatro. Passou a tarde colocando a cabeça em ordem e pensando no que poderia ou não falar sobre o dia a dia como policial, sobre suas operações, treinamento, e quem sabe perguntassem algo da vida pessoal. Nem mesmo saber que teria Afonso dando as respostas no ponto eletrônico o acalmava.

Entrou usando a bengala de apoio e viu a platéia lotada, todos em pé, aplaudindo. Sentou-se no sofá ao lado da tela de Thatiana e logo foi abordado sobre o seu primeiro beijo: queriam algo humano do sargento - isso dito pela inteligência artificial.

Depois da história, Cláudio Vicente limpa a garganta e Thatiana, em sua tela, toma um gole d'água, o apresentador pergunta se está solteiro.

Sim, está.

"Por isso tem tempo livre pra perseguir artistas até nas folgas", diz Cláudio.

"Você se formou na Academia Militar dos Bolas Roxas?", completa Thatiana.

Sempre assim: ele diz algo, ela constrói em cima.

Valla começa a dizer que não, fez o fundamental e o médio no e é interrompido por Cláudio Vicente convidando todos a assistir um clipe sobre Diego Valla e os acontecimentos dos últimos dois meses.

Valéria era amiga da namorada de um dos rapazes do pelotão, foi ela quem brindou pela saúde de Diego no churrasco. Não saíram nas sequência, mas se adicionaram nas sociais e curtiam as postagens um do outro.

Numa noite, Diego usou o iPad Fly para comprar mais um Nike Plus Six Seven na esperança de que ela visse o post. Não que pretendesse usar o tênis, mas sabia que Valéria usava um Nike Plus Six Five para correr no parque, havia visto em uma live dela no Parque Barigui, numa tarde de exercícios patrocinada pela Colgate.

A compra era um investimento, um motivo para conversarem.

Antes de pressionar a digital contra o leitor e finalizar a compra, selecionou todas as sociais em que Valéria o seguia para compartilhar.

Funcionou.

Funcionou muito.

Não apenas um like, mas também uma mensagem inbox: tenho o de um ano atrás, é bom, esse?

Do chat online passaram à conversa ao vivo e dois encontros, dois jantares em bons restaurantes: o Babilônia Merlot Grill e a Casa do Camarão Philadelphia.

No primeiro, rolou nada: conversaram pouco, Diego respondendo algumas coisas sobre a vida como policial, se não tinha medo do que fazia, se os artistas eram tão perigosos como pareciam e se havia trocado tiros com criativos. Não, sim e sim, respectivamente.

No segundo, rolou tudo: conversaram nada, Diego em silêncio, ainda com a farda, recém saído do trabalho, Valéria com os olhos vacilantes entre os do sargento, os distintivos e a boca, disse que não teve tempo de trocar de roupa, houve apreensão de rascunhos e zines na Universidade Federal Positivo e foi direto dela ao encontro - de propósito, claro, não era a primeira vez que usava o uniforme para isso, a farda pega sozinha, como dizia entre os praças.

Jantaram rápido e em silêncio e Diego a levou à suíte Providence do Acqua Motel, música calma, velas acesas, um clima sensitive, era o que gostava.

Não houve.

Começou a tirar a farda e Valéria falou não, ainda não, e devagar mostrou o que queria. Elogiou as mãos grandes e, como se isso fosse sexy, evidenciou o contraste entre o tamanho delas e a pouca altura do sargento. E se ela tivesse feito algo errado, disse em voz sussurrada, o que ele faria? Estava com as algemas ali? Ela precisava ser punida pela loja que roubou, pela maconha traficada ou as batucadas na perna, disse sem fazer ideia da rotina de um policial, perguntando se Diego daria conta dela.

Daria, claro, sempre dava - mas até que ponto isso não era hora extra?

Teve dificuldades em algemá-la à cama, uma box redonda, Valéria nem notou, se divertindo com o faz de conta. Deu os tapas que ela pediu, mas com a ponta dos dedos, devagar. A colocou contra a parede com calma para amaciar o impacto. Quando ela quis ser amordaçada, buscou a toalha com menos fiapos para não grudar em sua língua. Quando a marca de um tapa ficou na bunda de Valéria, a alisou num carinho. Parecia mais um procedimento de apreensão que uma noite de sexo, e Valla se viu suando por obrigação e não por prazer. Ouviu o orgasmo dela contra a toalha e viu o peito descer conforme o ar escapava. Desfeita a posição, os pulsos marcados, ela virou de bruços e dormiu.

Diego tomou banho e voltou à cama, abraçando o travesseiro.

"Foi um mês e meio de hospital, isso?"

"Certo."

"E do que mais sentiu falta nesse tempo?", pergunta Cláudio Vicente.

Pelo ponto eletrônico, Afonso libera Diego para responder o que quiser, isso é pessoal.

Mas responder o que?

Não pode dizer que não sentiu falta de muita coisa, pois amigos já não possui e a família é distante. A mãe sempre pede notícias, claro, mas é o trabalho de mãe, não há uma ânsia genuína ali. O pai, também policial, é focado demais na carreira para se preocupar com a de Diego, e também passa por alguns apertos que fazem parte da escolha. Depois que lhe deram o iPad no hospital, não sentiu falta de muita coisa, pois dali podia ver a vida alheia e comprar suas coisas.

Depois de alguns segundos em silêncio, Afonso o ajuda: de comida de verdade.

Uma parte da plateia ri.

Thatiana emenda que nem sabe o que é isso, os risos aumentam.

No primeiro dia de volta em casa, Diego não quis sair. Aproveitou o lugar de paredes cinzas e ar condicionado ligado para se fazer em seu ambiente, aproveitando a liberdade de ir ao banheiro, seu banheiro, sem enfermeiros ou outros ajudantes além da bengala.

Pediu para o porteiro subir as encomendas que chegaram durante o tempo fora e colocá-las na sala, esforço que agradeceu com um aceno de cabeça e uma fechada de porta. Não eram compras suas, nas caixas e envelopes, mas presentes e mensagens de consumidores preocupados, fãs, diria, talvez mais espertos que os demais, sabendo que entregando ali seria o próprio Diego a recebê-los e não a sua equipe de várias pessoas para formar uma só.

Seria incapaz de, sozinho, ser uma pessoa inteira?

Em uma das caixas, encontrou uma camisa branca, de botões dourados, com várias imagens, fotos e desenhos dele mesmo. Virou estampa de camisa conceitual. Achou divertido ver a si mesmo transformado em mercadoria. Junto, uma carta falando que aquela era de presente, mas também um pedido para que liberasse a produção e comercialização do material, recebendo uma porcentagem por isso.

Enquanto abotoava a camisa reparou na meia esfera transparente, com um ponto vermelho, grudada no teto. Laura estaria em sua casa, lembrou-se então de Afonso contar isso.

Fez que não se incomodava e ligou a Smart TV Philips High LED 43”, assistindo um filme de ação. Reparou na jeans Low Nudie e na camisa Dudalina do protagonista que corria e suava e atirava e as roupas ainda em bom estado. Abriu o app da TV no iPad Fly e encomendou os produtos direto das cenas, selecionando enquanto o filme passava.

Recebeu uma mensagem do pai com o link de uma matéria. Havia descoberto quem era o motorista da ambulância, um rapper chamado Zelo, um parcelado do FICA, e as músicas dele eram buscadas por milhares de consumidores: o que tinha a dizer o homem misterioso responsável pelo acidente de Diego Valla?

Virou moda das sociais, trending topic, tema de vídeos e mais vídeos, milhares debatendo a relação entre Diego Valla e esse zelo.

Diego tentou esquecer isso, sentindo-se parte de um teatro, e voltou a assistir ao filme. Pausou de volta e comprou também um Rayban de lente vermelha e um par de West Coast, esses usados pelo vilão.

O apresentador pergunta para Diego qual a motivação, em sua opinião, desses bandoleiros. Conforme responde, ecoando Afonso, Diego toma a resposta por sua, a opinião como que produzida por si, e ao fim fala mais alto, num rompante. O que esses artistas não entendem, Cláudio Vicente, é que ninguém liga para o que eles tem a dizer. Se fizessem o favor de não incomodar, não sofreriam e todo esse investimento e capital humano em policiamento artístico poderia ser gasto em outras prioridades. Cada um deles tem sua própria versão de mundo, diferente da nossa, fala isso e faz um movimento com o braço, puxando a plateia e os apresentadores para um mesmo círculo, e querem embarcar essa maioria em seus conceitos de conspiração e paranóia, dizendo que cada um de nós não passa de uma marionete, sem perceber que eles são os bonecos de seus próprios egos, as cordinhas puxadas por seu orgulho.

Enquanto a platéia bate palmas, toma um gole de RedBull e ouve Afonso congratulá-lo no ponto eletrônico pela entrega do discurso.

"Mas você não sente vontade de se expressar?", questiona Thatiana, e todos, até Cláudio Vicente, parecem incomodados.

"Que porra é essa?", Afonso deixa escapar e Diego ecoa.

"Sim", emenda Afonso e Diego repete, cruzando as pernas e levantando seu Sapawalk Light Nike, "e foi o que acabei de fazer sem causar traumas ou causar incômodo".

"Uma coisa é se expressar, a outra é impor o discurso", concorda Cláudio Vicente.

"Fácil para quem conta com um grande canal de comuni" e Thatiana desaparece sem acabar a frase, a tela desligada.

Cláudio Vicente ri sem graça, se desculpa, ela deve estar devendo no banco de dados.

Ninguém toca mais no assunto e Diego segue a entrevista sem saber se teriam hackeado Thatiana ou se ela queria dizer aquilo mesmo. Se é que código binário tem opinião.

Estava em casa no dia em que Livia morreu múltiplas vezes. Acompanhou a história pela internet, fechado em seu quarto para fugir das câmeras na sala. Os afazeres daquela tarde foram cancelados para mantê-lo em segurança, além de que aquele ataque mudaria toda a narrativa trabalhada, segundo Afonso.

Em um prédio vizinho, encontraram uma boneca de Livia no poço do elevador. Provável que atacariam o seu prédio, não fosse pelos seguranças no térreo.

O FICA não assumiu autoria pelos ataques, e foi só no fim do dia que uma pequena célula terrorista desconhecida alegou autoria. Soltaram um vídeo clamando a si mesmo como responsáveis e dizendo que prender o artista é como matá-lo, ou alguma baboseira parecida. Até parece que eram eles... Não é preciso ser detetive para saber que a prisão de Livia havia cutucado a ferida de alguém, não apenas pela grana envolvida nos ataques, mas pela malícia dos mesmos. E uma célula nunca responde pelas dores da outra, se existe algo que a classe artística subversiva não conhece, é a união.

"Como você separa o que eu faço do que um terrorista faz?", é o próximo convidado do Boas Noites Talk Show quem pergunta, um diretor de comerciais conhecido por ser polêmico e subversivo de uma forma aceita pelo mercado, tendo ganho festivais como Cannes e AD&D, além de ter trabalhado com gigantes como Unilever e Nestlé.

Tinham se preparado para ele:

"Por que você faz um filme, por mais louco que seja?"

O diretor responde que para vender um produto, mas há ali também uma ideia, uma estética.

"Sim, claro", concorda Valla, "mas essa estética vende, faz a roda girar e a indústria se mover, paga o salário de quem acorda cedo para plantar arroz, apertar parafusos ou escrever num tablet, já o terrorista não tem essa função, mas usa a estética para desacomodar. Pessoas como Zêlo e o Curador não querem construir".

Na tarde do atentado, buscou os perfis de Sérgio Faria nas sociais.

Haviam afastado Diego de qualquer operação da polícia militar e o desligado das investigações, limitando-o a entregar as informações que possuía. Sabia que achar o traço de uma história em quadrinhos parecido com o de um desafeto de sua infância não era o bastante para um mandato de busca, até porque o estresse pós trauma invalidava a acusação.

Se o caso não tivesse tanta atenção pública, o COCA nem esperaria pelo mandato, derrubando a porta do studio fit de Sérgio e invadindo a sua moradia.

Pois Sérgio tinha dado errado nessa vida.

Casado e pai, morava com a mulher e o filho, um adolescente, em um studio de dimensões reduzidas em Curitiba 6, cidade pela qual a polícia não sentia muito carinho. Era consumidor de categoria 3, além de possível quadrinista criminoso, e jornalista para um coletivo de esquerda, desses que vem de lugar nenhum, aparecem por um mês e voltam para onde vieram. Também era palestrante sobre minimalismo e veganismo. Havia visitado a Venezuela. Como não conseguiam um mandato contra esse cara? Falido assim, imagina que as vendas de alguns gibis ultra faturados pelo fetiche da proibição caíam bem. Ou seja: tinha motivo.

Diego riu pela situação, não apenas por estar melhor que Sérgio, mas pelo feito de seu rival de se tornar ainda mais babaca. Havia ganho peso, também, o que era óbvio em comparação aos seus quatorze anos, mas era muito, muito peso. Apesar da diferença de tamanho e de Diego estar se recuperando, venceria com facilidade em uma luta contra Sérgio.

Cláudio Vicente se levanta e aperta a mão de Diego, agradecendo a presença, foi muito bom tê-lo ali, um herói local que trabalha por um Brasil mais justo e seguro. A plateia se levanta mais uma vez para aplaudir e Diego fica encabulado, não pelo carinho recebido, mas por saber que não é todo dele, mas da equipe por trás, nos bastidores: sua personal dresser e a preferência por tons sóbrios e escuros, a não ser pela gravata verde tom pastel para contrastar com sua seriedade, para Afonso e as respostas ora ensaiadas, ora improvisadas, para a maquiagem que realçou as cicatrizes em seu rosto para despertar simpatia, para seu personal walker, não a fisioterapia, mas o rapaz que o ensinou a caminhar da forma correta com a bengala, mancando na medida certa para não parecer vitimismo, mas lembrar os maus bocados pelos quais havia passado. Aqueles consumidores batendo as mãos umas nas outras não o conheciam, suas roupas não eram suas, seu andar não era seu e suas palavras não eram suas.

E daí? Você é mais do que apenas você, agora - havia dito Afonso no hospital, ao apresentar a equipe de apoio externo.

Vinha sendo administrado como uma a uso da RedBull e do COCA, mostrando que o Comando e Operações Contra a Arte funcionava, sim, e dando uma cara para ele, inclusive. Não uma face amigável, mas efetiva, que despertava respeito. Além disso, gosta de pensar em si como o símbolo de que o empenho individual pode, sim, fazer a diferença, mesmo abrindo mão de si.

Os consumidores batendo palmas não sabiam disso, afinal. E, coletivo ou não, estava sozinho quando entrou no galpão e sofreu o acidente.

Diz para Cláudio Vicente que é ele quem agradece, não apenas a entrevista, mas pelo carinho da cidade e do país, até - repetindo as palavras que Afonso sussurra em seu ouvido. Ao fim, diz que cansou e toma um gole da lata de RedBull que tem nas mãos para recarregar as energias, virando o logo da lata na direção do cinegrafista. Isso tudo era ele, Diego Valla, improvisando uma ação como garoto propaganda, expondo a marca, Afonso não tinha mandado fazer nada disso.

Quem sabe fosse bom naquilo, também.

Ao sair do palco, o relações públicas o espera com um sorriso:

"Você é um sucesso, sabia?"

06.

O primeiro encontro-ensaio-show da Eduardo Maracaibo Banda começa com um solo de bateria.

tec tetec tec tetec tec tetec tec tetec tec fazem os indicadores do baterista sobre a mesa da sala de visitas do presídio, os pulsos distantes o máximo permitido pela corrente das algemas. As falanges doem pelo tempo batucando e assistindo aos outros presos e suas conversas e Oi, Rodrigo, desculpa a demora. Soraia puxa a cadeira e se senta, os olhos fundos e o cabelo preso num rabo de cavalo. E aí, mana, tá como? Ela o encara e não responde - o silêncio do tec tetec tec ocupa o ambiente.

Vou mal, tec tetec, Me conta mais, tec tetec, ela conta: havia uma treta na academia de dança, uma aluna havia forjado evidências contra Soraia e chantageado ela para liberar o espaço para ensaios, imagina se a polícia descobre? Se descobre você desmente ela, ué. Ela pode me entregar como cúmplice, e no mínimo vai difamar a academia, tá uma caça às bruxas lá fora.

Soraia estica as mãos na direção das de Rodrigo, que não as toca, não sei mais o que fazer.

tec tetec tec tetec

Além de tudo, continua, ela trabalha na assessoria daquele policial celebridade tec tetec e parece que tem contatos no FICA - Rodrigo para de batucar - e diz que se eu fizer algo, eles vão tirar satisfação comigo.

Rodrigo pega as mãos da irmã e se estica sobre a mesa, abaixa o tom de voz até um cochicho: não acredite em tudo o que falam, o pessoal do FICA não tem as costas tão quentes assim, se não aquela escritora estaria livre. Sô, eles são desorganizados, horizontais, muitos tomam decisões e ninguém toma ao mesmo tempo, eu tenho alguém lá dentro que pode ajudar você.

Rodrigo sente as mãos apertadas pela irmã, que pergunta se ele está envolvido com esse pessoal. Não, ainda não, ao menos, conhecia esse cara da época de caminhoneiro, antes dos veículos autônomos. Dirigiram alguns trechos juntos e, por coincidência, quando veio o desemprego, os dois foram obrigados às artes. Diz para Soraia evitar o celular: quando o pegar de volta, na saída, vá para casa e o deixe perto da televisão ligada, volte à rua e vá até a Praça Tiradentes, procure pelo Giselo, um morarrua repentista, mande um abraço meu e explique o seu problema, ele vai mexer um pessoal lá dentro.

Obrigada.

É você quem manda no ritmo disso tudo, diz, não se esqueça disso.

Rodrigo solta as mãos dela e tec tetec tec tetec tec tetec tec tetec tec

E o Danilo, Soraia muda o assunto, por que não veio me ver? Se envolveu numa briga e está no isolamento. Aí, a cara dele. Dessa vez ele não tinha culpa, era o único jeito. A mãe disse pra você ficar de olho nele, é o caçula dela, sabe? Sei, claro.

Se despedem e Soraia se demora no tchau, manda beijos e diz ter saudades e adeus, tudo de novo, a cada visita.

Rodrigo volta à parte interna do presídio e vai até o pátio, onde encontra poucos presidiários por causa do chuveiro. Arregaça as mangas e passa os olhos por cima de todos, como quem busca uma marca específica de cereal pelas prateleiras de um mercado. Isso até encontrar os olhos, fundos sob os hematomas, de um rapaz jovem e sorriso de raposa, que funga ao rir. Rodrigo dá um passo e dois e três e quatro na direção do cara, acelerando até um pequeno trote, as passadas finais mais distanciadas, passo de saltador, até que, perto o bastante, pula sobre ele, levando-o ao chão, a nuca no cimento, caindo de cima, ajoelhado e com as mãos livres: pou, faz a direita contra a mandíbula do sujeito derrubado, popou, faz a esquerda, seguida pela direita. Alguns presos o encaram, um chama os carcereiros e os que sobram riem do cara que apanha e pou popou pou popou pou e finalmente há braços o suficiente para puxá-lo e levá-lo para longe, as mãos grudadas de suor e sangue.

Que esse cara fez pra sua família?, pergunta o guarda para Diego ao levá-lo para o isolamento, até entende, ele também daria umas bordoadas naquela poetinha babaca se pudesse, mas, porra, foi muito gratuito, por que fazer isso? É um compromisso meu, responde Rodrigo.

Depois da bateria, ouve-se o baixo.

Graças a Deus!, o grito de Felipe Correa ecoa pelo corredor das solitárias, achei que cê tinha dado pra trás. Havia ouvido o carcereiro entrar com Rodrigo Lopes e o trancar em uma das celas de isolamento. Com o baterista ali, a banda estava completa e era só esperar pelo anoitecer para os quatro integrantes estarem juntos outra vez.

Na verdade, pela primeira vez.

Felicita a si mesmo, em silêncio, pois é o responsável por tudo até ali: havia juntado a banda, ensinado a criar músicas sem instrumentos, com os integrantes contando uns aos outros quais notas em cada momento, um ano cochichando entre corredores e refeições e banhos de sol, nunca os quatro juntos, nem ao menos três, sempre duplas e sempre distantes uma da outra para não levantar suspeita, também foi Felipe Correa quem descobriu a segunda

profissão do carcereiro responsável pelas solitárias no horário da noite, empresário de quem cumpre pena, como afirmava, pagou uma parcela antes e pagará uma depois, tendo assim uma noite para gravação e acesso aos instrumentos, além de ajuda para circular as músicas lá fora.

Gastou uns números que havia deixado à esposa e à filha, mas se saísse vitorioso da aposta, fosse através do mercado da arte ou do entretenimento, poderia dobrar ou até triplicar aqueles valores. Sentia Deus ao seu lado em sua empreitada, e como não, se foram os homens que criaram essa lei de falsa adoração, e não Ele, levando Felipe Correa à cadeia por escrever e musicalizar louvores em sua paróquia.

Anos no presídio não eram um abandono por parte Dele, mas uma provação. Sentia-se Jó. Mas chegou a hora de reerguer sua felicidade.

Encostadas na porta de sua cela, invisíveis para quem espiasse pela portinhola, estavam duas guitarras, um baixo e o equipamento de gravação para que não precisassem plugar os instrumentos em saídas de som. Ensaíariam e gravariam no menos volume possível, mesmo que só os quatro ali, mesmo que o resto do presídio fosse distante e barulhento. A bateria seria improvisada, pagou o suficiente para que o carcereiro-empresário arranjasse uma, mas não conseguiu. Ao menos foi o equipamento do metaleiro, e que isso sirva de sinal para ele.

Anoitece e as portas são abertas. Os demais integrantes se encontram na cela de Felipe Correa: Dário Buchweitz, vocalista e segunda guitarra, Rodrigo Lopes, baterista, e Danilo Lopes, guitarrista. Possuem quatro músicas para gravar, as quais nunca tocaram, apenas em suas cabeças. Gravariam todas nessa madrugada. Tentou comprar mais dias com o carcereiro, mas não era possível sem levantar suspeitas pelas imagens das câmeras serem apagadas.

E o nome da banda, diz Danilo Lopes enquanto afina a guitarra, vai ser esse mesmo, Eduardo Maracaibo?

Eduardo Maracaibo, corrige, e vai ser esse, pô.

Eduardo foi um dos primeiros presos pela proibição da arte, também um dos primeiros a ter o julgamento televisionado e patrocinado, os bastidores transformados em programa com a marca da Som Livre.

Dividiu cela com Eduardo Maracaibo muitos anos antes, e enquanto o velho definhava, Felipe sugava a sabedoria possível daquele senhor de origens venezuelanas. Para Maracaibo, a única derrota é o fim da arte, o cessar da produção, e enquanto cada artista encarcerado

produzir, o sistema perde. Ao fim, possuía mais de trinta músicas decoradas, inéditas, nunca sequer reproduzidas e que faziam sentido apenas no cérebro de Maracaibo, tantos anos afastado de uma viola.

Felipe não cometeria o mesmo erro, se era para criar algo, que durasse, de nada adiantava uma utopia dentro de sua cabeça. E se o céu pertence aos sofrendores e aos injustiçados, que chegassem sabendo as letras de cor, que é pro show valer a eternidade esperada. Além disso, um dinheiro grosso, mesmo que em papel e moeda, ajudariam a mulher e a filha.

Conectam os instrumentos nos gravadores e testam o volume de captação de cada um. Nem começam a primeira música e os Lopes já começam a discutir.

Apesar da alta concentração de artistas presos, poucos músicos acabavam na Colônia Penal Match 3 Gillette de Piraquara, mais ocupada por traficantes de drogas, assaltantes e homicidas. E se já era difícil encontrar um músico decente, que dirá dois ou três que topassem se arriscar em uma banda. O primeiro a aceitar foi Dário Buchweitz, também de meia idade, um andarilho pego compondo poemas e traficando entorpecentes. Esse trouxe Rodrigo Lopes que, por sua vez, falou do irmão que tocava guitarra, mas sem saber se era de confiança. Por acaso ele vai trair a própria família?, perguntou Felipe na época, tendo certeza que a resposta seria não. Hoje, conhecendo mais novo, não tem tanta certeza.

Diferente de Felipe Correa, os outros não compartilham da mesma fé e admiração pelo Criador, o que é uma pena. Deixará os louvores para um segundo álbum da Eduardo Maracaibo Banda ou, quem sabe, para uma possível carreira solo.

Acaba de afinar o baixo, faz um positivo para Rodrigo e Dário, ambos em silêncio com seus instrumentos, manda Danilo calar a boca porque vão começar e Deus abençoe e um, e dois, e um, dois, três

A primeira música de Eduardo Maracaibo Banda fracassa por uma hora e o vocalista pede uma pausa.

- Cês aceitam um cigarro? Tem um pra cada. Eu tava guardando pra gente comemorar, saca? Mas talvez nem role, do jeito merda que tá saindo. Não que falte talento, isso nunca é o problema, bicho, o rolo é sempre outro, a treta é mais embaixo. Pois é o fato de cês serem foda que tá atrapalhando o nosso rolê, sinceramente. Eu trocava vocês dois por um baterista e um guitarrista com menos manha e mais cabeça baixa, porque puta que pariu, que treta é essa entre vocês? Chega aqui: o Danilo quer acelerar o som e toca rápido, o Rodrigo quer diminuir e

sai ainda mais devagar. Uma guitarra rápida e uma bateria lenta. Porra, cês querem me foder? Eu e o Felipe tamo ali no meio sem saber se corremos ou freamos ou voltamos no tempo e falamos pra nós mesmos: óh, esses caras aí não vão render, procura outros... Fazia tempo que eu não fumava um cigarro. Hm, tão vendo essa tattoo de galinha no meu pulso, sabem o significado? Vou contar assim mesmo: muito antes de cês dois serem presos, quando a artista ainda não tava acostumada a apanhar da polícia e ir pra cadeia, o pessoal mais duro, com uns crimes de crueldade mesmo na ficha, tatuavam em cada artista uma galinha tosca com olhar de bicho morto. Porque era isso que cada artista significava pra eles: bicho morto. Aí, pra saber se podia ou não se folgar pra cima de um preso, buscavam a galinha no corpo, sempre num lugar visível, que é pra não ter trabalho pra encontrar. O Felipe tem uma também, mas esconde. Isso, bicho, foi antes da gente revidar, antes da Rebelião das Penas em Niterói e da Briga de Galo Doido no Ceará, antes da gente se armar e combater o sistema do jeito que ele combate a gente. Aí rolou uma revolta, iam tatuar um bailarino ou um ventríloquo e os caras viravam no cão doido pra cima dos outros presos. Deu merda, deu morte, e a gente foi deixado em paz, finalmente. Quem não era pau no cu, virou, tipo eu e o Felipe. E os demais, que foram chegando, já eram por natureza, tipo cês dois. Essa foi nossa primeira revolução na cadeia: dar uns tapas de volta. Saca qual vai ser a segunda? Produzir. Chega de ficar quieto, de não cacarejar, que como boas galinhas, cada um aqui vai pôr um ovo e jogar nesses iletrados que nos jogaram aqui. E a gente pode sair na frente, nós quatro, tendo esse empresário a nosso favor, uns contatos, vai que a gente vende esse rolê, vai que dá grana ilícita e a gente faz um por onde lá fora. Pior: vai que alguma empresa resolve botar as mãos nisso e compra a nossa soltura. Porra, imaginaram? Mas, aí, quando a gente coloca as quatro galinhas no mesmo galinheiro, duas delas não se dão. Ah, vai pra porra! Tão achando o que? Vocês já me custaram uma fumada proveitosa, catártica, não me dêem mais prejuízo. A gente tem mais cinco horas pra fazer esse som entrar no gravador e sair daqui. Quando amanhecer, isso tudo vira história e cada um vai pro seu lado e foda-se o que vocês fizerem. Mas, agora, cês vão acertar essa birra e fazer rolar, se não for pelo objetivo, vai ser por mim e pelo Felipe, se não for pelo respeito, vai ser pra se safar das surras diárias até o dia em que cumprirem a pena. Vocês dois tiveram que se meter em briga pra vim parar na solitária. Eu só cheguei pro carcereiro e falei: me manda pro isolamento, que se eu ficar mais um dia na cela com aquele poeta arrogante, vou matar o cara. E sabem por que eu tô aqui? Porque eu não brinco. Agora pega essa guitarra e vamos tentar do começo.

A guitarra é o último instrumento a acertar o tom e o ritmo.

Danilo aceita, no fim aceita, não por medo da violência prometida, claro, mas porque foda-se, deixa os velhos fazerem do jeito deles e por isso dedilha a guitarra na velocidade pedida, como um bom e obediente guitarrista, mas não como um bom Danilo com aquele dedilhar virgem e a falta do pedal de fuzz para dar uma sarrada no som, que nem ouve, aliás, apenas adivinha com tudo sendo captado pelo mini gravador, tanto os instrumentos de corda quanto a voz e a bateria de bugigangas feita pelo irmão, um piá pançudo batucando as coisas do pai, apesar de ser obrigado a dar o braço a torcer de que o mano manda bem nas pancadas, mas nem ele, nem o crente ou o hippie estressado sacam o que é música hoje, pois ninguém vai dançar essa falta de entusiasmo, marasmo musicado, ou gritar toca Maracaibo em algum show, ou pagar pelo pen drive, sabe lá que diabos eles esperam alcançar com esse som, aí, no qual falta movimento e suingue e malemolência, era só apressar um pouquinho, mas se acelera os idiotas já se perdem e reclamam e culpam Danilo, como se fosse sua a culpa de ser um jovem no meio daqueles atrasados sem ideia do que faz os corpinhos se mexerem numa pista de dança, num show de alternas, dúvida também que pudesse salvar essas pira tudo, ainda mais com esse vocal ainda pagando por uma vida de ácido, não que Danilo esteja limpo, mas se todos tivessem o mesmo vício, ao menos, já poderiam se considerar uma banda, mas não, tá ali misturando sua cocaína com álcool, ácido e água benta, sem querer desmerecer o pastor, até porque o acha muito show por juntar a banda e tentar e, perto dele, brocha é o lerdo do Rodrigo que não só faz corpo mole para acompanhar sua guitarra, mas também vira os outros contra Danilo e se pudesse ao menos sujar as notas um pouco, arrastá-las no chão, batê-las nas grades, porra, que falta faz um fuzz, uma platéia, estar bêbado e cheirado em frente à uma turba de consumidores categoria dois, eles respondendo àquela vida parada e sem muito incentivo, também no álcool e nas drogas e gritando e mexendo e no fim do show aparece uma garota querendo entrar nos bastidores, ou um moleque se oferecendo, e claro que aceita, aceita tudo, pergunta se tem mais uns amigos por ali pra capricharem numa farra de levar o cérebro à falência e transformar a república dos estudantes num motel barato de beira de rodovia porque a música é um meio para um fim e esse fim não é louvar um Deus surdo ou cacarejar contra o sistema ou juntar os metaleiros médios em uma tarde se você pode usá-la para transpirar em cima de um total desconhecido ou embaixo ou ao lado e podendo ser vários e não um só para varar a madrugada até e Dário grita: cê tá acelerando de novo, porra!

Na semana seguinte, Eduardo Maracaibo Banda recebe sua primeira crítica.

Na sala de visitas da penitenciária, a vontade de Soraia é de saltar sobre a mesa e tirar cada fio de cabelo de Danilo no tapa! Como puderam? Chega mais perto do irmão e grita num cochicho:

- Vocês são idiotas? Falei pro Rodrigo da merda que tá lá fora e a última coisa que preciso é vocês envolvidos em mais arte.

- Que eles vão fazer, prender a gente?

- Não foi o bastante, Danilo?

O pior para Soraia é aguentar o riso besta do caçula, como se fosse isso o que quisesse o tempo todo: alguém desconsiderando seus atos, mostrando o quão errado era. O ouve dizer que está tudo bem, fizeram tudo na calada, ninguém viu, ninguém sabe, e logo o som deles estará lá fora.

- E com a moda do conservadorismo, talvez até dê certo - completa.

- A moda que se exploda.

- Isso que aconteceu contigo e até o Rodrigo sabe, que é?

Conta, então, pela segunda vez naquela sala sobre o caso de Liana e a chantagem sofrida pra liberar o espaço para a mesma dançar. Fala também do contato de Rodrigo, Giselo, e de como ele não ajudou em nada quando foi procurá-lo, pois o cara não bate bem, só sabia falar que tinha uma vaga no céu e não tinha tempo para lidar com outras coisas, ia atrapalhar suas chances.

- Doidinho, então?

- Doidinho. Pior que agora não sei o que fazer.

- Faz que nem eu e aceita, fica de boa.

- Isso não, eu vendo a academia, mas não deixo aquela perturbada em paz.

- ...

- E você, aceitou e ficou de boa com o que?

- O ritmo do Rodrigo, ah, um lance aí.

- Ele me disse algo assim, que eu precisava ditar o ritmo da situação.

Soraia nem se surpreende com o riso do irmão mais novo, a risada de escárnio que traz desde criança, até dela sente falta. Risada também que faz tudo parecer brincadeira de criança, nada tão sério assim quanto realmente era. Sente-se mais leve ao ouvi-lo:

- Vai obedecer o Rodrigo? Ele tá acostumado a ditar o ritmo, não a quebrar.

- Como assim?

- Como assim que o mano é um conservador, cê tem que ir além do que ele diz.

Danilo mostra que sabe ir além e tece ali um plano simples: assustar Liana.

Soraia falaria para ela que não tem problemas em denunciar artistas e queimaria o contato de Rodrigo como prova. Morarrua louquinho, segundo Danilo, só leva uns sapatos e logo é solto na rua, que sai mais barato pro sistema, já que não possuem números a serem congelados em contas de banco para render.

- Isso não é meio excessivo?

- Deixa essa mina girando nos seus tecidos, então.

- Tá. Acha que ela me larga depois disso?

- Eu sei que larga, essa aí não tem nada, compra o blefe dela.

Soraia se despede do caçula e sai da penitenciária um pouco mais tranquila que quando entrou, apesar de um pensamento ruim na cabeça: talvez a cadeia fosse o lugar do seu irmão mais novo.

07.

Giselo acorda som da chuva na eternit, pés molhados e pulsos inchados pela artrite
sob as marquises entre os azarados em colchões rasgados arrisca um palpite:
que se fossem alados e não avoados
mas drones blindados fiéis aos estados
a miséria ainda não teria exit
pois mesmo que de terno e rebite
sob um amor materno e que não grite
vida de cabresto em que não frite
sobraria algo de si?
fiel à filosofia e ao frenesi
da cavalaria de iphone conectado ao wifi
mas não baixaria a cabeça, fi
desobediente feito Zumbi
abraçaria a sina de Geni
sob pedras e cuspes lançados aqui.
Levanta e enrola o colchão, da garganta pra corda a pressão
da situação de uma possível ascensão
no dia seguinte
não mais apenas um pedinte, alçado além de ouvinte
como ousado contribuinte no rap das quatro e vinte.
Foi pela prisão da escrevente, assustou toda sua gente
alguns morarruas partiram na frente e deixaram um vazio, um vão
que de nada valem no chão, mas nem tudo foi decepção
e um indigente que fugiu entre a multidão era emergente
partiu urgente pelo medo de perseguição
mas foi negligente, e no alto das árvores restou o presente
entre o verde da Tiradentes, em bem fundada solidão
uma rede e uma lona balançam pendentes e veio a proclamação:
Há uma vaga no céu, venham os pretendentes
munidos de refrão e marra até os dentes
para que essa casa não fique ao léu, faremos uma competição.
E os morarruas lá em cima se farão jurados para apontar o próximo arriba
alguém que leve a promoção na base da rima.

Joga o colchão sobre o ponto de ônibus, sob a lona e os olhos de tabus
devolve o olhar de pena aos seres anacrônicos, que nem mesmo com neurônios biônicos
se descobririam mecânicos da indústria que devasta orgânicos.

Feito eles.

Feito Giselo.

Que mesmo que more na rua, sabe que a vida continua e enquanto sua carne for crua não há
história que não construa pois sobre seu destino trágico levantará um conto mágico sob a luz
da lua com seu sono num vôo de cacatua.

Não se contentou com Giselo, apesar de nome belo
também se fez Zelo num meio paralelo ao se transformar em flagelo
inspirado em Otelo
e cair feito martelo
sobre peito verde e amarelo.

Assim fortaleceu o elo ao se ver cutelo nesse duelo queimando a cidade
quando o chamaram, respondeu
não protelo e acelerou de chinelo e disfarce branquelo sobre a autoridade
se fez mercenário e desapareceu
voltando à errância depois da ambulância, alegou ignorância sobre a adversidade
ao menos Otário não morreu

Otário acordou em ignorância em meio a bonança salvo da irrelevância e da mediocridade
assim falaram as novidades
e longe da exuberância, na fudelancia, mesmo à distância houve reciprocidade
e Zelo foi ouvido e produzido e reproduzido à vontade.

Seu som imundo e autoral, valeria por baluartes
de vagabundo, imoral e periferia de todas as partes
com o rap profundo, na moral, discorreria até Descartes
e mesmo moribundo, marginal, constaria em vários lattes
do submundo sociocultural, cuspiria suas contrapartes
através do Fundo Ilegal de Correria e Artes.

Se som é motivo de guerra, suas rimas serão Martes
mas ainda de pés em terra, espera não ser um mártir
a fome cortante o assunto encerra, recorre ao à la carte
tenta na catedral: será que cês tem um pão?

ouve um coral dizer esse não tem salvação
senta sob as árvores da praça sem qualquer marmitta
sente no ar a fumaça da pedra que não é brita
a vida testa sua raça da forma mais explícita
busca dentro de si sua graça para que não se permita
olha pra cima, sem rima, pragueja contra o clima
abandona sua couraça e a mente levita
anima, sublima e sobe junto de sua auto-estima
pois aquela morada será sua e ninguém o subestima.

Como se sentisse o cheiro da intenção, Tônio chega perto e estica um pão:
irmão, qual o pensamento?

Giselo responde só lamento, conhecimento é investimento, moeda de troca.
Mas depois sente a fome feito broca e apanha o fruto da panificação
de troco manda sua explicação:

tô me preparando para a competição de amanhã
e se a poesia se mostrar minha irmã, levo o divã - nesse Éden, a nossa maçã.

Tônio ri sem jeito, em seu semblante o preconceito de quem se acha no direito de tomar tal
leito por se dizer prefeito mesmo nunca eleito por ninguém, mas por causa e efeito da idade
que tem.

Se ele é o mais velho?

Nem.

É alemão e só e não entende, é de dar dó, se acha o ó do borogodó
como se o mundo o tomasse por xodó, mas se acaba no loló
até sobrar o pó
tem gente que não aceita ser só mais um.

Giselo agradece o papo, mesmo que sinta no olhar um sopapo
guarda pra si o desagrado e vaza de estômago embrulhado
em seu âmago conhece o perfil:

se faz servil, como igual nunca se viu, mas na verdade é vil
nem quer saber se a carapuça serviu para mandá-lo à _____
ele deve achar Giselo um imbecil.

sabe que a rima de Tônio é fraca, escassa, desgraça
telhado de vidraça

sem qualquer ameaça
mas confessa: não fosse Zelo, ele tinha chance na taça
Mas e Zelo?
Zelo arregaça e rechaça rima de reaça
amanhã sairá à caça sem mordança, bruxo feito traça.
Muito passa do almoço, como se comida tivesse hora
o estômago em alvoroço come a si mesmo pela demora
nenhum dinheiro ilegal no bolso, se manda embora
bate de porta em porta
é atendido por um você de volta?, não se importa
exporta o pedido para que seja atendido
nem que seja com uma torta de sobras.
Por fibras faz mil manobras, pede até em libras em canteiros de obras
cobras, não dividem suas vísceras
infrutíferas suas tentativas por seis horas
lombrigas o comem de dentro pra fora
corrida de bigas atrás de pé de amoras
e até formigas procura de cócoras
faz figas e não adianta
mendigas feito sacripanta
suas cantigas a ninguém acalanta
não descola espigas ou pastel com fanta.
Anta.
Jamanta.
Filho da puta mesmo com mãe santa
fracasso sob a manta, o ácido na garganta e duvida que coma antes da janta
suplanta a fome com o raciocínio sobre o dia seguinte
e o fascínio que despertaria, o extermínio praticaria
chega de declínio e paciência, é hora de domínio, resiliência, seria predomínio em sua ciência:
o rap, o hip, o hop, onde é top, é pop, trava lap top e nem cop manda stop, foda como sex shop
e o resto flop, flop, molecada de tip top.
A fome volta tipo ronco de motor, já nem sabe lidar com a dor
em tempo anterior, quando era pivete, morarrua sênior trabalhava de valete

reflete e remete à época em que trabalhava em frete
feliz com quitinete toaleta e periguete
confete passado quantos anos atrás?

Sete.

Agora bate em porta de lanchonete atrás de resto de baguete
motoristas são os novos ex-lutadores de telequete.
cuidador de carro, não faz, os autos param jamais
camionete, hatch, sedan, outros tantos mais
no piloto autónomo fazem seus orbitais
queimando dinossauros pelas regiões centrais
sem nunca parar, em trajetos ideais
com impactos sociais
apesar de legais
e frases como cuidei do carro, tio ou quer ajuda pra manobrar?
ficaram para trás
a não ser com charretes puxadas por animais
mundo tiete das inteligências artificiais
canivete no pescoço de tantas cabeças naturais.
Ademais: o FICA atrasa o salário
volta à catedral pro jantar comunitário
obra de ong municipal, nada a ver com o relicário
lá na praça, uma van estacionada junto à calçada.
Dá uma corrida para a fila não dar uma aumentada
má agradecida, uma morarrua reclama da salada:
há!, essas batatas chips e molho Hellmans dão para nada.
escurece rápido, meio de outono
Giselo come ávido, repõe carbono
Miojo desce ácido, é o patrono
fica comovido, se lembra do Nono.
Decide dormir cedo, não por medo, mas por enredo
recupera o colchão de seu local-segredo
imperera dentro da lona o cheiro de azedo
ledo é o engano ao dar um tapa na pantera

quimera já fez de Giselo seu brinquedo:
concedo o sono se domar a sua fera
impossível
e deita e vira e revira e etcétera
coração e olhos feito batera
estica a cara à chuva sob a extratósfera
não tem céu estrelado em sua atmosfera
se pudesse abria entre as nuvens uma cratera
ouve outros morarruas conversarem em galera
sobre o bafafá o nome Giselo reverbera
é Tônio que com dois policiais coopera
fu
deus.
Tônio se supera
e aponta
e afronta
e a fronha cai pelo precipício
Zelo se desespera
e amedronta
e desmonta
e confronta o seu martírio
Aquele lá é o Zelo, rapper!, diz o seu carrasco
fiasco!
Fariam Giselo churrasco
carne e combustível
pelo Tônio sente asco
polaco corruptível
se põe em pé casco por casco
num plano falível
galopar até Damasco
ou ao país Basco
o que for cabível
pois sabem seu nome de rap

caiu numa trap
mudará de CEP
deixará nem scrap
bad, bad, não serve
foge pega Cândido até o obelisco
quebra na esperança de sumir na São Francisco
o corpo quente e arisco no risco do confisco
o chuvisco o atrasa
quem dera tivesse asas
sente o rosto em brasa.
Os drones vem atrás, som de hélices
gritam várias vogais, os polices
sente a vespa no ombro, começa as preces
desmaia.

Atravessado na viatura, as mãos presas, seguras
se descobre miniatura depois de implodida sua estrutura
pensa arriscar uma diplomacia
exigir uma advocacia
e acusar Tônio de falácia
fugir pelo labirinto da burocracia
mas ouve a conversa da polícia
um deles diz que essa não é a via
o outro ri: achou que a gente ia pra delegacia?

08.

INT. QUARTO DE MOTEL - NOITE

Cortinas fechadas, ventilador de teto desligado e banheira de hidromassagem num canto afastado. Há dois celulares e um toca fitas sobre o lençol de um marrom escuro, os fones de ouvido emitem o som de um casal transando para os microfones dos celulares. A cama de madeira de lei está empoeirada e carcomida pelos cupins. A banheira parece já ter sido branca, agora repleta de manchas amareladas.

LAURA, 25 anos, caucasiana, pequena, magra e de nariz perfeito fuma um cigarro no centro do quarto.

WALKMAN, 32 anos, asiático, pouco acima do peso, está sentado dentro da banheira vazia, com os joelhos dobrados, deixando espaço para mais uma pessoa entrar.

Silêncio total enquanto o gemido da trepada se perpetua como o zunido de uma mosca.

WALKMAN
(cochichando)
Tá esperando um convite?

LAURA não responde e fuma seu cigarro.

FONE DE OUVIDOS (OFF SCREEN)
(som chiado)
Ow, yeah! Yeah!

WALKMAN
(cochichando)
Entra pra gente conversar.

LAURA
Por que cê não marca num café que
nem todo mundo?

WALKMAN
(cochichando)
Exatamente porque todo mundo marca
em café. Quer dar flagrante?

LAURA
Cê vem aqui, além de, sabe, essas
reuniões?

LAURA termina o cigarro e joga a bituca ainda acesa em cima de WALKMAN.

LAURA entra na banheira uma perna por vez, a calça jeans azul e a camiseta cinza da banda Smart Girls Rlz, senta-se e fica frente a frente com WALKMAN, ocupa mais espaço que ele.

LAURA (CONT'D)
Diz, então, que merda é essa de
acelerar o processo? Não tenho
filmagens o suficiente.

WALKMAN
(cochichando)
Nem precisa, vamos encerrar o
documentário.

LAURA
(falando mais alto)
Como assim, e jogar tudo que fiz
fora?

WALKMAN
(cochichando)
Shi! Fala baixo.

LAURA
E precisam de mim pra que?

WALKMAN
(cochichando)
Pra sequestrar o Valla.

LAURA
Não é meio demais? Com um
documentário bem editado já faço um
estrageo na vida dele.

WALKMAN
(cochichando)
Eles pegaram a escritora e agora o
motorista.

LAURA
Todo mundo é pego. Um dia.

WALKMAN
(cochichando)
O motorista não foi pra prisão nem
delegacia, viram ele ser pego e só.
Ele tá fora do sistema, não pago
pra saber o que fazem com ele.

LAURA
Ele não sumiu por aí, só?

WALKMAN
(cochichando)
Vamos contra atacar esses
ordinários, Laura.

LAURA
(rindo)
E eu sou a mina pra isso? O cara é um mini gorila.

WALKMAN
(cochichando)
O Fundo vai mandar dois caras pro serviço, cê precisa armar lugar e hora.

LAURA
Dois? Manda uns três neandertais, no mínimo.

WALKMAN
(cochichando)
O sujeito ainda tá de bengala, dois dão conta.

LAURA
E se dá errado? Melhor mandar mais.

WALKMAN
(cochichando)
Verei o que consigo.

LAURA
Não é você quem decide, sou eu na linha de frente.

LAURA ameaça se levantar e WALKMAN a puxa.

WALKMAN
(cochichando)
Sabe como fazer?

LAURA
Claro que não, mas não é você que vai me ensinar.

WALKMAN
(cochichando)
Eu sou da correria. Cê que é das artes.

LAURA
(falando mais alto)
Cê traz mina no motel pra reunião de negócios, cê não saca das correrias.

WALKMAN
(cochichando)
Mais baixo, porra.

LAURA
Tem medo de alguém ouvindo além da
nossa transa? Que tipo de
punheteiro cê imagina do outro
lado?

LAURA acomoda-se de novo na banheira, olha para WALKMAN e busca outro cigarro nos bolsos, o acende com o isqueiro e traga.

LAURA (CONT'D)
Como cê faria?

WALKMAN
(cochichando)
Em um lugar público, mas não muito
movimentado, com ele sozinho.

LAURA
Ele nunca tá sozinho, o cara é
celebrity.

WALKMAN
(cochichando)
Então hackear o carro com ele
dentro.

LAURA
O carro é rastreado. Ele é
importante, Walkman.

Em um momento de silêncio, um sem olhar para o outro, ouve-se a mulher do toca fitas sobre a cama gemer alto, num gozo obviamente falso para algum filme pornô.

FONE DE OUVIDOS (OFF SCREEN)
(som chiado)
Isso, isso, yeaaah!

WALKMAN
(cochichando)
Como você faria?

LAURA
Como eu farei? Não sei.

FONE DE OUVIDOS (OFF SCREEN)
(som chiado)
Mete, mete...

LAURA
Afonso tá cobrando uma amostra do material e o Valla reclama feito criança que só eu vejo a casa dele. Usarei essas birras de desculpa e marco para irem ao meu home office.

WALKMAN
(cochichando)
Não vai levantar suspeitas?

LAURA
Eu sei montar uma farsa.

WALKMAN
(cochichando)
E o Afonso?

LAURA
Uma amiga pode atrasar ele no trabalho. Quando chegar, só vai encontrar euzinha desacordada.

WALKMAN
(cochichando)
Simples assim?

LAURA
Simples assim.

WALKMAN
(cochichando)
Tá, funciona, acho.

LAURA
Só fala pros neandertais chegarem chutando a porta alto o bastante pro meu celular ouvir, mas baixo pra não chamar os vizinhos.

WALKMAN
(cochichando)
Muito específico.

LAURA
Muito específico? Que tipo de crítica é essa?

LAURA bate as cinzas dentro da banheira e se levanta. Caminha em direção à cama e estica a mão para pegar o celular.

WALKMAN
(cochichando alto)
Não, espera, a fita ainda não acabou.

LAURA
Vai se foder.

LAURA pega o celular e o coloca no bolso, deixa o aparelho de WALKMAN sozinho com o som de pornografia. WALKMAN inicia uma reclamação, mas não a exprime. Dos fones, ouve-se o urrar do orgasmo de um homem.

FONE DE OUVIDOS (OFF SCREEN)
(som chiado)
Eu vou, eu vou, aaaaah!

LAURA
Belo orgasmo.

LAURA pega a mochila do chão e se dirige à porta.

WALKMAN
Belo nariz.

LAURA para com a mão na maçaneta.

LAURA
Obrigada, mas não é meu.

CORTA PARA:

INT. HOME OFFICE - DIA

Quarto e cozinha e sala e ilha de trabalho em um único espaço. Poucos móveis: uma mesa com gavetas e telas de computador e teclado e mouse, duas estantes com livros e objetos de decoração, cama, arara de roupas, poltrona, ventilador, criado-mudo, abajur. Minimalista, limpo e bem cuidado. A cozinha se limita a um frigobar e uma bancada, com mesa e banquetas.

Há uma porta em um canto.

LAURA está de pijamas - calça de moletom e regata preta dois números maior -, sentada em frente aos monitores da ilha de trabalho, assiste diferentes imagens: duas com cômodos vazios - uma sala e um quarto, ambos de paredes cinzas -, uma rua sendo vista de cima, DIEGO VALLA, 32 anos, de estatura baixa e pele parda, é visto de diferentes ângulos, caminhando por essa rua.

Do lado de fora, duas vozes masculinas conversam ofegantes, LAURA para o que está fazendo para ouvi-las.

VOZ 1 (OFF SCREEN)
Tem certeza que é esse?

VOZ 2 (OFF SCREEN)
É o número que tá escrito, bicho.

LAURA se levanta e pega a mochila ao lado da cama sem fazer barulho.

VOZ 1 (OFF SCREEN)
Será que não erraram?

VOZ 2 (OFF SCREEN)
Os caras não erram.

VOZ 1 (OFF SCREEN)
Ah, erram.

VOZ 2 (OFF SCREEN)
Verdade.

VOZ 1 (OFF SCREEN)
Arrombamos direto?

VOZ 2 (OFF SCREEN)
E se bater na porta antes?

A campainha do apartamento e duas batidas na porta soam ao mesmo tempo. LAURA solta a mochila e se aproxima da porta.

LAURA
Tô indo, cês tão adianta...

A porta se abre num movimento brusco, chocando-se com a cabeça de LAURA, que é lançada para trás. DOIS NEANDERTAIS entram no apartamento, passam por LAURA e buscam outra pessoa no local, sem encontrar.

LAURA tenta falar e NEANDERTAL 1 salta sobre ela, a vira para baixo e encena uma luta para mantê-la paralisada, enquanto NEANDERTAL 2 corre ao banheiro, abre a porta e espia. Os dois usam luvas.

LAURA (CONT'D)
Cês tão adiantados, porra.

NEANDERTAL 1 sai de cima de LAURA enquanto NEANDERTAL 2 apoia-se na bancada da cozinha.

NEANDERTAL 1
São quatro e meia, pô.

LAURA
E ele chega cinco e meia, falei pro
Walkman.

LAURA vai até a porta do apartamento.

INT. CORREDOR DE PRÉDIO - DIA

LAURA estica a cabeça para fora do apartamento e olha para um lado e olha para o outro, não há ninguém ali. Volta para dentro.

INT. HOME OFFICE - DIA

LAURA volta ao apartamento e fecha a porta. Vai ao frigobar e pega uma forma de gelo, retira os cubos e os enrola em um pano, que leva ao vermelho da testa.

LAURA
Adiantados e agora a história não
bate, como cês passaram cinco e
meia pelo portão e só uma hora
depois aparecem para sequestrar
Valla?

NEANDERTAL 2
Como assim, quem tá reparando
nisso?

LAURA
Todo mundo, velho.

NEANDERTAL 1
Ninguém nos viu entrar e subir.

LAURA volta à ilha de trabalho e faz um movimento com a mão, como se a apresentasse aos dois, mostrando todos os ângulos de DIEGO VALLA.

LAURA
Todo mundo viu cês entrarem. Todo
mundo vê a todo momento. Vamos ter
de reencenar isso e o plano muda:
cês me fazem refém e quando Diego
chega eu já tô no chão.

NEANDERTAL 1
Reencenar pra quem?

LAURA
Pro meu celular.

LAURA puxa uma caixa de plástico de dentro de uma gaveta.

LAURA (CONT'D)
Aliás, levem essa caixa com vocês,
não posso ser pega com ela.

NEANDERTAL 1
E como a gente vai fazer?

LAURA
Chega aqui.

Conforme os dois neandertais se aproximam, LAURA começa a falar, mas não ouvimos o que diz.

FADE OUT.

INT. HOME OFFICE - DIA

LAURA está sentada sobre a cama quando a porta é arrombada. NEANDERTAL 1 tem um taco em mãos e entra com pressa, NEANDERTAL 2 está armado, entra e fecha a porta com uma batida violenta.

LAURA
Quem são vocês?

NEANDERTAL 1 bate a ripa de madeira contra a parede. LAURA grita como se a pancada fosse nela.

LAURA (CONT'D)
(gritando)
Ai!

NEANDERTAL 1
(gritando)
Quieta, cretina! Cadê o Valla?

LAURA
(beirando as lágrimas)
Ele não está aqui. Ele nunca vem aqui.

Passam alguns segundos de silêncio e LAURA olha para NEANDERTAL 2, fazendo movimentos com a mão como quem insinua: sua vez.

NEANDERTAL 2
(sem muita expressão)
Nós sabemos que ele vem para seu home office!

LAURA se aproxima do celular, deixando o rosto choroso e com o vermelho da pancada da porta na linha da câmera.

NEANDERTAL 1
(gritando)
Cê não vai chamar a polícia!

NEANDERTAL 2
(sem muita expressão)
É isso mesmo!

NEANDERTAL 1 pega o celular de LAURA e o joga no chão, aplicando o pé sobre o aparelho diversas vezes, o esmaga até sobrar apenas pequenas partes do aparelho.

NOVO ÂNGULO - PEDAÇOS DE CELULAR SOBRE O CHÃO

LAURA se aproxima e mexe com cuidado nos pedaços, mantendo o rosto afastado.

LAURA
Totalmente destruído, muito bem.

INT. HOME OFFICE - CONTINUAÇÃO

NEANDERTAL 1
Mas não vão nos ouvir?

LAURA
A inteligência monitora milhões de celulares, eles só vão olhar isso mais tarde, quando rolar denuncia. Se não ameaça o governo ou as empresas, não tem importância.

LAURA chega perto da ilha de edição e se abate por um momento, solta um suspiro demorado e observa o resto do apartamento.

LAURA (CONT'D)
Agora falta um motivo pra vocês terem chego cedo.

LAURA puxa as três gavetas para fora da mesa, uma de cada vez, e as joga ao chão, revirando as coisas de dentro.

NEANDERTAL 1
Pra que? A gente veio pelo Valla, só.

LAURA

Sim, óbvio, mas o que ficaram
fazendo nessa uma hora aqui?

LAURA vai até as duas estantes e puxa uma delas, como que para derrubá-la, mas não consegue.

LAURA (CONT'D)

Olha, meu pai é cirurgião plástico,
eu entendo de farsa.

NEANDERTAL 2 se aproxima das estantes e afasta LAURA com um gesto. Inclina então a prateleira, deixando as poucas coisas ali - livros e HDs e objetos de valor não óbvio - caírem ao chão.

NEANDERTAL 1 empurra a cama box com o pé e olha embaixo, nada ali. Levanta o colchão e descobre um baú embutido, revira as coisas para fora: câmeras antigas, do tamanho de um punho, tripés e outros objetos de filmagem.

LAURA vai ao banheiro.

INT. BANHEIRO MINÚSCULO - DIA

LAURA entra e fecha a porta. Ouve, de fora, os sons de seu apartamento sendo destruído. Olha a si mesma no espelho, o rosto com alguma maquiagem, não muita, batom e cílios e bochechas enfeitadas. Abre a torneira e deixa um fio de água escapar. Molha uma mão, molha a outra, e passa as duas na face, as apoiando logo abaixo dos olhos e puxando o rosto todo para baixo, borrando-se.

Olha-se mais uma vez, o rosto desmontado, como uma fotografia mal tirada de si mesma.

Abre o armário e tira dali os vidros de remédios, Fluoxetina, Diazepam e Centrum, também Omeprazol e Frontal. Abre cada embalagem e vira o conteúdo sobre o tampo da pia, alguns comprimidos caem no chão.

Fecha o armário e olha o espelho novamente.

Encara os remédios na pia por um momento, encara a si mesma no espelho, busca um comprimido de Fluoxetina e o coloca na boca. Enche a mão com o fio de água da pia e a usa para engolir o comprimido.

Volta à sala-quarto-cozinha.

INT. HOME OFFICE - CONTINUAÇÃO

LAURA volta e, no lugar de seu home office organizado, encontra suas poucas coisas jogadas pelo chão, algumas quebradas, as telas viradas cada uma para um canto, uma caída no chão, com a imagem para baixo, cenas descontinuadas de lugares e DIEGO VALLA agora em um carro em movimento, lençóis e travesseiros caídos, o colchão empinado, pratos e talheres arremessados, o frigobar com a porta aberta, NEANDERTAL 1 mexendo em sua arara de roupas, NEANDERTAL 2 tomando uma lata de coca.

NEANDERTAL 2 encara LAURA.

NEANDERTAL 2

Tudo bem se eu tomar uma?

LAURA

Sim, claro. Eu não tomo, na verdade, mas tá no meu Código, compro pra não levantar suspeitas.

NEANDERTAL 2

E faz o que com elas?

LAURA

Mando pia abaixo e jogo as latas fora.

LAURA volta aos monitores e deixa dois a vista, os que mostram DIEGO VALLA.

LAURA (CONT'D)

Ele tá vindo para cá, falta eu me ajeitar.

NEANDERTAL 1

Como assim?

LAURA

Não adianta nada zoar meu apê e eu estar só com uma pancada na cabeça. Vai parecer muito ideal.

NEANDERTAL 1

E daí?

LAURA

E daí que eu preciso ter apanhado forte.

NEANDERTAL 1

Eles acham que nós somos o que, uns selvagens? Isso daí só já tá bom.

LAURA
Eles acham. E a gente quer
convencer eles.

NEANDERTAL 2 termina a lata e a joga contra a parede.

NEANDERTAL 2
Acho que faz sentido.

LAURA
Não é o que cê acha, mas o que eu
digo.

NEANDERTAL 2
Posso te dar uns murros.

LAURA ri.

LAURA
Prefiro o outro neandertal ali, o
maior.

NEANDERTAL 1
Não vou bater em você.

NEANDERTAL 2
Eu bato.

LAURA
Dois homens entram, um armado e
outro não, qual bate em mim?

NEANDERTAL 1
Como vão saber quem bateu em você?

LAURA
Eu vou contar, porra.

NEANDERTAL 1
Por quê?

LAURA
Porque vão perguntar, e eu vou
contar toda a verdade possível. É
bom que a maior parte dela faça
sentido.

NEANDERTAL 1
Cê tá falando besteira.

LAURA
(apontando para as telas)
Ele tá vindo pra cá.

NEANDERTAL 2 abre outra Coca-Cola. NEANDERTAL 1 se aproxima de LAURA e dá um tapa nela, fraco, com a mão aberta.

LAURA (CONT'D)
Cê tá me zoando, mais forte.

NEANDERTAL 1 dá outro tapa, com um estalar mais alto.

LAURA (CONT'D)
Mais forte!

NEANDERTAL 1 leva a mão atrás e a faz pendular pela sala, acertando LAURA com mais força.

LAURA fecha o punho e acerta o olho de NEANDERTAL 1, que recua.

NEANDERTAL 1
Sua puta nojenta! Pra que isso?

LAURA avança e dá outro murro, e mais outro, e um quarto, e enquanto NEANDERTAL 1 tenta absorver os impactos ou se desviar, NEANDERTAL 2 avança sobre LAURA e a derruba no chão, ao lado da mochila aberta, o conteúdo espalhado.

LAURA alcança uma pequena caixa preta, parecida com uma máquina de barbear, e aperta um botão. Da boca da máquina, um raio cruza de um lado ao outro fazendo o som de eletricidade, é um taser.

NEANDERTAL 2 se levanta e recua.

LAURA levanta e avança contra os dois com o taser em mãos.

NEANDERTAL 1 dá um passo à frente e, de punho fechado, dobra LAURA em duas ao acertá-la no estômago.

NEANDERTAL 2 aplica uma rasteira e LAURA cai deitada.

NEANDERTAL 1 se ajoelha sobre ela e acerta um cruzado com a esquerda.

LAURA aperta novamente o taser e o enfia entre as costelas de NEANDERTAL 1.

Os dois - NEANDERTAL 1 e LAURA - se contorcem pela eletricidade.

NEANDERTAL 2 empurra NEANDERTAL 1 com um chute.

LAURA agarra a perna de NEANDERTAL 2 e o puxa pra baixo.

Com os dois no chão, LAURA solta o taser e coloca as duas mãos sobre o rosto de NEANDERTAL 2, afundando os dedos sobre seus olhos.

NEANDERTAL 2
(gritando)
Para, para, porra!

NEANDERTAL 1 se levanta e se apressa em direção aos dois, chuta a nuca de LAURA e a desacorda.

FADE OUT.

INT. HOME OFFICE - CONTINUAÇÃO

LAURA acorda. NEANDERTAL 1 está aplicando um mata leão em DIEGO VALLA. NEANDERTAL 2 está caído no chão, desacordado.

LAURA olha em volta em busca de algo.

DIEGO dobra os joelhos e lança NEANDERTAL 1 por cima de si, o fazendo cair à sua frente.

LAURA alcança o taser e regula a voltagem.

DIEGO pula sobre NEANDERTAL 1 e aplica uma chave de braço.

LAURA, ainda caída, se arrasta até os dois que lutam e se levanta com dificuldade, as pernas trêmulas, as mãos caídas.

NEANDERTAL 1 passa a respirar através de um gemido fraco e falível.

LAURA descarrega a carga restante do taser no pescoço de DIEGO VALLA.

DIEGO VALLA cai.

LAURA cai.

FADE OUT.

INT. HOME OFFICE - NOITE

LAURA está sentada na borda da cama, a única coisa arrumada em sua casa, mantém os olhos vidrados no nada, abraçada ao próprio travesseiro, a pouca maquiagem escorrida pelo rosto, marcas de violência na bochecha e um olho roxo. Treme.

AFONSO está em pé com o celular na orelha, em uma ligação. Caminha pelo home office e confere a destruição do local.

Além dos monitores, resistentes, poucas coisas escaparam inteiras.

AFONSO
(irritado)
Mandem alguém logo, eu trabalho pra polícia!

AFONSO desliga o celular e o deixa sobre a cama, onde se senta, também, passando o braço sobre os ombros de LAURA.

AFONSO (CONT'D)
(com a voz suave)
Calma, nós vamos pegar esse pessoal. Se Liana não tivesse me segurado no trabalho, eu estaria aqui, eu poderia ter ajudado.

LAURA
Ajudado em que?

AFONSO
Não sei, ajudado, ou apanhado junto. Eles levaram o Diego?

LAURA
Não sei, não vi, eles fizeram isso comigo, com minha casa e...

LAURA afunda o rosto no travesseiro, AFONSO a abraça.

AFONSO
Não consigo falar com ele, e ninguém sabe do sujeito, pombas.

AFONSO se levanta e vai até o frigobar. Abre a porta e fica de cócoras, olha lá dentro. LAURA levanta o rosto do travesseiro molhado e observa o home office à sua volta.

AFONSO (CONT'D)
Cê tem algo além de Coca, aqui?

LAURA
Não sei.

AFONSO fecha o frigobar.

AFONSO
Vou descer comprar algo para você se acalmar. A polícia está vindo.

AFONSO se dirige à porta.

LAURA

Espera.

AFONSO estaca, quase saindo do apartamento.

AFONSO

Sim?

LAURA

Me empresta o celular, preciso falar com alguém.

AFONSO

Tem certeza que é uma boa hora?

LAURA mexe os lábios como quem pretende falar algo, mas engole o ar e nada sai.

AFONSO (CONT'D)

Ok, ok.

AFONSO volta à cama e estica o celular para LAURA, que solta o travesseiro e o pega com as duas mãos.

AFONSO (CONT'D)

Já volto.

AFONSO sai pela porta e LAURA se levanta, o celular em mãos, as mãos tremendo. Caminha até a cozinha, até o frigobar, o abre e dali de dentro pega uma lata de Coca.

Apóia o celular sobre o frigobar e mexe no aparelho, fazendo uma ligação por uma social e colocando-o no viva voz. Abre a lata de Coca e toma um gole, o telefone toca.

MÃE (VOZ EM OFF)

Oi?

LAURA

(voz falhando)

Mãe? Sou eu?

MÃE (VOZ EM OFF)

Láu?

LAURA

Sim, sim, eu.

MÃE (VOZ EM OFF)

Esqueceu que tem família? De quem é esse perfil?

LAURA

Do meu chefe. Mãe. Como tá o pai?

MÃE (VOZ EM OFF)
Tá sentada?

LAURA pega o celular e o refrigerante e senta-se no chão,
entre pratos quebrados e talheres.

LAURA
Tô.

MÃE (VOZ EM OFF)
Tá pior, filha. Ele quer te ver,
não fala, mas quer. Cê tá pronta?

LAURA
Sim, chega de farsa, dói. Eu quero
ver ele.

09.

Diego Valla ainda tinha o sabor de flaflaccino na boca ao chegar em seu prédio. Subiu até o sexto andar e foi surpreendido pela mãe ali, supervisionando a pintura das paredes, que deixavam de ser azul-grafite para se tornarem brancas, apenas brancas, conforme a mãe mesma havia escolhido e o pai não teve voz para debater, nem tentou.

A mãe podia tirar a tarde de folga no escritório de vez em quando, era só passar a agenda pra assistente e pedir para ser contatada apenas quando muito importante. O pai, soldado na polícia, não tinha a mesma possibilidade. Assim, ao chegar em casa, encontrou a mãe mandando no pintor, exigindo uma segunda camada de proteção para o chão e que as passadas fossem suaves, ela trabalha em arquitetura e sabia a diferença.

Diego tentou passar com a cabeça baixa, deixando apenas o perfil menos surrado amostra. Não adiantou.

"Filho, filho, espera aí, que é isso?"

"Nada, mãe."

"Como nada?"

"Deu confusão na escola com um piá."

"Ele é mais velho?"

A mãe lambeu o polegar e se aproximou do rosto de Diego, o dedo próximo a um machucado, mas ele não deixou. Virou a cara e disse já ter lavado, ia pro quarto, o outro menino também ficou mal, aliás, a surra foi dos dois lados. A mãe não precisava se preocupar, faz parte, mas todo mundo sobrevive.

Nada feito.

A mãe sentou Diego numa cadeira de fibra trançada que ela mesma havia feito nos tempos de faculdade e saiu atrás do kit de primeiros socorros, uma toalha úmida e roupas limpas.

Diego ficou ali, o orgulho falido pela terceira vez em poucas horas, assistindo a cor que a parede sempre teve sumir sob um branco todo branco, tão branco que doía os olhos, o mais branco possível, ainda cremoso, o pano de fundo que destacaria a sua cor, a cor da sua mãe, cor tão diferente dos outros em Curitiba. Não apenas, mas também a cor que faria seu pai sumir, o branco de sua pele camuflado contra o branco da parede, ainda mais invisível no dia a dia da família, não apenas nos gastos, mas também na própria imagem. Parecia a Diego que, assim, a mãe transformava o pai em apenas mais um móvel, fazendo-o ornar com o todo, enquanto os outros dois membros da família se destacavam à vista.

A mãe voltou e tentou limpar o rosto de Diego, disse quealaria com o colégio, não podiam permitir um comportamento desses entre alunos, especialmente com o filho dela envolvido. Diego argumentou que não precisava, seria ruim para ele, os outros meninos iam ficar tirando sarro, de nada adiantou, teve de se contentar em ficar sentado e quieto, passivo, enquanto a mãe fazia curativos e limpava seu rosto e o cheiro de tinta entrava pela narina e pelos pulmões, o gosto de solvente descendo pela garganta.

Tudo no quarto é branco e Diego demora uns minutos para entender que não está sonhando ou revisitando o passado, mesmo que acordado. A cama e os lençóis são brancos, o travesseiro, a porcelana da privada e da pia, até a torneira é de um plástico branco e sem vida, a lixeira e o piso do chão, o criado mudo e a porta, as paredes e o teto e até as roupas de Diego Valla, tudo de um branco agonizante, impecável. A única cor no quarto vem da pele de Diego e de um M gigante, amarelo sobre uma caixa vermelha, alto contra o céu nublado que vê pela pequena janela.

Está perto de um McDonalds, sem prédios altos em volta, o que pode ser qualquer lugar mais afastado, seja em Curitiba Zero ou em alguma outra das Curitibaas. Quem sabe até em outra cidade. Inspira e não percebe sal no ar, descartando a possibilidade de estar pelo litoral, mas percebe o cheiro de solvente, fraco, mas ainda presente. Pintaram aquele quarto especialmente para recebê-lo.

Senta-se na cama e sente a lombar doer, os pulsos doloridos, o pescoço sensível, marcado por um vergão. Dessa vez, lembra-se de tudo, de Laura desacordada e dos dois marginais o atacando. Achou que ia ganhar a disputa, nocauteou o menor com facilidade e sobrou apenas o gorila para dar conta, mas não, e de repente o choque e estrebuchou e caiu com a cabeça contra o chão. Fim.

Levanta-se e sente os pés descalços sobre o chão frio, descobre alguma firmeza nas pernas, não tão vacilantes quanto acreditaria. Usa a parede de apoio para compensar a falta da bengala e caminha até a porta para comprovar o óbvio: está trancada. Grita um hey e dá dois golpes com o punho fechado. Espera ali, em pé, sem resposta. Está fazendo papel de idiota ao esperar uma resposta do responsável por isso? Especialmente depois de ver o que fizeram com Laura.

Em outras circunstâncias, diria que Laura está também por trás disso, atrás daquela porta, tendo produzido a própria inconsciência, uma cena fake. Mas acha difícil que seja isso, pois sabe distinguir quem apanhou de verdade de quem finge um ataque, e aquela menina de

nariz perfeito estava desmontada demais para quem fingia, com a casa destruída demais. Havia verdade em seu caos.

Esgotado demais para tentar arrombar a porta, volta para cama e espera por um sinal de fora.

Depois da entrevista com Cláudio Vicente, Afonso e Diego foram para o After Party do programa em um grande salão no qual Diego não conhecia mais ninguém, mas todos o conheciam.

No programa, com Afonso soprando as respostas em seu ouvido, não sentiu qualquer nervosismo. Era bom em replicar o que lhe era ensinado, contado, dito, mas ali era outra história, tinha de improvisar em cada cumprimento e abraços e sorrisos e fotos e mais fotos, sempre sendo observado por pessoas, celulares e as câmeras de Laura, que zuniam pelo pé direito alto, caçando Diego Valla.

No salão escuro, uma mão clara de veias roxas alcançou a de Diego. Era um major da polícia militar, destaque à frente do COCA, aposentado há alguns anos, famoso em toda a polícia por assumir com mão de ferro a proibição da arte e trancafiar tantos artistas já nos primeiros meses de vigência. O aperto de mãos veio com um cumprimento:

"É bom ver um policial por aqui."

"Senhor, eu que o diga, é uma honra conhecer você."

O Major havia sido superior do pai de Valla em Curitiba, décadas atrás, muito antes dos pais se mudarem para Paranaguá por insistência do escritório da mãe.

"Meu pai trabalhou com o senhor."

"É mesmo? Não lembro de um Valla pai entre os meus homens."

Na dúvida, Diego riu, sentindo o riso sair mais atropelado do que era a intenção.

"Um belo trabalho o seu, Terceiro Sargento Valla, continue na linha e faremos grandes coisas."

Diego não sabia que o Major ainda estava ditando regras entre a polícia e sentiu entusiasmo e insegurança conforme pesou o efeito disso em seu caso.

"Nos deixe orgulhosos", disse o Major ao mesmo tempo em que dava um tapa sem jeito no ombro de Diego, fazendo flashes pipocarem por todo o salão, dezenas de lanternas em um ataque ordenado.

Poucas horas depois, as sociais foram tomadas por vários ângulos da cena, cada uma usada para corroborar com a informação que queriam passar. Se era para dizer que o Major

apoiava Valla, a foto era na altura do ombro, o momento congelado, como num afago. Se era para dizer que Diego Valla se entusiasmava demais em ser uma celebridade e se esquecia de que era um policial, a foto vinha de cima, por trás do ombro do Major para que não vissem seu rosto amigável, enquadrando apenas a expressão desconfortável de Valla com a mãe a alguns centímetros de seu ombro, como se houvesse uma intenção de impacto e cobrança.

Tudo é branco no cativado de Diego, inclusive as quatro câmeras, uma em cada canto do teto, pequenos cubos encaixados e que mal são notáveis, o branco no branco fazendo com que pareçam mais uma firula arquitetônica.

Horas após acordar - ou tempo passado que parecem horas após acordar -, uma portinha se abre na base da porta, também branca, quase invisível, e uma bandeja é empurrada para dentro do quarto, com um prato e uma colher, ambos brancos, de plástico.

Levanta-se e caminha até a comida. Não conseguiu ver a mão a empurrá-la para dentro, talvez fosse a de alguém do FICA, quem sabe dos Novos PRevos ou até de células sem relação direta com os últimos eventos, como os pintores Boboístas ou os poetas Desestruturais. Poderia ser a mão do Fundador ou de Sérgio Farias, do Zelo. Até de Laura e Afonso chegava a suspeitar, em alguns momentos. Poderia ser a mão de alguém não ligado à arte, mas aleatórios em busca de um resgate, vendo na celebridade de Diego uma forma de conseguir números, e estariam nesse momento discutindo o pagamento com a Polícia Militar. Quem sabe o COE não pusesse aquela porta abaixo a qualquer momento e viria em resgate de Diego.

Alcança a porta e senta-se no chão, comendo ali mesmo. De início, acha a comida estranha, uma carne esponjosa e que nem parece carne em um creme que poderia ser de strogonoff, mas não é, com um gosto que lembra batata frita, mas tem nada a ver com batata frita. Nunca viu ou provou algo assim, onde estaria a embalagem disso escondida entre os congelados por todos esses anos? Pois, num segundo momento, na terceira ou quarta colherada, gosta do prato e come devagar, não apenas pelo sabor, mas também por saber que, após a refeição, terá horas vazias pela frente, esticando assim ao máximo cada afazer possível.

Na última colherada, a comida já está fria.

Diego assistia ao remake de Die Hard quando a Smart TV Philips High LED 43" parou o filme para anunciar uma ligação de sua mãe. Atendeu e logo ao se virem, um na tela do outro,

ela o encheu de perguntas: como está a perna?, tá se alimentando bem?, e a fisioterapia?, pelo amor, Diego, não deixe eles te encherem de remédios, o corpo cria resistência, sabia?

Nessas conversas, uma a cada dois dias porque Diego não a atendia sempre, sentia-se um quadrado vazio na agenda da mãe, o cuidado, apesar de em excesso, vinha com um ritmo não natural, e ao fim ela podia marcar a caixinha no aplicativo de que havia, sim, conversado com o filho e visto que estava tudo bem, voltando-se então para os projetos em Paranaguá.

A ida à cidade portuária partiu da mãe, a empresa estava abrindo uma filial lá e ela poderia crescer se aceitasse a mudança para a cidade. Ficariam uns poucos anos, até os projetos de renovação tecnológica e estética do porto serem finalizados, não foi o que aconteceu, estavam há mais de dez anos e tão cedo não voltariam. Mais certo voltarem depois da aposentadoria, sabia Diego, mas tanto pai quanto mãe ainda tinham uns bons anos de trabalho pela frente.

Quando a mãe começou com a ladainha de colocar alguma vida naquele apartamento - umas plantas, pintar as paredes, móveis coloridos -, Diego tentou encerrar a conversa, sem sucesso. A mãe prometeu entregar um projeto para o apartamento do filho, com a cara dele, pra dar um colorido naquele lugar.

"Não precisa, mãe, tô pra me mudar, inclusive."

"Mudar pra onde?"

"Pra algum lugar maior."

O quarto tão branco não é muito grande, o que chega a ser positivo, pois a caminhada até a porta toda vez que a bandeja é colocada para dentro não cansa muito. São três refeições por dia, pelo que entendeu, uma espécie de café, almoço e jantar com horas diferentes do típico café, almoço e jantar. Ao menos o gosto da comida o agrada, sem nunca saber ao certo o que está comendo, mas sempre despertando uma lembrança, seja a de uma Lasanha de Massa Verde Ao Sugo Perdigão ou um Hot Pocket Brócolis e Catupiry Sadia.

Quanto tempo demoraria a polícia para pagar o resgate e tirar Diego Valla logo dali?

A solidão não cai bem para Diego, que não sabe quem ser quando sozinho, sem estímulo para reagir. Com as câmeras, pior ainda. Em casa, reagia à Laura ou ao público de um futuro documentário, tinha uma ideia do que viria a ser. Agora, sem saber quem do outro lado, se descobre estático, se faz em nada, com nada para fazer e sem saber como fazê-lo.

Se surpreende falando sozinho ao fim do segundo dia:

"Não gosto disso."

Ninguém responde.

Participavam da inauguração de um módulo policial quando Diego viu Afonso entrar no banheiro, aproveitando ali a sua chance de uma conversa só entre os dois. Entrou apressado logo após o relações públicas, sem deixar a porta fechar, empurrando-o para dentro, sem jeito. Afonso se virou:

"Ou, ou, que é isso, sargento?"

Ria sem graça.

"Preciso falar com você."

"Agora?"

"Não tem câmeras aqui."

"Cê não se importa se eu...", dizendo isso, se virou para a patente e abriu o zíper, mijando ao lado de Diego. Até melhor, abafaria a conversa.

"Afonso, vamos trocar a documentarista."

"Como assim, despedir a Laurinha?"

"Não aguenta mais, ela vê tudo o que eu faço, o tempo todo, câmeras, drones, microfones, até meu celular deve tá grampeado."

O som do jato de urina acaba e o braço direito de Afonso chacoalha rapidamente.

"Credo, Diego, que paranoia, parece artista."

"É o tempo todo!"

"Ótimo, é o trabalho dela."

"Mas poderia ser de outra pessoa."

Afonso se aproxima e dá dois tapinhas no ombro de Diego, empurrando para o lado para que possa alcançar a pia.

"Mas não vai ser, ela é boa nisso, e logo isso passa, a moda não dura pra sempre."

Afonso abre a torneira e lava as mãos.

"Que moda?"

Fecha a torneira e as seca. Olha para Valla:

"Formamos uma boa equipe, nós três, não vamos acabar com essa sincronia. Agora prepare seu melhor sorriso contido de herói pra essa inauguração."

Disse isso e saiu, Diego foi logo atrás, demorando alguns passos para perceber que sorria.

Diego acorda e vê um violão ao lado da cama. O instrumento de madeira o assusta por um momento, aquela mancha parda contra a parede branca, gritando. Senta-se e encara o violão ao alcance do toque, mas não o toca.

Seu tio, irmão de sua mãe, tocava. Começava com a corda de cima, a mais grossa, solta, e o som alternava conforme virava uma alavanca prateada na ponta do violão, no braço, ele está afinando, dizia a mãe às costas do Diego, ainda moleque.

Sozinho no cativado branco, Diego ouve o som da corda sendo afinada, mesmo que o violão parado, mesmo que ninguém mais ali, apenas ele e o instrumento estático e o som: *mi, mi, mi...*

"*Mi, mi, mi...*"

Volta a si e percebe que fala as notas, as repete, buscando a fluidez correta de sua memória.

"Não, não."

Olha para a câmera de um canto, olha para a do outro, nas esperança de que por algum motivo não estivessem mais ali e não o flagrassem em seu devaneio. Continuam ali, o observam. Abraça o travesseiro e sente os pontos da barba por fazer apertarem o rosto. Vira corpo e rosto para o lado da parede e faz esforço na tentativa de sumir.

Ouve a portinhola ser aberta e a bandeja ser empurrada para dentro, mas não se vira, encara a parede com olhos fechados, a cabeça em silêncio a não ser por um *mi, mi, mi*.

Quando Diego viu que tinha mensagem do pai, o coração bateu mais rápido, finalmente caracteres do Vallão ao invés da preocupação de sempre da mãe. Quando abriu a mensagem, porém, foi como se o coração parasse: a mãe estava no hospital.

Ela visitava uma obra no cais de Paranaguá quando desmaiou. Estava fora de risco, mas ficaria sob observação. Sabe como sua mãe é dramática, escrevia o pai ao fim da mensagem.

Não, Diego Valla não sabia.

Apertou o ícone do microfone e enviou um áudio ao pai, iria para Paranaguá ao fim do dia, sem falta, tinha uma reunião com a documentarista e o relações públicas, e assim que se livrasse deles, pediria um autônomo e iria ao litoral ajudar a cuidar da mãe, estaria lá para ela, até parece que acompanharia de longe logo quando ela precisa dele, e não o contrário, mesmo que precisa de apoio para algo pequeno como suportar o sol quente ou sentir a maresia,

encomendar as compras ou esquentar a comida no microondas, quando de volta em casa, ajudaria em tudo isso, no que mais ela precisasse, também.

Ok e figurinha de polegar para cima, foi a resposta do pai.

Mais longos e macios, os pelos da barba já não incomodam quando pressionados a cabeça contra o travesseiro, e Diego acostuma-se com o cheiro de azedo que, imagina, vem de si mesmo. As unhas mais compridas que o normal são boas para se coçar e os exercícios de fisioterapia, tão chatos em outros dias, são usados para passar o tempo. O que é o incomoda é o caderno e a caneta sobre o criado mudo, onde antes estava o violão.

Usa a parede como apoio e faz os exercícios de fisioterapia, levantando e baixando a perna repetidas vezes, contando mentalmente. Faz anos que não escreve à mão e imagina como seria a sua letra, se os garranchos da época de criança ou se haveria amadurecido naturalmente enquanto envelhecia. Pensa também no que escreveria, em quais sentimentos teria dentro de si que, com a possibilidade de ganhar o papel, sairiam num vazante. Qual seria a cor da tinta, aliás, escondida dentro do corpo prateado da caneta?

Pelo número vinte e sete e vinte e oito percebe que as pernas não obedecem mais, não levanta ou abaixa nenhuma, perdeu a concentração, toda aplicada nos objetos sobre o criado mudo.

"Só uma olhadinha..."

Caminha passos silenciosos até o criado mudo e se abaixa, encarando os objetos de perto. Abre o caderno usando a mão aberta como pá, as páginas tem linhas, um convite à escrita, ao desabafo, não ao desenho. Poderia guarar seus gritos ali dentro.

Pega a caneta nas mãos, é daquelas de apertar, com a ponta escondida do jeito que está. Pressiona o polegar contra o botão e insere força, a ponta da caneta se revela, o sistema analógico faz tec e a ponta se trava para fora.

"Não, sai, sai!"

Joga a caneta contra a parede.

O elevador subia ao apartamento de Laura quando Diego sentiu os ombros descerem alguns milímetros, como se ao subir, os problemas escorressem. Contudo, não era a gravidade a razão do alívio, mas a luz: ao olhar-se no espelho, com alguns segundos de descanso, pensando em como a mãe o veria logo mais, descobriu a melhor versão de si mesmo.

Usava uma camisa polo Lacoste color block e uma gravata Charvet Blue, a calça era Reserva de Linho e os sapatos Adidas Social Premiun +. O cabelo era curto, mas não com a máquina passada, rebaixando tudo até um mesmo tamanho, mas desenhado com navalha e cortado com tesouras específicas. O rosto não tinha mais marcas de espinhas ou cravinhos devido às limpezas de pele e maquiagem, e a barba parecia não existir graças ao barbeiro que o atendia a cada dois dias e à Gillette Sensitive Hero que usava nos outros dias - e com a qual Afonso buscava uma parceria. O relógio no pulso era um Rolex Perpetual Moon com ponteiros que brilhavam no escuro, um brilho frio e leve, um charme na escuridão.

Olhou o relógio e fez as contas sobre o ângulo das horas e dos minutos, acreditava estar na hora certa para encontrar Laura e Afonso.

Entraria, falaria com velocidade, faria com que eles respeitassem o seu tempo, seu ritmo, e não o contrário. Chega do contrário. Nem se sentaria que era para não vincar as roupas e chegar apresentável em Paranaguá, no hospital da mãe.

A porta abriu às suas costas e Diego deu um passo para trás, um pé no andar e outro dentro do elevador, olhando-se no espelho, o alarme do sensor apitando para dizer que algo bloqueia a porta.

Encarou a si por mais um momento e saiu.

Os lábios de Diego se mexem sem dizer nada enquanto ele espera ao lado da portinhola da comida, agachado contra a parede, as garras retraídas esperando a porta se abrir e a bandeja ser empurrada para dentro para que ataque e agarre bandeja e mão e braço e puxe seja lá quem for para dentro. Treinou a ação em sua cabeça inúmeras vezes e está pronto para a operação. Espera pelo arrastar da portinhola, o gatilho para que os músculos se coloquem em movimento e salte sobre a sua presa, decidido, otimista, pois tudo foi cuidadosamente planejado em sua cabeça à partir do raspar do metal.

"Vem, criatura, vem..."

Ainda assim, sua atenção não está toda ali e às vezes olha na direção da cama, do criado mudo, agora sem papel, caneta ou violão, mas com um espelho pequeno, desses de mão. Naquela manhã, quando o viu, esticou a mão num impulso para alcançá-lo, mas parou. Lembrou-se das diferentes histórias de tortura que havia lido e de uma técnica que era recorrente em muitas delas: a de mostrar o torturado para si mesmo. Ao ver uma versão horrível de si, a vítima quebrava, tendo finalmente noção do quão definitivo era uma cicatriz, a perda de um braço, um olho.

Não cairia nessa.

Ainda tem a visão de si mesmo no elevador, indo encontrar Laura e Afonso, e vai manter essa imagem intocável.

Ouve passos do lado de fora e se prepara. Ao invés do som-gatilho, porém, escuta o metal na fechadura e o girar interno da tranca. Alguém está abrindo a porta e Diego Valla não se preparou para isso. Se assusta, se espanta, que caralho!

"Foge, Diego, foge!"

Manca dali para longe, para seu canto seguro, e salta sobre a cama, puxando o lençol sobre si, até a altura do nariz, os olhos ainda disponíveis, espiando o que acontece.

A porta é aberta e uma mulher entra, baixa, menos de um e sessenta, com certeza, a pele parda, quase negra, os cabelos brancos e os olhos indiferentes, entra sem pressa, puxando um banquinho atrás de si com a mão esquerda, a direita levando um revólver Smith & Wesson apontado para baixo. Apesar da estatura, talvez pelo tempo sem ver ninguém, a vê grande, os ombros para trás, o nariz empinado, nada naquela mulher fala sobre cansaço ou desânimo, mesmo com as bolsas sob os olhos e as rugas desenhando um mapa pelo rosto. O vestido colorido desce até o chão e a cada passo Diego nota a ponta de uma sandalha despontar sob o tecido.

Lembra a mãe.

A cabeça de Diego se cala, mas volta: ela lembra muito a mãe.

A pele é mais escura e os cabelos não são lisos, mas ainda assim, parece muito.

"Boa noite, Diego."

A mulher que não é a mãe coloca o banquinho de plástico no chão e fecha a porta. Lenta, calma, mas nunca fraca. Senta-se sobre o banco e repusa a arma sobre o colo, como se fosse um gato, o cano apontado na direção de Diego.

Diego olha pela janela, ainda não é noite, não pode ser.

"Eu disse boa noite."

"Bom dia."

A mulher que não é a mãe sorri:

"Se prefere assim... como você está, tudo bem?"

Diego vira a cabeça para o lado antes de rir para não mirar nela sua alegria.

"Bem? Claro que não!"

Os lábios da mulher que não é a mãe se mexem com a velocidade de uma planta carnívora fechando-se sobre uma mosca:

"E o que precisa melhorar, meu filho?"

Diego demora alguns segundos para colocar a cabeça em ordem. Aquilo acontecia mesmo? Depois de dias e dias sozinho, se não semanas, quem sabe meses, como saber que aquilo é uma pessoa e não um pensamento ou uma ideia? Ouvir e ver poderia não ser o bastante, talvez precisasse tocá-la, enfiar a mão pelo seu rosto para conferir se não sairia pela sua nuca, ou levantar-se rapidamente e se fazer um alvo para que o impacto da bala comprove que, sim, a mulher que não é a mãe existe e está ali, armada.

Não responde.

"Se nada precisa melhorar, é porque está tudo bem."

Diego encara a parede.

"Não vou falar, você não vai saber, se quer falar comigo, desliga essas câmeras, me tira daqui."

"Tudo bem, faremos isso."

"Haha, sei, você pode fazer isso?"

"Eu posso fazer o que quiser."

Pode ser, pode não ser, mas Diego não resiste à pergunta:

"Você é o Curador?"

"Gênero errado, mas sou eu, sim."

"Você fede."

"Eu, Diego, certeza?"

Diego Valla solta o lençol e se põe de joelho sobre a cama, rápido, mas a mão da mulher que não é a mãe repousa em paz, não se mexe sobre a arma.

"Você quase me matou!"

"E te fiz famoso por isso."

"Você me sequestrou!"

Está sentado na beirada da cama, inclinado à frente, seus olhos perfurando os da mulher que não é sua mãe. A mão sobre a arma segue indiferente. Ela não responde, Diego segue:

"Vocês artistas não entendem que ninguém quer saber do que vocês tem pra falar? Vocês são ruins, sem talento, se tivessem estavam na televisão, nas sociais, e não tão, porra!"

"Você tá certo."

"Tô?"

"Filho, ninguém quer saber do que não se vende, não se compra, ninguém vê valor quando não há troca de valores."

"E cê faz isso por quê?"

"Porque eu posso, Diego, e você também, e todo mundo, mas para quem manda, é melhor que não façamos nada, mas apenas baixemos a cabeça."

"Se cês baixarem a cabeça não tem tiroteio, não tem gente morta, eu e meus camaradas não precisamos levar tiro, ser jogado de viaduto, nada disso!"

"Se vocês pararem de abaixar a cabeça, de aceitar o cabresto, o mesmo acontece."

"O FICA é uma desgraça pras nossas ruas!"

"Agora você está apenas sendo vago."

"Essa arte de vocês tem cor de sangue!"

"Eu esperava mais de você, Valla."

"Ahn?"

"Que sequestro mais sem propósito."

A mulher que não é mãe levanta-se e, com os olhos nos de Diego, coloca a arma no bolso da saia como se fosse um pacote de balas. Abre a porta e pega o banco, levando-o para fora. Diego repara na cor marrom do piso de madeira no corredor lá fora. Pensa em ir atrás dela, tentar vencer na luta física, mas não consegue, não vale o empenho.

Ainda sentado na borda da cama, estica-se na direção do criado mudo e apanha o espelho de mão, vira para si mesmo e observa o próprio reflexo.

10.

Adolescente sentado à mesa de pequena sala/cozinha sob a luz da manhã nublada.

Bruno Faria desenha debruçado sobre o papel sulfite, o traço forte contra a folha, o cinza do grafite borrado de lágrimas. Ouve apenas o rabisco e o vram do ranho puxado de volta ao nariz. É a primeira vez que fica sozinho em casa, aos 15 anos, e o silêncio aumenta a sensação de perdido. Da mãe, sobrou a comida fria sobre a mesa. Do pai, a cadeira no chão próxima dos cacos do Prêmio Revelação da Imprensa Online para Sérgio Faria, de quando era uma promessa, além dos gritos ecoando pelo apartamento.

Quarto dos pais

Sala/hall/cozinha
com banheiro

Apartamento que o pai de Bruno ganhou de presente do avô ao passar no vestibular de jornalismo. Aí veio o namoro e o filho (o próprio Bruno) e o studio foi criando espaço de alguma forma, sem crescer, para acomodar três pessoas onde mal cabia uma. Assim, um mezanino dividiu o apê na horizontal e duas divisórias de PVC na vertical, criando quatro cômodos: o quarto dos pais, o quarto de Bruno, o armário comunitário e a sala/hall/cozinha com banheiro, além do tapete de boas vindas.

Se não há espaço para um quadrinho maior, o ilustrador diminui o personagem.

Quarto de Bruno

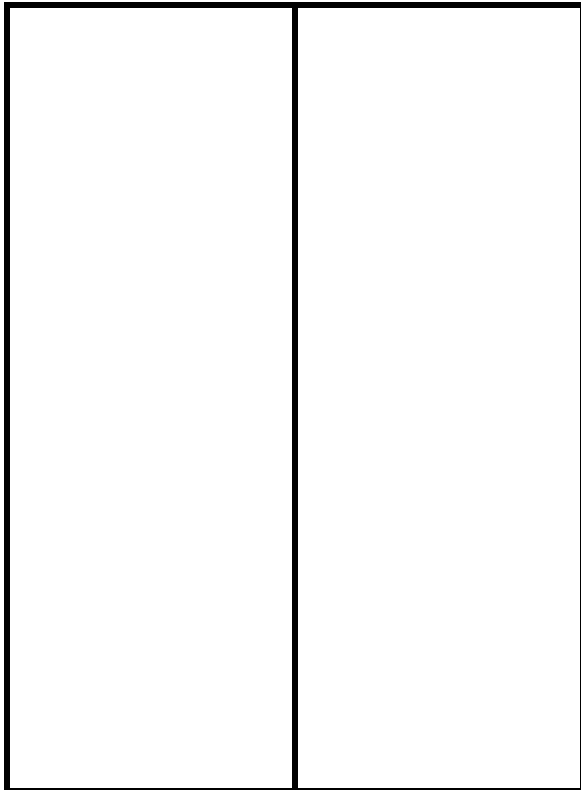
Armário

O quarto dos pais cheira a diferentes incensos de acordo com o dia da semana, acendidos pela mãe antes de ir à agência em que trabalha como arte final, e o perfume é o que mais há no quarto. Há um colchão de casal grosso sobre o chão e dois ganchos para cabides, um de cada lado, onde os pais penduram as roupas de dormir, além de prateleiras com coisas da mãe: livros e joias e pequenos talismãs para dar sorte. Do pai, pouco há, e nesse pouco há todo ele: sua mania de poucas coisas, quase nenhuma, e o jeito calado, de quem falou demais e se arrependeu. Na televisão fixada na parede, de tela plana, passam diferentes fotos da família, sempre.

O quarto de Bruno é o pequeno reduto de caos, como diz o pai, mas Bruno não liga, que culpa possui se precisa comprimir seu universo pessoal em apenas oito metros quadrados? O pai tentou criá-lo minimalista e a mãe insiste no veganismo, mas ali, em seu espaço, age como prefere, levando bolachas de leite para comer na cama e fazendo a bagunça necessária para se sentir adolescente. Expande seu universo desde pequeno através do óculos de realidade aumentada, visitando mundos de desenhos animados. Nos últimos meses, os usa para visitar Playboys Mansions e outros programas para maiores de dezesseis anos, quieto para não ser ouvido pelo PVC.

A sala/hall/cozinha com banheiro, além do tapete de boas vindas, é onde Bruno Faria desenha, sozinho, choroso. É o ponto em comum da casa, frequentado pelos três ao mesmo tempo. É onde passam dias de festa e celebram as conquistas de cada um. Ou onde contra-comemoram as datas festivas da maioria, como fizeram no dia anterior ao jantarem os três, sem falar, sem tablet ou smart tv ligados para aproveitar a Black Friday, enquanto outras famílias se reuniam fervorosas para o feriado, caçando as melhores promoções em lojas online, unidos em suas compras. Já os Faria passaram a BF sem gastos, cozinhando, silenciosos em meio aos gritos e foguetório.

O armário do apê é do mesmo tamanho da sala/hall/cozinha, feito sob medida por um amigo do pai, onde cada um guarda suas coisas, roupas, acessórios e o que mais não deva estar nos quartos, seja por falta de espaço ou de uso. Ao invés de um típico depósito da bagunça, o armário é bem organizado, pois cada um passa ali ao menos em dois momentos do dia. Entre as araras e gavetas e cabideiros, cada familiar criou esconderijos pra seus segredos, como os livros de arte da mãe ou as ilustrações antigas do pai, ambos encontrados alguns anos atrás, aflorando em Bruno a vontade de criar. Da união dos dois, fez seus próprios segredos, levando a polícia até ali.



A janela da casa de Bruno ocupa toda a parede, o que faria a luz que passa pelas nuvens entrar e fazer o apê iluminado. Mas é dividida em quatro, e cada cômodo leva uma parte. Falta luz. Falta espaço. E até uma planta precisa dessas duas coisas para a fotossíntese. Como Bruno poderia amadurecer se tem apenas 1/4 do ideal?

Na noite anterior, no meio do jantar, Bruno levantou-se sem falar nada e foi ao banheiro. Sentou-se na privada e usou o celular para conferir as promoções de Black Friday, atrás de um par de calças novas, um drone ou quem sabe um estojo de lápis de cor (seria isso rastreado?). Mantinha os olhos sobre a tela e os ouvidos lá fora, concentrado no rascar de metal sobre porcelana e no mastigar dos pais. Tinha uma grana física do FICA e compraria na conta de um amigo, o pagando depois. Saltou ao ouvir a porta da casa indo abaixo seguido por gritos de parados e mãos na cabeça e não tentem nada, ninguém jantava mais. Com cuidado, desligou a luz.

Pelas vozes, contou dois ou três a mais na cozinha. Ouvia pancadas sobre o tampo da mesa, gritos de Onde está Diego Valla?, alguém dando ordens, dizendo para virar o lugar de cabeça pra baixo, encontrar o que pudessem. Bruno fazia parte das coisas que eles podiam encontrar, também seus esboços, desenhos finalizados e números de papel (o pagamento dos últimos meses). Seria a polícia ou outra facção que não envolvida com o FICA? O pai tinha mencionado algum evento com o policial dos jornais. A mãe era certa, trabalhava com propaganda. O pai era um hater, mas isso não era crime. Qual seria o problema? Abriram a porta e puxaram Bruno para fora.

<p>O policial militar puxou Bruno pelo braço e o sentou em uma cadeira. Na sala, viu o pai, a mãe e três policiais: o que o trouxe do banheiro, o que apertava a cabeça do pai contra a mesa e o outro com insígnias no uniforme. Um quarto policial vasculhava o armário: vem aqui ver, capitão!</p>		
	<p>O pai o encarava de lado, calmo e sereno, como quem diz: se eu não tenho medo, você não precisa. A mãe, enérgica pelo incenso de sexta, gritava que direito tinham de estar ali? Esse, respondeu um dos policiais, soltando sobre a mesa um maço de dinheiro e folhas com histórias em quadrinhos.</p>	
		<p>O pai riu, eram desenhos seus, de quando criança, tinha licença para o porte deles. O capitão não achou graça, o traço era acusado de ligação com o FICA. O pai disse que impossível, mas congelou ao perguntarem sobre o dinheiro. Observou os desenhos e deve ter notado que não eram seus.</p>

Os policiais levam o pai e a mãe embora.

Já era manhã de sábado quando Bruno voltou a si. Sem saber para onde ir depois de levarem seus pais, ficou em casa. Subiu ao seu quarto. Foi ao quarto deles. Voltou ao armário, revirado, também sem os livros de arte da mãe e os desenhos do pai. Sentiu-se esquecido, ali, por todos. Sozinho em casa, finalmente. Pegou folhas em branco e lápis e sentou-se sobre a mesa para desenhar, não para ilustrar outra HQ sobre seus personagens, mas sobre si mesmo, pela primeira vez desde sempre. Precisava contar o que havia acontecido ali, naquele quadrado em que vivia com a família, e sobre como chegaram até esse ponto. Antiga classe média sofre, diziam os novos decadentes, tirando sarro da própria situação, o pai incluso.

Bruno faz o traço de si mesmo, do pai e da mãe. Ensaia o risco de um policial, duma surra, duma apreensão. Faz os quadrados e insere ali a própria história, fechando a si mesmo.

Diminui o espaço entre vida e ficção para fugir do quadrado que se fecha ao seu redor.

11.

Nita flagra o vendedor da banca encarando suas mãos enquanto ela escolhe os tomates, se ressentindo do homem avarento, suspeito, o que a desagradava especialmente pelo tom de pele do vendedor, branco quase transparente, julgando o tom de pele de Nita, típico daquele grosseiro que aproveita o status criminoso da vendinha para se comportar como bem entende, com o costume de fazer uma encorpada bola de catarro, o nariz soprando a garganta feito tuba antes de cuspir no chão. Mas o portuga tem os melhores tomates da Feirinha Oculta e Nita releva, ignora, continua e pega outro tomate, o levanta à altura dos olhos, aperta os dedos no entorno para conferir se flácido ou tenro, ignorando os machucados externos, pois não fazem diferença, não vê hipocrisia maior que pessoas machucadas cobrando a perfeição de tomates.

Sob os olhos claros do portuga, Nita escolhe três para a salada do almoço.

- Mais algo? - Pergunta o vendedor antes de pegar o dinheiro-papel amassado da mão de Nita.

- Não, querido, só isso mesmo, obrigada.

- Milho, soja, tenho até pimentões.

- Só os tomates, meu anjo, tu me conhece.

Nita se despede e percorre o resto da feira apenas para observar, levará mais nada, os passos demorados de quem viveu de tudo e não tem pressa, os cabelos brancos e encaracolados, arredios, os tomates numa sacola de pano. Gostaria de levar mais coisas, milho verde e quiabo, quem sabe uns gramas de pinhão, mas não o faz, sabe que o segredo para não ser pega em uma vida de digressões é mantê-las do tamanho certo para que passem despercebidas.

Leu sobre uma idosa presa semanas atrás por cozinhar frango caipira. Imagine só, achando que ia se livrar ao cozinhar não apenas o frango, caipira ainda por cima, mas também batatas e cenoura, arroz caseiro e feijão próprio. Alguém deve ter sentido o cheiro ou inveja e avisou as autoridades. Se fosse apenas o frango, apenas as batatas, o resto da refeição comprada congelada, a idosa teria pago uma multa, levado uma advertência, cumprido trabalho voluntário em empresas. Mas não, quis tudo de uma vez e nem chegou a provar.

Antes de atravessar o estacionamento do shopping onde acontece a feira, abandonado há anos, Nita usa as mãos para levantar o longo cabelo e rotacioná-lo, criando um ninho no qual acomoda a sacola com os tomates. Pega um pano preto do bolso da saia e cobre o topo da cabeça, fazendo um turbante, ocultando o crime. Puxa uma mecha de cabelo branco do

embrulho, uma mola clara, despretenciosa, motivo para esconder os fios, caso alguém se questione.

Ao sair do estacionamento, e depois do shopping, busca um caminho virgem para não deixar pegadas sobre a sujeira, disfarçando o rastro de gente.

Segue a pé para casa, as ruas ainda vazias, caladas, o sol recém-nascido. Prefere o caminhar, a dor nas coxas por conta dos passos do que a dor no ego por causa do empurra-empurra nos coletivos, espremida contra sua vontade, sem controle do próprio corpo no balanço dos veículos. Perde assim um dos melhores bancos de personagens, bem sabe, mas já não tem idade para aguentar a pesquisa feita nos ônibus, onde ia para encontrar todo que é tipo de gente, dos melhores ao piores, podendo mimetizá-los no meio da multidão, protegida pelo mesmo escudo de seres humanos que agora prefere não utilizar. Jovem, preferia a companhia das pessoas. Idosa, prefere a própria.

Com dois quilômetros caminhados, próxima de casa - uma meia água na divisa entre Curitiba 4 e Curitiba 5 -, Nita se descobre seguida. Percebe pelo barulho, as hélices imitando insetos metros acima, e sente-se feliz pela audição não ter seguido a deterioração da vista. Apesar de usar cores neutras, o vestido cinza e a toca preta, calcula pelo barulho que dois zangões a acompanham, o que a leva ao velho debate interno: como são as câmeras dos drones? Porque se espiam o mundo através do calor, de nada adianta o vestido e a toca de cores neutras. Contudo, se assim for, porque as pessoas da cor de Nita são mais perseguidas? Teriam os drones duas câmeras?

Em outros tempos, em outra cidade, se viraria para encará-los, desafiante, época em que os policiais de hélices ainda eram novidade. Também eram novidade os crimes pelos quais poderiam prender Nita: culinária, atuação, contemplação. Além de que, nessa época, se a seguissem, poderia correr, se esconder, ágil e forte.

Agora, não.

Não conseguiria ver os zangões, não apenas pela vista defasada, mas por terem ficado cada vez menores, com o passar dos anos. Recorre, assim, à atuação constante, ao personagem de si mesma, uma senhorinha muito mais frágil do que a que realmente é, arrastando os pés nas sandálias de pano, a cabeça esticada para frente feito uma tartaruga, como se o rosto precisasse se adiantar ao corpo para ver o que vem pela frente. Uma farsa cada vez mais real.

Encontra uma vizinha uns anos mais velha que ela mesma, de uns oitenta e tantos, acompanhada pelo filho. A cumprimenta e a vizinha fecha os olhos e os abre com força, como

se os obrigando a abrir mais que o possível, as lentes de uma câmera fotográfica tentando focalizar o modelo do retrato. O filho, alguns anos mais novo que Nita, é desses curitibanos que não sorri ou fala, interage apenas com o silêncio, uma cabideiro com pernas para levar a mãe pela cidade. A vizinha a reconhece:

- Oi, Nita, não tinha te visto, fazendo o que a essa hora?

A voz interna de Nita responde que comprando tomates de tentando despistar dois zangões, a voz externa vai por outro caminho:

- Ai, queria, aproveitando a trégua da chuva para esticar as pernas, e tu?

- Tomando um ar, aproveitando a visita do meu menino.

O menino nem mexe a cabeça para conferir qualquer consciência sobre o diálogo.

- Precioso, aproveitem, acho que chove mais tarde.

Nita ergue a cabeça para cima, acompanhada pela vizinha, as duas encarando a doma cinza sobre a cidade, dois pequenos pontos pretos contrastando com o céu. Ao mostrar seu rosto e induzir a vizinha a fazer o mesmo, sabe que apresenta-se para as máquinas lá em cima, para seus scanners de detalhamento, cada ruga e traço de expressão mapeado para apresentar um perfil, um perfil que não corresponde ao seu passado ou ao seu presente, uma ficha limpa conquistada com muito cuidado por todos os anos passados. Imagina que a vizinha apresente o mesmo status, consumidora de bem que é. Vê os pontos seguirem seu caminho, no céu, os zangões se afastando.

A vizinha e o filho se despedem e Nita segue seu percurso, vendo o movimento dos carros ser trocado pelas pessoas a pé conforme entra em ruas cada vez mais estreitas, os drones substituídos pelos pássaros e a voz das pessoas cada vez mais alta e atenciosas conforme escapa para dentro da Vila Bapka, onde mora. Vira na rua de casa, finalmente asfaltada graças ao patrocínio da Padaria do Hélio, nova patrocinadora do CEP, e caminha as cinco quadras até a rotatória da rua sem saída.

Encontra a porta da casa aberta e espere em frente ao endereço sem muro ou grade. Bate palmas, homenagem a um costume antigo da própria mãe, pergunta se alguém em casa, ainda sem sequer pisar no quintal, pronta para correr dali, se necessário. Quem sai pela porta de sua própria casa é uma mulher nova, uns trinta e poucos anos, do cabelo escuro e o rosto sardento com quem Nita conversa de vez em quando.

- Morse, querida, que susto. Desde quando tu tá aí, minha flor?

- Faz pouco tempo, vamos entrar?

Nita atravessa o gramado e entra na própria casa, seguida pela visita. Morse é faz parte dos garotos de recados do Fundo Ilegal de Correria e Arte, uma das mais velhas, talvez, a única mulher, com certeza. Entram na cozinha e Nita desfaz o embrulho sobre a cabeça, soltando os cabelos e tirando os tomates da sacola de pano, colocando-os sobre a mesa. Convida Morse a se sentar na única cadeira e pergunta o que há para buscá-la tão cedo. Morse guia os olhos para a toalha de mesa, desenhos de pássaros em um tecido furado, cruza os braços com força, como de costume, como se quisesse levar os seios para dentro do corpo.

- Nita, precisamos da Curadora de novo.

- Ah, que boa notícia, e para quando, querida?

Nita abre a geladeira e pega uma refeição pronta do congelador, na parte de cima. Abre a embalagem de papelão e retira a bandeja de plástico, a levando ao microondas. Aperta o botão dos trinta segundos até alcançar oito minutos e meio de tempo e aperta o ligar. O interior do microondas se acende e a refeição gira.

- Agora.

- Minha flor, agora não posso, eu falei pra vocês como é o meu processo.

- Precisamos pressionar o Valla, Nita, ele não pode escapar.

- Ele não vai escapar, ele tá bem escondido.

Abre a porta embaixo da pia e pega uma tábua de madeira, da gaveta retira uma faca pesada, de lâmina, coloca ambos sobre a mesa.

- Mais alguma coisa, querida?

- Querida, não, Nita, não venha com essa, cê precisa pressionar esse porco.

Nita pega os tomates e os leva à pia. Abre a torneira e os lava um a um. Pergunta o motivo para ter que pressionar Valla tão urgentemente.

- Pelo FICA!

- Eu não devo nada ao Fundo, sabe? Ou vai me dizer que eles vão bater em uma senhora?

Morse fica quieta. Apenas o som do microondas e o fio da faca contra a madeira são ouvidos. As rodela cortadas uma a uma, não tão finas, não tão grossas, a salada escolhida por Nita para acompanhar o stroganoff de cogumelos que prepara.

O microondas para e o alarme apita anunciando o fim dos oito minutos e meio.

- E por mim, Nita?

Nita se vira e encara Morse, sem responder, ela continua:

- Arrombaram a casa de um jornalista atrás de informações, levaram ele e a mulher. Eles tão numa caça às bruxas.

- E como tu entra nisso?

- Eu sou o contato do filho desse casal, ele ilustra bem, tem as ideias subversivas dos pais, esse pia pode me entregar a qualquer momento.

- Tu sabe que eu não tenho um botão de liga e desliga para atuar.

- Eu sei, mas cê não consegue forçar? Uma frase, um momento que seja?

Gotas escorrem sobre as sardas de Morse, não forçadas e constantes, mas duas, uma de cada olho, fugitivas de um regime fechado, forte. Pequenas subversões, esse é o segredo para se manter livre, e Nita havia ido contra a própria conduta ao aceitar o papel da Curadora, escolhida por ser tão semelhante à mãe de Diego Valla, a primeira mulher a interpretar tal papel. A personagem era ótima e pode construí-la como bem entendeu, tendo total liberdade artística desde que conseguisse quebrar o policial-celebridade. Mas tinham dado sessões e mais sessões, teria uma semana ainda, ao menos, antes da próxima aparição. Precisava se preparar, não era fácil assim. Mas de que adianta se manter livre, longe dos radares, em seu local seguro, se por outro lado é Morse que pode ser levada?

E se Morse for levada, não chegariam até Nita e outros?

- Morse, já almoçou?

- Nem pensei nisso ainda.

Nita retira a comida do microondas e coloca na frente de Morse. Coloca a salada de tomates em um prato pequeno e a posiciona ao lado do almoço.

- Come com calma, me dá uma hora, uma hora e meia, e vamos as duas até o policial.

Morse agradece uma, duas, três vezes, pega as mãos de Nita entre as suas e entrega ali um beijo. Diz que tem um carro autônomo orbitando por ali, e assim que tivesse pronta, Morse o chamaria.

Nita agradece e pede para que a espere. Abre a porta do quarto e afasta a cortina por trás dela para passar. O chão é de madeira pelo quarto ter sido construído depois do resto da casa, quando Nita teve dinheiro para tal, e geme a cada passo da atriz. Uma cama de solteiro, um dos pés apoiado sobre um livro, repousa no meio do quarto, cercada por um guarda-roupa, um cabideiro com casacos de diversas cores e um espelho de corpo inteiro, não havendo espaço para uma penteadeira.

- Querida, - diz Nita - tu não vai adivinhar, tão precisando de ti outra vez.

Circunda a cama e senta-se na ponta, as mãos apoiadas sobre o colchão para amortecer a descida, o corpo sendo colocado ali com calma. Vira-se para o espelho e encara o próprio reflexo, ainda Nita, ali, mas não é Nita quem procura, mas a Curadora. As sobrancelhas descem um pouco como se em constante estado de calma, o queixo e o nariz sobem alguns centímetros, levando o resto do rosto, os lábios se avolumam e a testa franze. Do espelho, a Curadora responde:

- Ah é?

Ah é?, não parece o tipo de resposta que a Curadora daria, e Nita estranha. O que havia acontecido com sua personagem?

- E o que querem comigo?

Nita conta a história de Morse para a Curadora do outro lado do espelho, ressaltando o quanto a mulher lá na cozinha precisava da ajuda dela e como a situação poderia desandar se o filho do jornalista preso resolvesse se fazer cagueta. Precisavam quebrar aquele policial no cativoiro.

- Entendo, mas porque devo ajudar essa Morse, aí? E no tempo dela, ainda por cima.

- É uma ameaça pro Fundo também, meu anjo. Pro teu Fundo, aliás.

- Nita, você sabe que minha carteira é uma ideia, assim como eu. Ideias sobrevivem a tudo.

- Apenas se houver alguém para carregá-las.

Nita responde sem convicção, foi pelo caminho errado, sabe, ao apelar para o humanismo da Curadora. Na correria da invocação, esqueceu-se do ascendente em escorpião da personagem, sagitariana amarga, vingativa, do contra. Talvez pudesse usar isso.

- Tu tem que quebrar esse policial pra se vingar, querida.

- Me vingar de que, Nita?

- Dos nossos artistas que foram presos.

- Nita, acorda, são eles atrás das grades e não eu.

- Da operação que esse sargento ferrou ao entrar no seu galpão.

- Ele já tá preso e sofrendo, quanto mais demorar pra rachar, maior a minha vingança.

Havia se esquecido também da teimosia da personagem. Se para sair como Curadora do quarto nos dias em que a personagem queria já tinha dificuldades, quando ela não quer se torna impossível. Nita se levanta e dá as costas para o espelho para abrir o guarda-roupa e ver os vestidos ali pendurado, como se eles pudessem dar alguma resposta. Sente-se uma xamã

incapaz, como se no meio de uma cerimônia de importâncias cósmicas o espírito negasse habitar o seu corpo.

- Amor, tu não quer aproveitar a situação e viver um pouco, não?

- Quero, mas a que preço? Não é você que prega a filosofia dos suaves delitos, Nita?

Vamos esperar umas duas semanas, deixar aquele porco apodrecendo.

A mão de Nita para sobre os vestidos. Então era esse o problema: ela mesma. Havia muito de si na personagem e por isso não podia incorporá-la. Culpa seu sintoma de Bartleby que prefere não fazer e tenta uma psicologia quase infantil levada pelo desespero:

- Não sabia que tu era cagona.

A Curadora ri.

- O nome disso é segurança, Nitinha, cê mesma me ensinou.

A culpa era sua, não da personagem. Talvez não a tivesse desenvolvido direito, ou a tenha perdido dentro de si mesma, conseguindo recuperar fragmentos da mesma, mas não toda.

Encontra o vestido colorido no armário, o mesmo que a Curadora usou em sua reunião com Diego Valla. Naquele dia, a Curadora estava animada, curiosa, quase amorosa em relação ao policial. Por isso o vestido alegre, hipnotizante. Agora, não. Não depois da decepção com Diego Valla, quando a personagem assumiu que o policial não a inspirava, melhor que sumisse. Retira o vestido do armário e o joga sobre a cama, descartando-o. Continua passando as roupas uma atrás da outra em busca de alguma que traga gana para sua personagem, vontade de sair e ver o sol e viver, até chegar sem sucesso no roupão que usa para ficar em casa.

- Desiste, Nita, me deixa dormir.

Nita deixa. Não pode mudar a personagem, fazer aceitá-la o que não é do seu feitio. Mas pode mudar a situação.

Pega o roupão do armário e tira o vestido cinza que está usando, cobrindo o corpo e a roupa de baixo com o roupão bege atoalhado, fechando as abas sobre si e amarrando com o cordão da mesma cor e tecido. Tira o vestido colorido de cima da cama e o pendura no cabideiro. Desarruma a coberta e o acolchoado, senta-se na beirada da cama e se estica para amassar o travesseiro. Olha-se no espelho e desarruma o cabelo ainda mais.

Fecha os olhos e os pressiona, tenta esquecer o diálogo que teve até ali com a Curadora, como se fosse apenas um sonho de ambas, nada mais. O real é ali, naquele momento, e nada mais. Abre e encara o espelho:

- Curadora, acorda, tão precisando de ti.

- Nita... que horas são?

A Curadora que a encara não tem tanto controle de si, os olhos não brilham e o nariz está baixo.

- Três da manhã.

- E que porra é essa?

- Morse tá te esperando na sala, querida, tu precisa falar com o Valla.

- Falar o que com aquele lá?

- O coitado tá entrando em depressão, o plano não tá funcionando, tu precisa amenizar as coisas pra ele, conversar.

- Vai se foder, Nita, me deixa dormir.

- Fala com ele hoje, depois te deixo dormir uma semana.

- Você não tem que deixar nada.

Nita pensa em discordar, mas lembra-se de com quem está falando.

- Ok, anjo, desculpa te incomodar, vou falar pra Morse ir embora.

É interrompida ao tentar se levantar da cama.

- Espera, ele tá mal?

- Bem mal.

- Pros diabos com ele.

- Tá bom, anjo.

A Curadora olha para um dos cantos do espelho, logo abaixo, em contato com o chão, onde falta uma parte da moldura. Por ali, a Curadora escapa:

- Tá, deixa que eu resolvo isso, vou falar com esse chorão.

Nita relaxa. A Curadora é pior pela manhã, ao acordar, totalmente não confiável e volátil, impossível seguir ordens, não tem como dar errado.

A Curadora se levanta da cama feito um relâmpago, já que é para acordar, que seja. Vasculha os bolsos dos casacos no cabideira e resgata um par de óculos escuros de um deles, para se proteger de qualquer claridade. De dentro do armário, atrás dos casacos, tira uma bengala. Calça um par de pantufas e sai para a cozinha.

- Morse, chame o carro.

- Nita?

- Que Nita, sua sonsa, chame a porcaria do carro.

- Pra que essa bengala?

- Pro Valla ter no que se apoiar, filha, agora vamos que tá tarde.

Morse mexe no celular sem olhar para a Curadora.

- Ele tá em Curitiba 5, logo chega aqui.

- Almirante Tamandaré, filha, não cai nessa de numerar as Curitiba que é processo de franquia. Toda vez que você chama uma cidade da região metropolitana desse jeito um artista morre.

- Sim, Almirante Tamandaré.

- E maneira nesse sorriso.

No carro, a caminho do cativo, Morse vai no banco do passageiro, na frente, calada, e a Curadora no banco de trás, o rosto apontado para a janela, a cabeça pendendo conforme o sono domina a personagem.

O carro para aos fundos de um prédio abandonado, de três andares, os tapumes barrando o caminho. A Curadora desce do carro logo atrás de Morse, seguindo a garota de recados por uma porta camuflada, entrando num pátio com colchões e dois morrueiros dormindo, subindo por um lance de degraus ao segundo andar. Dali em diante foi à frente, sabendo o caminho para falar com seu próprio sequestrado, segurando a bengala paralela ao chão enquanto atravessa o corredor. Os passos da Curadora são precisos, um e outro e um num ritmo que faz o contato de pantufa e chão soar musical, apesar de baixo. No caminho pra sala, um menino de uns quinze anos corre em sua direção, tentando barrar o caminho:

- O que senhora tá fazendo aqui?

- Meu filho, vocês me chamaram.

- Não que eu saiba.

- E do que você sabe, criança? Agora vai lá buscar a chave do policial pra mim.

- Preciso conferir essa ordem.

- Orkut, busca logo essa chave que eu não quero perder o meu sono.

O menino não move o pé, a encarando. Morse se aproxima logo atrás e faz o som de quem toma ar para um discurso, o qual a Curadora interrompe:

- Morse, não venha me encher você também, cadê a chave?

- Orkut, busca lá a chave.

- Mas não me avisaram de nada.

- E nem vão, moleque, quer ver a Curadora irritada?

Orkut tira a chave do bolso do calção e a entrega à Curadora, que a coloca na fechadura e começa a girá-la.

- A senhora não pode entrar sem arma.
- Filho, me assista e aprenda alguma coisa.

A Curadora entra pela segunda vez naquela jaula branca, o animal sentado sobre a cama, as pernas cruzadas feito índio, sem o lençol içado como esconderijo, dessa vez.

- Oi, Diego, tá como?

Diego Valla a observa com atenção, o preto dos olhos a seguindo conforme atravessa o cômodo com desinteresse, se aproximando do criado mudo onde há seis frascos, cada um com um líquido semi transparente, de cores diferentes.

- Perdeu a língua, filho?
- Não esperava cê de volta.
- Pra você ver como suas certezas são fracas.

A Curadora pega o vidro com o líquido de cor verde e o abre, traz a boca do recipiente perto do nariz e inspira.

- Menta?
- Não sei.
- Como assim não sabe? Você nem mexeu nisso?

Diego faz que não com a cabeça.

A Curadora fecha o vidro e o devolve ao lugar em que estava. Vira-se e encara Diego, menos de um metro de distância entre os dois, perto o suficiente para que ele a puxe em um abraço e a domine, sem dificuldades. Sabe que ele não vai tentar isso. Não vai tentar nada. Não existe mais Diego Valla ali.

- Trouxe para você - diz ao esticar a bengala.

O policial pega a bengala com cuidado, sem puxar, e agradece.

- Você é um camarada desinteressante, sabia?

Diego não responde.

A Curadora sai de perto da cama, indo em direção à porta. Esperava um Diego mais derrotado, triste e não indiferente, desesperado e não cansado. Vira a maçaneta e vira-se para o policial.

- Me diga, porque você não mexe nas coisas ali? Nos perfumes, no espelho, que mais trouxeram pra você?
- Não fui ensinado a mexer nessas coisas.
- Mas você não tem nem um pouco de curiosidade?
- Tenho.

- E por que não?

- Porque eu sei me controlar, diferente de vocês.

A Curadora solta a maçaneta e endireita o corpo na direção de Valla, magoada. Não pelo tom acusatório, pela tentativa de ofensa, que para ela soa mais como um elogio, mas pela falta de fé naquele menino tão novo e tão quadrado, naquele conservador que segue as regras dos outros sem sequer saber porque elas são assim.

- Diego, filho, amanhã à noite você vai ser liberado.

O policial se endireita sobre a cama, os olhos se eriçam e a boca arqueia, torta como se tivesse esquecido como se faz para sorrir.

- Sério?

A Curadora inspira fundo antes de retribuir o golpe, antes de bater naquele policialzinho como ele nunca apanhou, como nunca bateu em alguém.

- Sim. Sua mãe faleceu hoje de manhã, em Paranaguá.

Diego não responde, seus olhos se fecham, sua boca se descola.

- Ela estava hospitalizada, não estava?

A cabeça do policial faz que sim.

- Então, amanhã você poderá se despedir dela, filho.

A Curadora sai do quarto ao ver as lágrimas se derramarem pelo rosto do homem adulto. Se Nita estivesse ali, abraçaria o policial, talvez até contasse da farsa. Mas ela não estava.

12.

O Pintor acorda depois de uma vida de sono pesado e uma noite mal dormida. Senta sobre a cama e tateia o próprio corpo para ver se continua ali, escondido sob o lençol branco. Sonhou com gritos e choros e um homem adulto batendo em parede branca para ver se poderia derrubá-la, sem sucesso. Nem pintá-la de vermelho conseguiu, incapaz de derramar o próprio sangue, fraco pelos dias e noites e pela trilha pela qual a vida insiste em levá-lo mesmo que grite não, não quero, me deixa aqui, no passado. Ao passar a mão sobre o próprio rosto, descobre uma segunda camada, pele, máscara de água seca, sal cobrindo a barba, como se houvesse derramado sobre si um disfarce e deixado secar e acreditado por toda uma vida que era aquilo. Mas não era. Não é. Ou de certo é a outra coisa, o alguém por baixo dessa máscara e ao cair desse tecido sobre o próprio rosto, apenas banhado em seu próprio disfarce, pôde se descobrir o Pintor.

Mas o que faz um pintor?

Ao lado da cama, sobre o criado mudo, há uma caixa de giz de cera, nova, intocada, virgem como ele: o pintor que nunca pintou.

Estende a mão na direção da caixa, do arco-íris em meio ao universo branco em sua volta e descobre a própria cor. Não é branco. Também não é preto. É uma cor no meio disso, não um cinza, mas um marrom, um caramelo.

Olha a própria cor.

Gosta da própria cor.

Ama a própria cor.

Pois é a cor dela.

Dela que estava lá e não está mais, dela para quem logo dirá adeus, reconquistando uma liberdade que não será mais útil. Mas a liberdade está ali, no momento, jovem o suficiente para pular da cama e agarrar a caixa de giz. Machucado demais para correr até a parede. Ao menos tem uma bengala, presente daquela que parece com ela mas não é.

Que não é a sua mãe.

O Pintor se apóia na borda da cama e sente o chão frio sob os pés. Sente-se sujo, mas livre. Sujo pois tudo está fora de lugar, se é que as coisas possuem lugar determinado no universo. Não mais. Sujo não pelo cheiro, mas pelo entorno, o branco tão branco que chega a doer nos olhos, doer dentro, a lembrança dela que não mais existe, para quem não pode dar tchau, pois ela não está lá, mas além, no céu abençoado que ela mesma acreditava ou no nada em que o Pintor acredita.

Acredita em nada.

Um nada branco como aquelas paredes.

Hipócritas cretinos os que o afastaram de sua vida passada logo quando no auge, o afastaram de sua família logo quando mais precisa.

No momento em que ela mais precisa!

No momento em que ela mais precisava...

Não mais.

Ela não existe.

As paredes em branco o fazem lembrar dela, a destacam em sua memória, o único lugar em que pode alcançá-la, agora.

Hipócritas por forçá-lo a essas paredes brancas, puras, quando a pureza e a doçura não existem, não mais, não sem ela. Por forçá-lo a sentir-se destoante do espaço em volta. Mas é tudo mentira, pois não existem paredes brancas, não existem cores, apenas reflexos, mentiras criadas pela luz.

Mas se não existem cores, o que faz um pintor?

O que o faz Pintor?

O poder de transformar.

Apenas porque pode.

Estica a mão e confisca a caixa de giz de cera. A mão volta rápida, apostando na velocidade para que ninguém veja sua apropriação, para que o Policial não veja sua intenção. O Policial está ali em algum lugar, que se suma um pouco mais, um pouco mais, cansado por chorar tanto, tanto.

Chorar por ela.

Que não está mais ali.

Que está nas paredes brancas.

Paredes que não são brancas, impossíveis serem brancas.

Abre a caixa de giz e respira fundo, incorporando o cheiro de cada cor, deixando que o azul, o vermelho e o amarelo entrem pelo pulmão e sejam absorvidos. Seria crime se fazer colorido por dentro?

Inibe os pensamentos para que o Policial não os leia.

O Pintor quer sair.

O Pintor já saiu.

Passa os dedos pelos gizes, do branco ao preto, passando pelo marrom, pelo laranja e pelo cinza. Parando no cinza. Por que no cinza?

O cinza o faz sentir-se sóbrio, no controle, adulto.
Cinza é cor de metal, ferro e pistola, terno e céu nublado.
Cinza lá fora, por que não cinza ali dentro?
Retira o giz cinza da caixa e se levanta.
Olha em volta. Ninguém ali.
O Policial não está ali.
Prende a caixa de giz embaixo do braço e pega a bengala para caminhar até a parede.
Anda sem pressa, não está em fuga, apenas a cabeça vai rápida e o corpo não precisa acompanhar. O corpo não precisa de pressa.
Mas calma.
Encara a parede branca e levanta o giz de cera cinza.
Aquela parede branca não existe.
A pureza é uma mentira.
Cadê o Policial para esfregar isso na cara dele? Deixará um recado.
Enfia o giz contra a parede como uma faca atravessada em um peito. O puxa para baixo, para cima, baixo de novo, rasgando o que era branco genuíno, sem passado ou presente. Quanta pretensão.
Vira o giz de lado e o transforma em rolo de pintura, não mais uma arma branca. Nada branco pode sobrar ali.
Solta a bengala e a caixa e segura o giz com as duas mãos, com força, os dedos espremidos na curta distância da cera. Joga o peso contra o giz e o giz contra a parede e destrói o branco com grossas camadas de cinza, avenidas vistas de cima como se fosse um drone, avenidas a circundar si mesmas e aumentar, pavimentos inteiros, lajes e estacionamentos.
Se ela não existe mais. Não há parede branca. Há o cinza.
O céu nublado de Curitiba.
O asfalto sustentando todas as cidades.
Lápides.
O ar que escapa dos carros autônomos, robôs envenenando a humanidade.
Os restos de um cigarro fumado.
O fim de um pulmão. Sente dor ao respirar.
O giz se gasta contra a parede e na metade o Pintor coloca mais força para extinguir o reflexo de todas as cores. O branco puro. Que pinta de cinza. De chumbo. De fumaça.

Etérea e passageira.

E risca risca risca e o giz se desfaz até não existir, que nem ela, deixando uma mancha maior que a poça sob um peito baleado.

O giz acaba, a vontade não, e a unha do Pintor vai contra a superfície e se vira para fora, a carne para um lado, a unha para o outro, a dor explodindo dentro do corpo feito raio ao ir da ponta do dedo ao cérebro e gritar que essa porra dói muito. Grito e dor e vermelho. A unha do indicador direito se solta e cai no chão sem alarde. O sangue goteja, chove, e o dedo parece um artista em fim de carreira.

Vermelho sangue.

Sim, porque a cortina de fumaça não é o bastante, não é a realidade, pois não só de sufocamento e poluição se desfaz o branco, mas de dor também. Então o cinza não é o suficiente para cobrir a falsa pureza e o Pintor agradece a sorte pela própria parede mostrar isso ao atacá-lo.

É cativo.

O Pintor.

Cativo dos terroristas e sabe por A mais B e C que aquelas paredes não são brancas. Impossível serem brancas. Brancas eram as paredes dela. Dela que não existe mais. Dela que ele chamava de mãe.

Mãe.

As paredes ao seu redor deveriam ser vermelhas. Vermelhas pelo sangue que corria na veia das vítimas e que agora empapam terra e calçada. Pelo sangue daqueles como o próprio Pintor. Daqueles como ela, que morreu sem rever o filho, sem segurar a sua mão. Pois finalmente quando ela precisou dele, ele foi levado por outros.

Por terroristas.

E essa dor que sente, serve pra que?

Dobra os joelhos e se agacha para pegar o giz vermelho de dentro da caixa. A caixa ali entra as gotas de sangue e a unha, longe da bengala.

As gotas vermelhas sobre o piso branco.

Apenas cores para se expressar. É o que possui. Não liga. A cor é a única coisa que interessa ao mundo.

Mentira.

É a segunda coisa. Perde pros números.

Ainda agachado apóia o giz de lado, na horizontal, e o puxa de baixo para cima ao se levantar, um corte de faca, preciso feito bisturi, o ferimento sangrando para cima enquanto o Pintor se levanta em direção ao grande balão cinza, o buraco cinza, o fim do mundo em uma imperfeita mancha cinza.

Não para quando as duas cores se encontram, uma atravessa a outra, o vermelho sobre o cinza, faz a volta em uma meia lua e desce novamente sobre o branco, levando rastros de piche. Desce e no branco faz o mesmo: meia lua para voltar e sobe.

E desce.

E sobe.

Faz os movimentos sem pressa, devagar, passivo, e da velocidade ao aplicar o cinza pouco resta no vermelho, e a paixão pela pintura deixa de ser foda para se tornar carinho. O vermelho mancha o branco e encarna no cinza e o arrasta de volta sobre o branco transpondo as três cores uma sobre a outra a não ser o branco que sempre fica por baixo.

Ao menos ali.

Porque é parede.

Porque é a base.

A base para as cores misturadas e essa mistura é algo lindo, as cores mestiças, periféricas, na fronteira de cada colorido.

O giz vermelho também se gasta e está perto do fim e o pintor o solta sobre o chão. O abandona. Sabe a dor que causa ao giz, não se incomoda, há outros destinados à parede.

Coloca o dedo machucado dentro da boca e o chupa. Se faz vermelho por dentro. Mais vermelho: de ódio, de vergonha, de alergia: alérgico à filhadaputagem dentro dos terroristas que o separaram dela e o trancaram longe.

O sangue para de sair pelo dedo.

Talvez tenha acabado com o machucado, com a dor, pois toda dor passa e acaba e assim como um dia sobreviveu à queda de um viaduto, sobreviverá ao dedo sem capacete, à perda dela e a tudo isso.

E o líquido do sangue será sólido.

E o vermelho será roxo.

E o corte será casca.

E sob o coágulo de si mesmo emergirá mais uma vez.

Fisga o giz roxo da caixa e com a velocidade de uma cicatrização o passa sobre a parede, de lado, deitado, de leve, roçando sobre a superfície, se desfazendo como uma

constelação roxa, um spray por atrito, detritos, uma última sobreposição de cor para que a parede, assim como o Pintor, também possa se curar, se quiser.

Com o roxo, cobre o cinza.

Com o roxo, cobre o vermelho.

O cinza com vermelho.

E também o branco.

Uma camada não para esconder o colorido, mas para dar chance de que seja mais, como se ao cicatrizar a cor se fizesse uma lagarta no casulo.

Quantos anos que não vê uma lagarta?

Ou uma borboleta?

Será que ainda existem?

A luz nublada de fora se torna o brilho dos postes de luz e a lâmpada fluorescente se acende na jaula. As pernas do Pintor começam a falhar, o giz pela metade, a parede mais roxa que de qualquer outra cor, a calma fazendo a cera render mais do que na mão da violência.

A cura tem disso.

Uma mancha suave, um hematoma corrosivo no coração dos sequestradores. Ou na perna, que seja, para que manquem. Para que manquem igual ao Pintor ao andar para a cama. Quando andar para a cama. Porque antes precisa assinar a obra.

Mas como assinar?

Tantos anos sem escrever em manuscrito, como sairá o próprio nome?

Prefere usar as digitais.

Apoia as mãos espalmadas sobre a pintura. As mãos molhadas de suor e de sangue e da saliva que cuspiu sobre elas para dar ainda mais de si. As mãos umedecem a cera e tudo se faz líquido e o Pintor faz movimentos circulares com cada mão, borrando as cores, atravessando umas sobre as outras num cinza e vermelho e roxo.

Não sorri, satisfeito.

Manca até a cama, a bengala largada para trás, e se deita.

Sente os pensamentos do Policial surgirem entre os seus, junto aos seus, e os recebe com afeto, os acomoda, mas não cede o espaço conquistado. Não mais. Pois acima do certo e do errado, do bom e do mal, das certezas e das mentiras, o Pintor compreende uma nova verdade: ele também é Diego valla.

13.

À frente dos soldados, Bernardo aperta os dedos em torno da alça interna do escudo de acrílico blindado. É a primeira vez que comanda os homens, ainda que não oficialmente, sem o título de 3º Sargento de Haikais Rimados que herdará de Diego Valla, desaparecido há quase dois meses.

Nada mais justo, dizia Bernardo aos parceiros e todos concordavam, pois sempre viram nele um líder enquanto Valla era preocupado demais consigo, com as próprias coisas, sem instigar os outros.

Contudo, desde que as coisas começaram a acontecer para Bernardo, os rapazes passaram a evitá-lo, como haviam feito com Valla, mas dessa vez sem um líder para o motim.

Pois que fizessem, logo se veriam sem um norte e voltariam para ele.

Mas ali, naquela situação, apenas seguiam suas ordens. No trabalho, o respeitavam e ouviam e obedeciam. Sim, senhor atrás de sim, senhor.

Especialmente numa possível armadilha.

Poucas horas atrás os oficiais do COCA receberam um convite para uma exposição que aconteceria em Curitiba 3, uma clara provocação da classe artística. Na dúvida, destacariam quatro companhias para seguir com os drones de reconhecimento e tal movimento chegou aos ouvidos de Bernardo, disposto a mostrar serviço. Escalou a si mesmo e aos seus homens que ainda nem eram seus homens, mas logo seriam, pois desde o acidente com a ambulância que Bernardo vem preenchendo a lacuna. E que presente Valla ter sido sequestrado, a vaga ficando livre, finalmente, uma vez que seu antecessor se tornava um policial muito complicado e não confiável, tamanha era a suspeita em torno dele.

Bernardo aguarda a ordem dos oficiais no quartel general, oito drones circulando o prédio, as outras companhias em posições mais distantes. Haviam afastado os morarruas e limpado todo o térreo, sem encontrar armadilhas ou drones inimigos.

O plano era entrar com seus homens e assegurar o primeiro andar, subiriam então as outras companhias, cada uma responsável por um andar do prédio, a última ficando no térreo para evitar um ataque pela retaguarda. Antes de subir, contudo, Bernardo já sente o prédio vazio, aquela falta de movimento e respirar e presença de outras pessoas, um sexto sentido que não apenas acredita ter, mas sabe.

Os oficiais dão a ordem remotamente e Bernardo avança seguido por seus soldados, espiando o interior do prédio atrás da superfície gasta do escudo.

Sobem as escadas e encontram a entrada do segundo andar vazia, taças de vidro soltas em cantos, ao lado de sofás, baldes de metal com água dentro e algumas garrafas de

espumante sem nada. Os artistas haviam feito sua festa e agora chamavam a polícia para limpar o lugar, para se vangloriar, e Bernardo havia se escalado para ser um dos palhaços envolvidos nisso.

Na parede, nota alguns textos, todos corridos, e não os dá atenção. Apenas ao maior, mais alto, possivelmente o nome da exposição: Fumaça vermelho hematoma. Ao lado, em uma tela plana ligada, vê o único movimento no lugar: um homem em pé, pintando uma parede com as próprias mãos, visto de longe, de costas, vestido de branco.

Bernardo aponta dois soldados para seguirem com ele e deixa os outros de vigia na entrada. Libera a companhia responsável pelo segundo andar para que suba enquanto faz reconhecimento do primeiro, entrando no corredor com três portas de um lado e quatro do outro, todas abertas, escancaradas, a não ser por uma no fim.

Vasculham cada porta aberta para averiguar a própria segurança enquanto se aproximam da fechada. Pelo rádio, a companhia do segundo andar dá a ordem para que a do terceiro suba.

Bernardo e seus homens chegam à porta fechada e tentam abri-la: trancada. Dá a ordem pelo rádio para que tragam o aríete. Tem pressa, com medo de que haja explosivos ou algo parecido no quarto lacrado.

Quando chega um policial com o aríete, Bernardo faz questão dele mesmo usar contra a porta, tomando à frente, dando o exemplo. Balança o objeto para trás e para frente, o jogando contra a fechadura. Nada. Repete o movimento, para trás e para frente, e dessa vez o choque amassa o metal e a madeira, fazendo a porta abrir.

Dentro, o quarto todo branco com um homem barbado e sujo encolhido contra a parede do outro lado, puxando o lençol sobre si. Há alguém ali, e Bernardo sente vergonha pelo seu sexto sentido ter falhado. Sente também cheiro de azedo e gosto de ar parado. Dá a ordem para que revistem o homem sobre a cama e entra no quarto para averiguar se não há mais nada. Vê uma bengala caída no chão ao lado de uma caixa de giz de cera, alguns quebrados ao pé de uma parede toda pintada.

Encara a parede de baixo para cima, a erupção de um vulcão vermelho com um cogumelo de nuvem cinza, tudo atrás de poeira roxa. Algo assim. E alguma coisa naquela figura o faz pensar em dor.

Sentir dor.

Reconhece ali a pintura que viu na tela plana na primeira sala do segundo andar. Reconhece também a voz que o chama:

"Bernardo?"

É a voz de Diego Valla. Vira-se já tirando as algemas do coldre, mas não sente o prazer esperado, tendo imaginado cena parecida tantas vezes nos últimos anos, enquanto assistia a ascensão do antigo companheiro de esquadra.

Ao levar Diego Valla dali, Bernardo deixa seus homens irem à frente, fica para dar um ombro, vagaroso ao servir de bengala para o ex 3º Sargento. Na saída, assim, mancam os dois, ao invés de um só.

O tapa que dei em mim mesmo.

Diário de percurso do romance Fumaça vermelho hematoma.

o publicitário é o contrário do escritor, apesar de ambos trabalharem com a criação: a intenção de um publicitário é atender a demanda, solucionar o problema do cliente, atender seus anseios. e o escritor desestabiliza seu cliente, que é o leitor; procura fazer com que ele não tenha seus anseios atendidos.

elvira vigna

em entrevista ao jornal rascunho

edição 165

INTRODUÇÃO

Encaro o espelho para a conferência ilógica de sempre em busca da certeza de que sou eu quem segue ali do lado de fora, além das fronteiras da visão, e não outra pessoa. Quem sabe fui trocado e me descubro um ermitão costa-riquenho ou uma grisalha vendedora de ações. O resultado não me surpreende e, no fim de dois mil e dezessete, sou eu mesmo quem segue ali, com meu nariz-batata que torna inverossímil qualquer falta de ar e a pele cor nativo-americana, pantone antigo, de quando a juventude se ocupava mais com o arco e flecha que com o smartphone, bastando olhar em volta para ver nudes, a moda de todas as estações até mil e quinhentos depois de Jesus.

Sigo sendo eu e meus olhos entregam o pacote que assinei e carrego comigo ao longo de quase trinta anos de percurso, redescobrimo o caminho reto sobre minhas quebradas. Se comparo o eu refletido com o de outra época - seja outro dia, ano, década ou hora -, há diferenças, e meu eu do fim de dois mil e dezessete, também chamado de eu atual, parece mais descuidado que o eu de dois mil e sete e seu rosto de calouro, sem barba ou carteira de motorista, e ambos são menos queridos ou pegáveis no colo em comparação ao eu de noventa e sete.

Para não ir tão longe, comparo o eu atual ao de dois mil e quinze: ambos possuem uma relação de causa e consequência, um originando o outro, não que os outros não tenham, mas entre esses é gritante, escrito em negrito. Em dois mil e quinze meu reflexo soava cansado pela rotina de agência de propaganda, escrita literária e estudos para tentar o processo seletivo do mestrado em escrita criativa pela PUCRS. O eu atual no espelho também soa cansado, mas por outros motivos, tão distante das agências e aplicado na dissertação para finalizar esse mesmo mestrado. Dissertação essa formada por duas produções:

1. O romance Fumaça vermelho hematoma.
2. Esse diário sobre a produção do romance.

Esse trabalho, o número dois, tem como objetivo acompanhar os diferentes passos na produção do romance e entender o que em sua trajetória ocasionou essa diferença entre

o reflexo de dois mil e quinze e o eu atual, pois apesar do nariz, da cor, da barba, dos olhos míopes e do ar consumido, algo está diferente entre um e outro, como se, ao sobrepor ambos, fosse notável um centímetro de desvio em sentido antihorário, a mandíbula usada como alavanca para reposicionar o rosto, mudando o ângulo pelo qual se vê o mundo e a saída por onde corre a voz, entortando ou desentortando, sem ligar para a norma, as noções de percepção.

Como Thoreau¹ em 1863, ao escrever esse trabalho, opto por colocar uma grande dose de mim mesmo, não apenas pelo autodomínio, mas pensando no mecenato de dois anos pela bolsa da CAPES, sob a mesma ótica do autor estadunidense: "comprometeram-se a pagar por mim, portanto decido que é a mim que eles terão, mesmo que eu os aborreça a mais não poder."

Eu poderia colocar a culpa no espelho utilizado e dizer que o reflexo está diferente, utilizando ainda mais a alegoria metafórica das utopias e distopias², o reflexo distorcido, e entender que nesse percurso me tornei um alguém melhor, utópico, ou pior, distópico, em relação ao eu de dois mil e quinze. Ou posso aceitar o espelho e entender que a mudança é em mim, não na imagem, e embarcar na versão de Leminski³ de que não existe um reflexo distorcido, pois se assim é, não mais é um reflexo, mas uma novidade, um segundo ser.

O espelho não erra, quem erra sou eu.

E esse eu apresentado, o eu atual, estapeado em relação ao anterior, o de dois mil e quinze, aceita o erro, tanto o errar como uma atitude em busca de um objetivo quanto o errar do errante, do caminhante, daquele que bate perna e cabeça em busca de um lugar sem um caminho pré-estabelecido.

Errei em dois mil e quinze na leitura do edital de seleção da PUCRS, lendo as especificidades da seleção de doutorado e copiando o nome dos livros da seleção de mestrado, ambos em escrita criativa. Não falhei tanto, apenas um pouco, e esse pouco se reduz a uma informação específica: pediam aos candidatos que, no momento da inscrição,

¹ THOREAU, Henry David. *A Desobediência Civil*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. P. 124

² BECKER, Caroline Valada. *Inscrições Distópicas no Romance Português do Século XXI*. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. P. 19.

³ LEMINSKI, Paulo. *Ensaio e anseios crípticos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. P. 98.

apresentassem também um pré-projeto da tese a ser trabalhada. Eu nem sabia a diferença entre tese e dissertação, e pensei que deveria levar um pré-projeto para o mestrado.

Assim, com os livros certos e a intenção errada, me desesperei com meses de adiantamento - sou muito organizado - em relação ao projeto. Mas o que era um projeto em escrita criativa?, me perguntava em frente ao espelho, sem vocalizar a questão, as sobrancelhas arqueadas e a cara de tacho de quem sabe nada do mundo acadêmico. Fui atrás de quem sabia, inserido nesse microcosmos da escrita criativa puquiana riograndense. Conversei com Julie Fank - doutoranda em escrita criativa pela PUCRS - na sede da Escola de Escrita, em Curitiba, e questionei como seria isso de pré-projeto. Pergunta essa recebida com certa confusão: ué, mas não pedem isso só para o doutorado? E nesse momento teria sido esperto de minha parte pesquisar uma segunda vez, o que não aconteceu, focado que estava em descobrir como levar um pré-projeto que me ajudasse na seleção que não exigia um. O projeto é o que você quer escrever, disse Julie, tanto a parte narrativa quanto a teoria em torno da criação da mesma. Prosseguiu dando forma à palavra criativa em escrita criativa: seria interessante tensionar algo na literatura, buscar algo diferente do usual, fosse no conteúdo, linguagem ou forma.

Conteúdo, linguagem ou forma.

As três palavras ecoavam feito um mantra inventado e revisei projetos engavetados para descobrir não apenas qual traria algo fora dos meus confortos em uma das três modalidades, mas também em que eu desejava empenhar dois anos de estudo e trabalho, tão utópico se comparado aos projetos em publicidade com poucas horas de prazo ou aos textos que escrevia de noite, cansado, roubando horas de sono.

De cinco possibilidades, quatro foram descartadas:

1. A história de um chef de cozinha com seus sessenta e poucos anos e um olho de vidro. Ao cozinhar um prato específico, ele rememora a história conforme o ingrediente que possui em mãos.
2. A viagem de um rapaz pelo fim do mundo - sendo o fim do mundo o próprio armagedom, mesmo, e não apenas um lugar muito distante -, que acontece de

forma democrática, e cada local possui o apocalipse que lhe cabe, podendo ser religioso, extraterrestre, ambiental, social ou outros.

3. Nova visita ao inferno idealizado por Dante, em que um engravatado, sabendo que esse seria seu destino após a morte, estudou a geografia local em vida e por ali transita com liberdade depois de falecer.
4. Algo envolvendo viagem no tempo e alcoolismo.

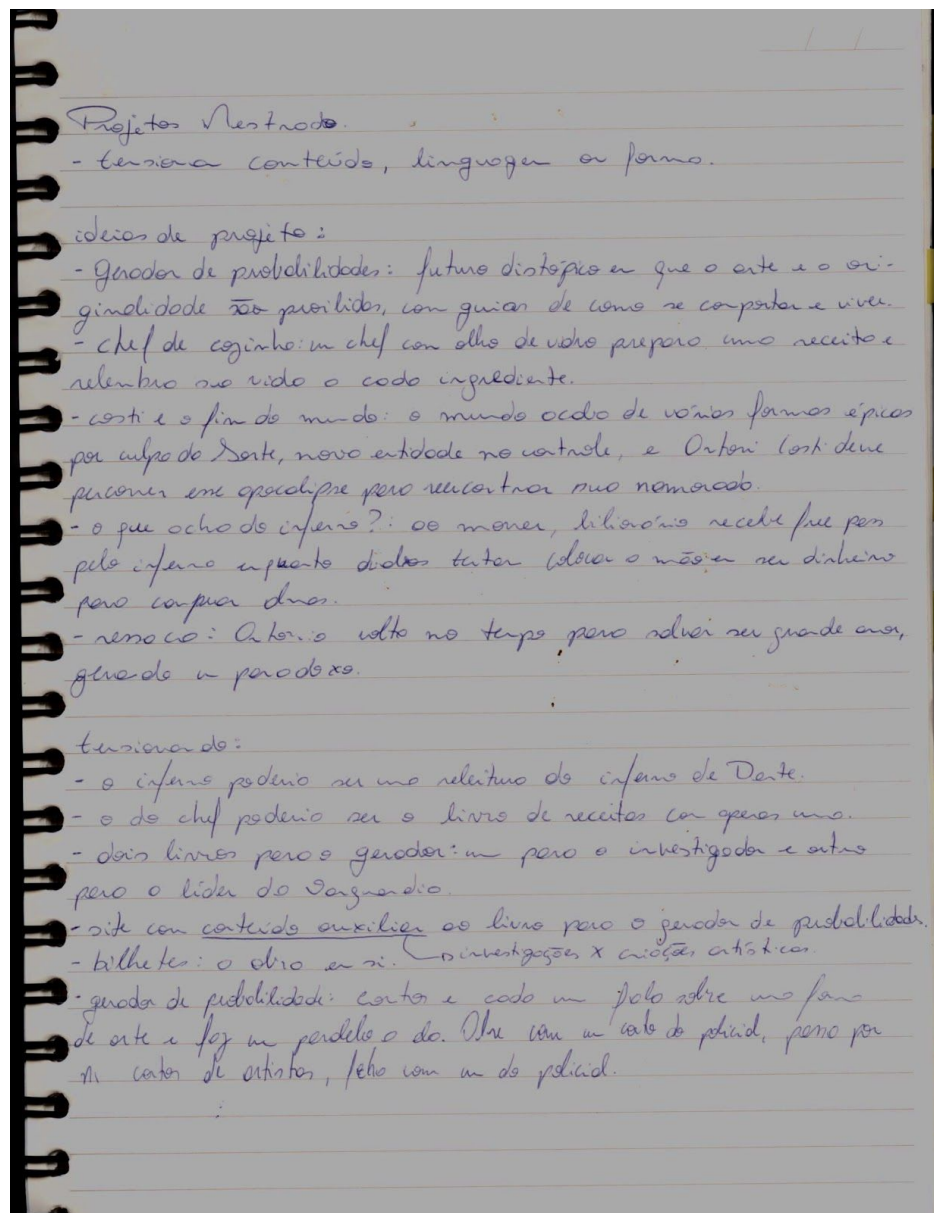


Figura 1. Versão não resumida ou editada das possibilidades de desenvolvimento. Fonte: Arquivo pessoal

Nenhuma delas foi levada para frente, umas por motivos mais óbvios que as outras, dando vez ao rascunho do dia dezessete de maio de dois mil e quinze em minha caderneta. O rascunho foi inspirado em uma frase do conto *Os Teólogos*⁴, de Jorge Luis Borges: "Outros histriões pensaram que o mundo acabaria quando se esgotasse o número de suas possibilidades"⁵. No conto, Borges propõe que não podem haver repetições e seria ético cometer um ato horrendo, pois esse seria riscado das atitudes possíveis e não aconteceria no futuro. Contudo, essa segunda parte, a de não haver repetições, não se fixou em minha cabeça, e imaginei uma realidade em que as pessoas buscavam sempre o mesmo caminho, a reação mais clichê para não esgotar as possibilidades do mundo, adiando seu fim.

Nessa ficcionalidade em que o igual é seguro e o diferente é preocupante, os desviantes do permitido seriam caçados como hereges e cada cidadão teria uma cartilha para guiar suas ações. Com esse pensamento, rascunhei uma cena em que uma dupla de policiais - cuja corporação eu chamava de Polícia do Padrão - apreende itens subversivos de arte, proibidos por acreditarem que mimetizar um acontecimento equivaleria a realizá-lo.

Transfiro esse primeiro rabisco de onde nasceria Fumaça vermelho hematoma para que possa ser lido sem a dificuldade de traduzir minha letra:

Desde que Deus saiu de moda que ninguém falava seu nome com tanta emoção.

"Meu Deus, meu Deus, meu Deus."

"Capitão, deu pra acreditar em fantasma? Tá parecendo a minha bisa."

"Pô, Otávio, passa um olho nisso tudo! É a apreensão do ano."

Da década, queria dizer, mas se ateuve à palavra mais usada por questão de segurança. Estavam os dois em um casarão, num pequeno sítio. Seguiam pistas a semanas, e esperavam encontrar apenas outra ali, mas não, haviam ganho na loteria, se ela ainda existisse.

⁴ BORGES, Jorge Luis. *O aleph*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. P. 33.

⁵ *Ibidem*. P. 38.

Estava mais para um barracão do que para uma casa, com algumas paredes derrubadas a marreta. Sobre as paredes brancas, grafites com imagens épicas e poesia, com as latas ainda caídas por ali. Pilhas e pilhas de caixas de papelão por todos os lados. Um notebook sobre uma mesa velha, com um V marcado.

"Maldita Vanguardia, falei que eles estavam crescendo. Otávio, vê o que tem nessas caixas aí."

Lucas pegou o notebook e um caderno, ali deveria ter o endereço, contato, nome, qualquer coisa assim. Finalmente listaria os envolvidos.

"História em quadrinho e livros de poesia, capitão!"

"Excelente, agora vamos embora daqui!"

Jogaram as caixas no banco de trás da viatura e saíram cantando pneus, como nos filmes. Os reforços estavam fora de cogitação, demoraria demais, e isso pedia uma retirada estratégica e um comentário sagaz:

"Vamos dar no pé, cara." - Lucas tinha orgulho de seu talento para o clichê.

"Vamos colocar um som?" - Otávio, nem tanto.

Otávio tinha visto um CD entre as provas e queria ouvir antes que ele sumisse entre as evidências do caso. Lucas era contra, mas não ia atrapalhar o amigo nesse momento de comemoração. Ouvir era contra o Padrão? Nem tanto quanto produzir, e podiam alegar que estavam conferindo o material apreendido para ver se era original. Otávio que colocasse aquilo para tocar!

Otávio tirou o cinto e se debruçou sobre o banco, mexendo nas caixas, enquanto atravessavam um viaduto que levava de volta à cidade.

"Não tô achando, você chegou a mexer na caixa?"

"Não, eu só trouxe o notebook."

Lucas ajeitou o retrovisor para espirar o banco de trás, perdendo de vista a ambulância que se aproximava de sua viatura. Tudo então aconteceu em um único momento:

"Achei!" - gritou Otávio enquanto a ambulância os empurrava para fora do viaduto, há metros do chão.

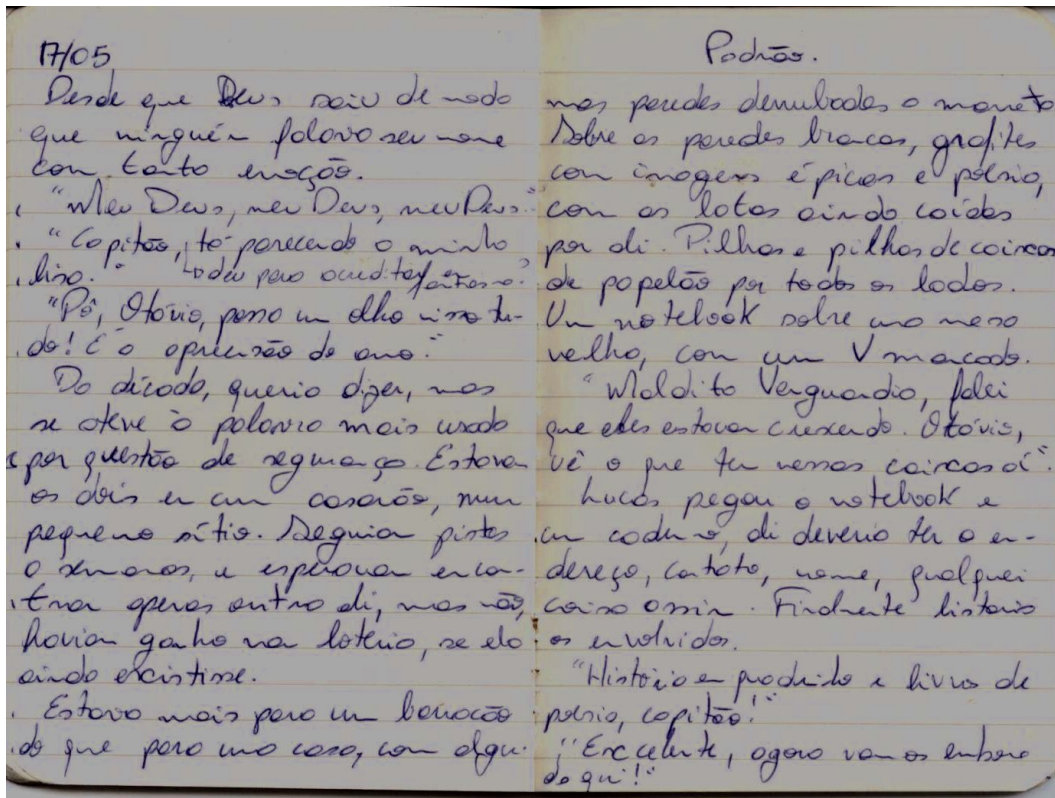


Figura 2. Primeiros rascunhos. Fonte: Arquivo pessoal.

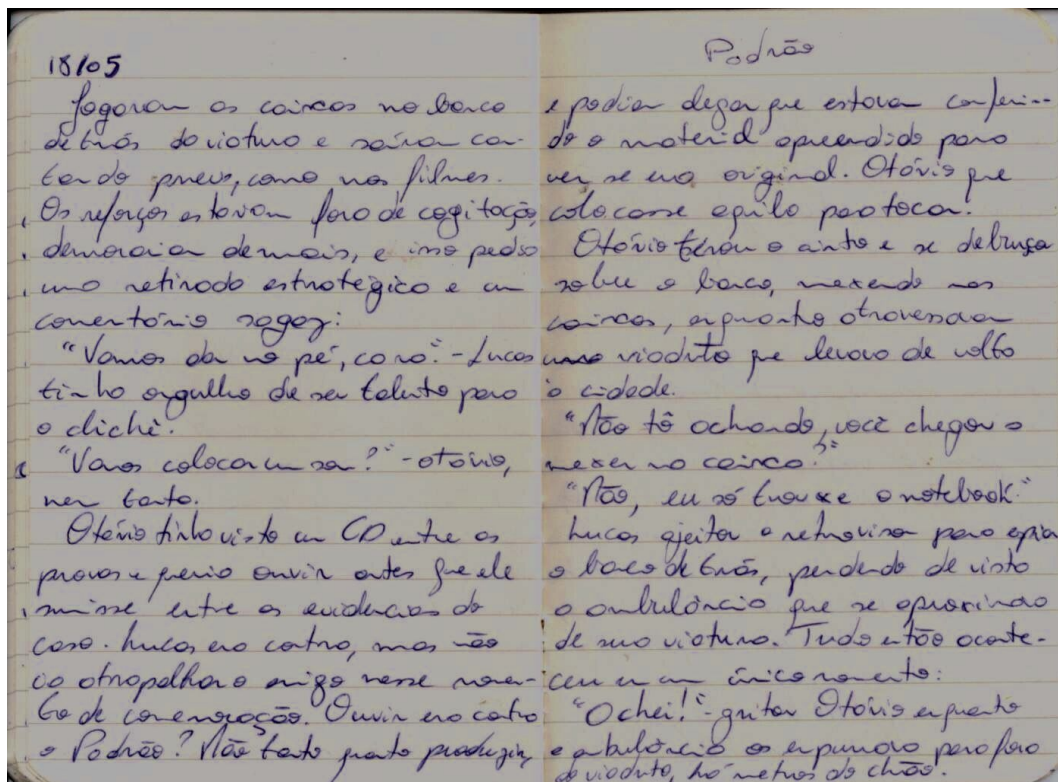


Figura 3. Primeiros rascunhos. Fonte: Arquivo pessoal.

A ideia da polícia perseguindo uma gangue de artistas armados e perigosos ficou na minha cabeça, assim como as cenas de perseguição em que os terroristas poderiam tomar o trajeto ideal para a fuga enquanto os policiais munidos de donuts e bigodes seriam forçados a fazer o mesmo trajeto de outras perseguições para não riscar possibilidades à toa. A ideia me animava, sobretudo, por poder trabalhar um reflexo do mundo atual (de dois mil e quinze) que não era realmente um reflexo, mas algo distorcido - em minhas palavras -, algo novo - nas palavras de Paulo Leminski.

Contudo, eu não acreditava no poder da religião para tornar essa realidade crível, e ao invés de seguir nessa direção, preferi buscar uma forma mais crível de algo assim acontecer, falar ainda mais sobre o hoje, quase como um alerta subjetivo.

Ao buscar o que na atualidade poderia requalificar um poema como crime e um poeta como criminoso, encontrei o mesmo movimento que criou o estigma sobre a maconha, transformando uma planta em motivo de guerra e prisão e preconceito em todo o mundo: o lobby empresarial.

Entre os vários motivos para a proibição da plantação e compra e venda de marijuana, uma das teorias aponta para a versatilidade da planta, podendo produzir óleo, cordas e tantos itens a partir do cânhamo⁶ que bateria de frente com indústrias já consolidadas, como a do papel e do algodão. Outros apontam para a indústria farmacêutica, tendo a maconha efeito medicinal variado, com potencial para impactar negativamente as vendas de milhares de patentes de remédios⁷ e com a facilidade de poder ser plantada em qualquer quintal. Segundo a primeira, um parlamentar estadunidense comercializava papel produzido a partir da madeira e não conseguia competir com o concorrente. Assim, aproveitando-se de sua posição política, encontrou outro motivo para proibir a plantação de cannabis: os efeitos psicotrópicos. E o que começou como uma forma de alavancar um

⁶ A Demonização da Cannabis. Direção: Barbara Ann Choboky. Fotografia: Barbara Ann Choboky. Documentary Films Pty Ltd, 1994. Disponível em: <<http://goo.gl/SdiVJB>>. Título original: Billion Dollar Crop. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁷ Cultura Chapada. Direção: Brett Harvey. Fotografia: Brett Harvey. Score G Production Films e Sophia Entertainment, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/JFsJmM>>. Título original: The Culture High. Acesso em: 10 dez. 2017.

negócio - a venda de papel criado a partir da madeira - acabou por se tornar um outro negócio, consumindo dinheiro na guerra às drogas e lotando o sistema carcerário, ideal no caso dos Estados Unidos, cujo lobby dos presídios terceirizados tem grande influência junto ao governo e é capaz de gerar lucro e estigmatizar minorias⁸.

Decidi então que o lobby empresarial seria o meu motivo. O tensionador de um mundo que seria tipo o nosso, mas não o nosso propriamente dito, me descobrindo, então, fronteira adentro das narrativas distópicas, usadas como forma de apresentar o presente de seu autor, ampliando seus medos.

A primeira coisa que eu precisava fazer para criar essa realidade era acelerar o lobby empresarial já vigente hoje em dia, pois nada determina mais as ações de um governo que uma empresa sob o liberalismo econômico, isso dito por Noam Chomsky, com quem divido não apenas a data de aniversário, mas pontos de vista: "Concentração de riqueza proporciona concentração de poder, principalmente porque faz com que o custo das campanhas eleitorais aumente muito, o que força os partidos políticos a ficarem ainda mais dependentes e controlados pelas grandes empresas."⁹

Assim, cheguei ao processo seletivo de mestrado com um objetivo narrativo delineado, o que não serviu de muito, descobri durante a inscrição, rendendo apenas uma resposta que acredito ter sido positiva durante a banca de entrevista. Contudo, tal adiantamento serviu para trabalhar pró-ativamente o romance, iniciando pelo estudo da literatura distópica e sua tradição, tanto para segui-la quanto para contestá-la.

⁸ A 13^a Emenda. Direção: Ava DuVernay. Fotografia: Kira Kelly e Hans Charles. Netflix, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/H5z6Gw>>. Título original: 13th. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁹ CHOMSKY, Noam. Réquiem para o sonho americano: os 10 princípios de concentração de riqueza & poder. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. P. 13.

1. CRIANDO A DISTOPIA

Na metade de dois mil e dezessete, trabalhava na dissertação, ressignificando a expressão "férias na casa dos pais" em Ponta Grossa, no Paraná. Minha mãe fez questão de sairmos para comprar uma calça: a minha estava rasgada e fazia quase dois anos que não comprava uma. Eu discordava: se me veste, funciona. Mas tão trabalhada foi a retórica que aceitei, fechando o computador e vestindo uma blusa para sair. Contudo, sem saber, eu ainda estava desestruturado por um documentário assistido semanas atrás. O filme trazia o verdadeiro custo¹⁰ da indústria da moda, não apenas o ambiental, mas o social, envolvendo trabalho escravo em diversos países do mundo - o Brasil, inclusive - e demonstrando como o neoliberalismo faz com que o trabalhador do país mais pobre pague pelos descontos nos países ricos.

Em frente ao espelho do provador, o tapa seguia rotacionando minha cabeça em microscópicos graus. Eu tinha duas calças em mãos e a vendedora da Hering do lado de fora, fervorosa para que eu levasse alguma, pressionada pela cota a ser ultrapassada para ganhar um bônus de inverno, ou seja lá qual a estação em vigor na moda naquele período. Talvez fosse mãe de duas crianças. Talvez tivesse um pai doente, em casa, para cuidar. E os talvez apenas se multiplicaram ao olhar para as calças, vendo nos fios não apenas os onze mil litros de água utilizados¹¹, mas também os trabalhadores em sweatshops¹² e os prédios dessas sweatshops que, pela falta de investimentos para manter o preço competitivo, desabaram em Bangladesh, matando centenas. E os talvez se voltaram contra mim: talvez fosse o ambiente claustrofóbico, talvez fossem os dias de pouco sono ou talvez a empatia agressiva a me encontrar numa loja de roupas. Independente, comecei a chorar.

Sentei e planejei minhas próximas ações para negar cada peça, dizer que não serviram ou não gostei ou qualquer coisa sem os olhos vermelhos e o nariz escorrendo

¹⁰ The True Cost. Direção: Andrew Morgan. Fotografia: Andrew Morgan. Life Is My Movie Entertainment Company e Untold Creative, 2015. Disponível em: <<https://truecostmovie.com/>> e em <<http://goo.gl/ahCbUi>>, no Netflix. Acesso em: 10 dez. 2017.

¹¹ *Ibidem*.

¹² Oficinas de costura com situações de trabalho longe do ideal, beirando o trabalho escravo ou atravessando essa fronteira.

para sair dali sem que minha mãe notasse. Desde então, tenho comprado roupas em brechós e encomendado com costureiras. Ainda não sei o que farei ao precisar de um par de tênis ou em relação aos tecidos que compro, com trabalho escravo e agrotóxicos envolvidos na produção, como todo tecido.

Esse foi um dos efeitos colaterais causados pela pesquisa para a produção do romance, não apenas do tema distopia em si, mas dos alicerces da realidade ficcional, dessa busca pelo lobby escondido em tantas relações entre empresas e governo. Pois apesar disso estar em todos os noticiários de dois mil e dezesseis e dois mil e dezessete, aparecendo sob a forma de reportagens sobre a Operação Lava-Jato e a Operação Carne Fraca, aí está apenas a ponta do iceberg, uma vez que as operações tocam apenas as relações entre governo e indústria petroleira e produtora de carne, tendo ainda as relações com os bancos, mídia, igrejas, agronegócio e tantas outras a serem chafurdadas.

Ao estudar esse universo dos acordos ocultos, minhas janelas fechadas para o som de painéis batendo, tive a sensação de sentir os fios invisíveis a puxar cada um, definindo nossos reflexos e como nos vemos.

A capital do nosso país foi criada para a movimentação de carros e não de gente, afastada do povo, dificultando o contato entre poder e população. Enterramos nossos trilhos para que as montadoras de caminhões e produtores de gasolina e diesel tivessem demanda no país - apenas duas das características do lobby do petróleo que me vem à cabeça agora. Apenas algumas dentre tantas que desenharam o país. Apenas algumas dentre tantas do petróleo, quantas áreas mais por aí?

Tudo é jogo de interesses entre quem tem poder, os Senhores da Humanidade, como diz Chomsky ao citar Adam Smith, e o cidadão fora do jogo é arrastado de um lado para o outro conforme a maré de poder muda, carregado pelas ondas de influência das empresas e convencido, através da propaganda, que possui algum poder ao optar por uma marca ou outra. Ao falar sobre a relação entre CPFs e CNPJs, Chomsky escreve que "eles [negócios comerciais] não são um simples grupo de pressão, eles são o supremo interesse da nação. Por isso, claro, estão autorizados a ter seus próprios lobistas, financiar campanhas eleitorais, aparelhar o executivo, tomar decisões - tudo bem -, mas são os demais, os grupos

de pressão, a população em geral, que precisa ser subjugada"¹³. Em meio à competição do mercado, o ser humano é um brinquedo, um peão que acredita não seguir ordens por poder escolher quais ordens seguir, sob vários reis ao invés de um só, uma ditadura de múltiplos tiranos cujo poder move-se livremente em forma de capital, espécie de absolutismo que, ao planejar esse universo ficcional, optei por chamar de Ditadura Líquida.

A Ditadura Líquida, numa clara aproximação à Modernidade Líquida, de Bauman¹⁴, foi como caracterizei esse mundo para mim mesmo, uma realidade em que os CEOs¹⁵ das empresas do mundo e os donos de tais companhias tem mais poder que presidentes e chefes religiosos, em que vale mais uma Black Friday que um Natal, se é que ainda podemos diferenciar as duas datas em algo além do Papai Noel, um dos maiores lobistas do consumo.

Segundo Kopp, "utopias ou distopias são projetadas e imaginadas a partir dos desencantos do autor com o mundo que o cerca"¹⁶. Assim, detectando isso previamente na tradição distópica através da crítica ao controle estatal de George Orwell¹⁷ e a denúncia dos males do fordismo por Aldous Huxley¹⁸, coloquei meu pessimismo para arquitetar e deixei as décadas passarem sob um domínio corporativo em que o lobby não fosse apenas aceito, mas realizado às claras, com uma liberdade por parte das empresas que nenhum ser humano sonharia possuir. Imaginei "o futuro como um tempo no qual as coisas se tornariam piores"¹⁹, separando definitivamente essa realidade de uma possível utopia - sob o meu ponto de vista atual, ao menos.

Tendo o pano de fundo, veio a questão: nessa realidade, por que a arte é proibida?

Não que tal motivo tenha sido apresentado em Fumaça vermelha hematoma, mas é perceptível no modo como a propaganda está em todo lugar e no tratamento da arte ilegal, como birra de quem quer se fazer ouvir. Contudo, era importante ter claro para mim o que levou a essa proibição, tornando não apenas a arte motivo de cadeia, mas também

¹³ CHOMSKY, Noam. Obra citada. P. 39.

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

¹⁵ Chief Executive Officer, ou Diretor Executivo, em português.

¹⁶ KOPP, Rudinei. Quando o futuro morreu? Mídia e sociedade na literatura distópica de Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. P. 70.

¹⁷ ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁸ HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. São Paulo: Globo, 2014.

¹⁹ KOPP, Rudinei. Obra citada. P. 17.

transformando o artista num sujeito perigoso, que se sente inseguro com o mundo e responde com violência. Da mesma forma que o vendedor de maconha um dia foi um hippie que vivia das coisas que a terra dá e hoje é um ser humano armado e violento, o artista seria influenciado pelo tratamento da polícia e pelo estigma da sociedade.

Os motivos para as empresas buscarem a proibição são os mais simples: cabresto ideológico, proteção ao sistema vigente e às produtoras de entretenimento - diminuindo a concorrência. Para a população, contudo, outra desculpa seria necessária, sendo essa a de que a arte pode levar a pontos de vista perigosos, ineficientes em nossa sociedade positivista e de consumo, espalhando ideologias como se fossem doença. Motivo visível hoje em dia, aliás, pois um medo constante por parte da ultra-direita tem sido o da doutrinação, tanto em salas de aula quando em exposições de arte, havendo, inclusive, a criação - e dissolução - de um canal de denúncia²⁰ para tal bicho-papão pela Gazeta do Povo, maior - no sentido de tamanho - jornal curitibano da atualidade. Na realidade distópica, com o passar dos anos e a violência imposta sobre os movimentos artísticos, o motivo acaba por se tornar o fruto da proibição: artistas são pessoas violentas, fazem mal à sociedade e, por isso, devem ser contidos.

Por trás de tudo, porém, há outra motivação: o lucro. Não apenas o protecionismo empresarial, mas a própria guerra à arte traz capital para empresas e governo: gera emprego policial e midiático, cria demanda para advocacias e, especialmente, para o setor presidiário, seja ele terceirizado - como em Fumaça vermelho hematoma - ou governamental, criando oportunidades para desvio de verbas.

Em dois mil e quinze, ao arquitetar essa realidade distópica, me senti um pouco fora do prumo do mundo. Com Obama nos Estados Unidos e Dilma Rousseff no Brasil, apesar de longe da utopia, algumas melhorias sociais apontavam para um futuro otimista. Para mim, em Curitiba, foi a época em que os bares de rua abriram, dos coletivos alimentares, da moda slow fashion e dos eventos de valorização dos carrinheiros catadores de lixo reciclável, melhorias perceptíveis até em meu dia a dia classe média sem muito interesse

²⁰ Autor não especificado. "Gazeta do Povo tira do ar 'Monitor da Doutrinação'. Entenda por quê" (sic). Gazeta do Povo. 10 dez. 2017. Disponível em: <<http://goo.gl/6cfRxY>>. Acesso em 10 dez. 2017.

no panorama geral. Parecia que as coisas iam bem e o que eu planejava escrever não passaria de um medo infundado.

Aí veio dois mil e dezesseis com Michel Temer e Donald Trump, reflexo de um movimento ultraconservador que eu não havia percebido, tão fechado em meu mundinho.

Acredito que as reformas governamentais no Brasil sejam suficientes para apontar uma realidade por trás desse projeto ficcional. De repente, meu país escrevia a mesma distopia que eu, reduzindo os direitos do trabalhador e ampliando o período de contribuição para se alcançar uma aposentadoria. Não apenas a reforma trabalhista e a da previdência empurradas pelo governo interino apontam uma ditadura líquida, mas o comportamento da mídia que a aceita. Chomsky declara que os veículos de imprensa são "tão conformistas que chega a ser constrangedor"²¹, concordo. Em alguns momentos do mestrado, colegas e professores perguntaram porque a maior parte da população aceitaria passivamente a proibição da arte, e minha resposta nunca foi uma teoria, mas as manchetes jornalísticas, como a da Gazeta do Povo ao falar sobre a exposição Queermuseu, pelo Santander Cultural em Porto Alegre, e seu fechamento: através de um podcast, a Gazeta questiona se o que foi exposto é "arte ou pornografia pura e simples?"²².

A proibição da arte - ou a sua desvalorização - é uma característica que permeia romances e demais obras distópicas, como os livros queimados em Fahrenheit 451²³ ou a música substituída por arranjos matemáticos em Nós²⁴. Contudo, acredito que nessas obras a forma de controle nasce de uma visão pacífica demais. Não que atear fogo aos livros de uma biblioteca seja uma forma tranquila de lidar com o problema, mas é em comparação à guerra às drogas e à forma como ela transforma a realidade, criadora de áreas de pobreza e violência, estigmatizando minorias e tratando o que deveria ser caso de saúde como caso de polícia. Nessa mesma linha de raciocínio, posso dizer que transferi casos de estética e semiótica para a mão da polícia civil e militar brasileira.

²¹ CHOMSKY, Noam. Obra citada. P. 39.

²² CONSTANTINO, Rodrigo et al. Ideias #20. Santander Cultural: arte ou pornografia pura e simples? Gazeta do Povo, 19 set. 2017. Podcast. 58 min. Disponível em: <<http://goo.gl/Fop24P>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

²³ BRADBURY, Ray. Fahrenheit 451. São Paulo: Globo, 2012.

²⁴ ZAMIÁTIN, Ievguêni. Nós. São Paulo: Editora Aleph, 2017.

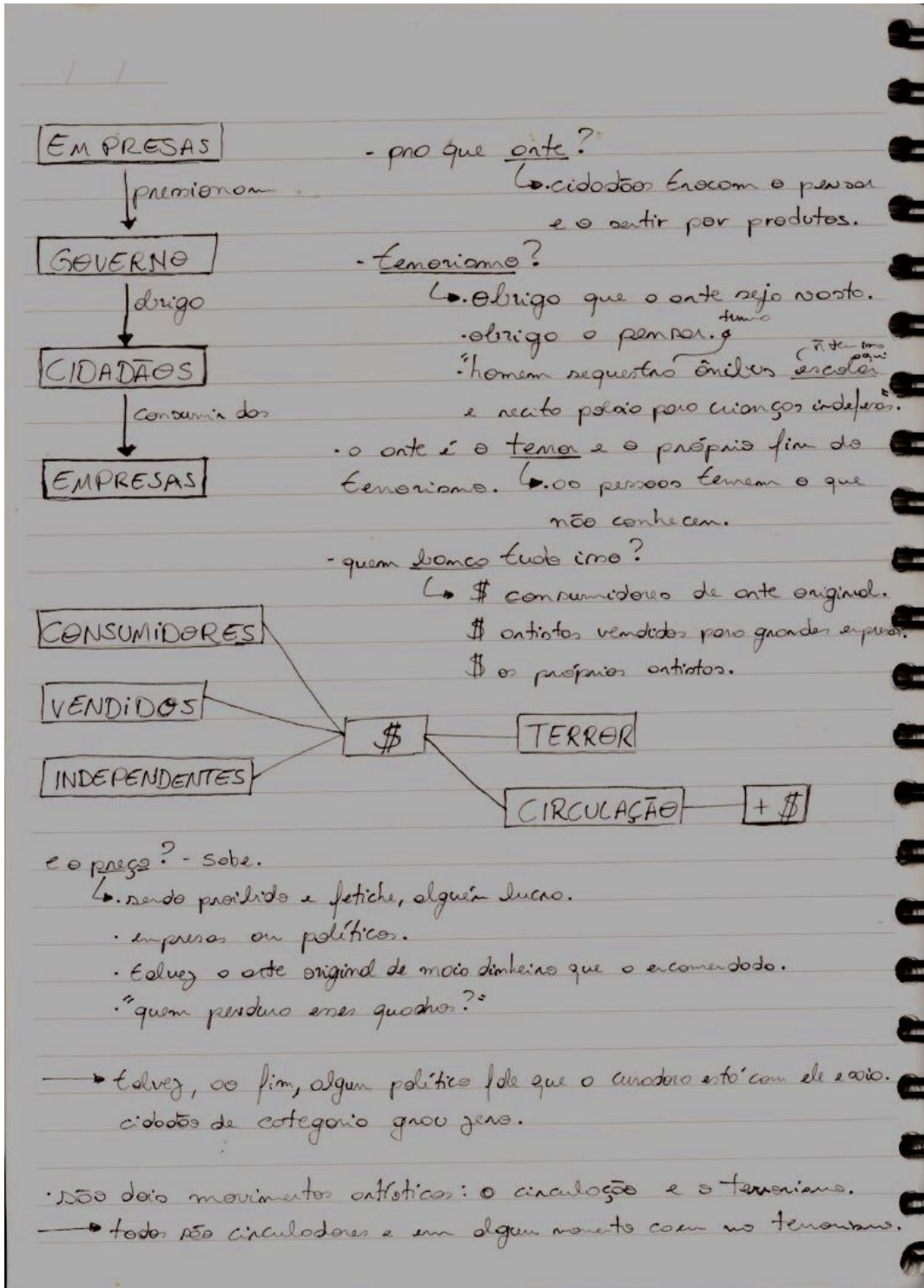


Figura 4. Primeiros rabiscos sobre o funcionamento da Ditadura Líquida e a sua relação com a arte.

Fonte: Arquivo Pessoal.

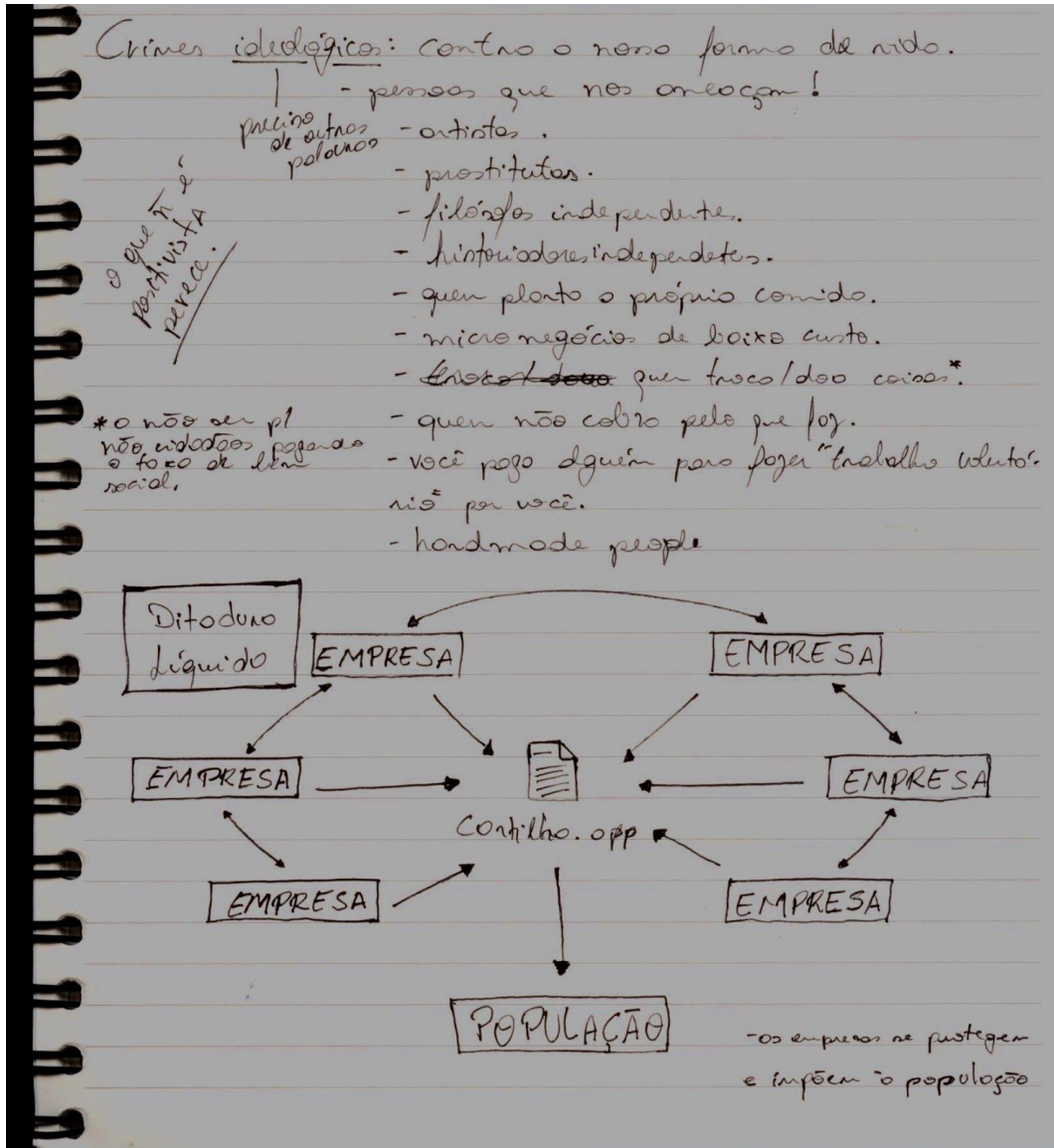


Figura 5. Rascunho das relações de crimes contra o sistema e das relações entre as empresas e o Código do Consumidor, ainda chamado de A Cartilha, em uma parte inicial do projeto. Fonte: Arquivo pessoal.

Nos rascunhos de criação dessa realidade, há não apenas a preocupação de como se desenvolve esse sistema de proibição, arte e capital, mas também quais seriam as demais consequências e formas de controle: no que a sociedade estaria tão atarefada para que não visse algo assim?

Não seria apenas a sobrevivência, essa traz insatisfação, inquietação, a base necessária para um levante. Marujos ocupados não fazem motim, e a ocupação não poderia

ser outra que não o consumo, especialmente no caso de Curitiba, descrita tantos anos atrás por Paulo Leminski como cidade classe média, comentando no ensaio *Culturitiba* que "A felicidade da classe média está aí: é o consumo"²⁵.

A Ditadura Líquida se faz, assim, não apenas com mão de ferro, mas também com luva de pelica, tapa no rosto e carícia nas bochechas, dois lados de uma mesma realidade - dependendo de quem você é e de como se comporta. Para os situacionistas de maio de 68, "O novo consumismo pode ser democrático assim como brincalhão, mas sempre apresenta a sua conta, e obriga que seja paga. A vida governada por uma cobiça sancionada não escapa da velha tirania de se ter que perdê-la para pagá-la"²⁶, se era assim décadas atrás, como apresentar um pós novo consumismo? Como chegar até essa criação ainda mais agressiva?

Seguindo a linha proposta, busquei um consumismo brincalhão, mas tirano. Divertido, mas que busca a obediência. E quem não o obedece, toma. E apesar de idealizar os artistas como os vilões da sociedade de Fumaça vermelho hematoma, outros também são arrastados ao estigma.

Se o ideal é dividir o capital do consumidor entre o maior número de empresas, não mais se incentiva a culinária, mas a comida congelada, franquias de fast food, restaurantes e snacks. O tomate não sai da fazenda e vai à mesa do consumidor, com o pagamento dividido apenas entre o agricultor, o frete e o mercado, mas vai também para a empresa que faz o molho, uma que faz a lasanha, outra que a embala, uma que revende, com múltiplas transportadoras em todo o processo.

Outra forma de pensar, talvez mais condizente com a realidade atual, seria a gastronomia como uma forma de alienação, o hobbie da culinária elevado à outra potência, pessoas comprando utensílios de cozinha, livros de receita, inspiradas em tantos realities como *Master Chef*. Contudo, preferi a versão de realidade em que se come mal, com muito sódio e pouco tempo, porque o que se espera desses consumidores não é que compartilhem momentos e refeições, mas que sejam isolados, sim, e que isso seja refletido em seus gastos, que aumentam.

²⁵ LEMINSKI, Paulo. Obra citada. P. 165.

²⁶ VANEIGEM, Raoul. *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Veneta, 2016. P. 13.

Seu dinheiro não é seu, é nosso - seria um slogan adequado para todo esse cenário.

Se for para caminhar, indo contra o lobby do automóvel e do transporte coletivo, que seja para conferir as vitrines das lojas e os quiosques de fast food. Estar na rua, sentado em um banco, sem consumir, é vagabundagem. Contemplar é uma palavra que não se usa mais, é um crime menor, mas caro, e não vale a pena gastar dinheiro ou passar tempo no presídio por algo tão pequeno como olhar o entorno. Assim seguem várias atividades: artesões, trabalhadores voluntários, pensadores e outros. Se não há troca de dinheiro, ou se é feita excluindo grandes empresas, é crime.

Como benefício para aqueles que aceitam as regras do jogo e a praticam, há o bom consumo: promoções, clubes de vantagens e ascensão na escala de compras. O Código do Consumidor, que um dia funcionou para dar direitos, passa a aplicar deveres, e se a pessoa respeitar a forma como deve consumir, ganhará pontos para evoluir sua categoria de consumo. Isso porque não há mais classe alta, média e baixa, substituída por um prisma mais óbvio, numeral, com metas delineadas para que os consumidores saibam de forma direta à qual pertencem e quanto falta para ascender ou descender. Assim, ao ficcionalizar uma separação de classes gamificada²⁷, a classe alta, média e baixa transformam-se em Categoria de Consumo 1, 2 e 3, respectivamente, mantendo a Categoria Zero para o 1% mais rico da população - aqueles que não apenas fogem às regras, mas as fazem - e a Categoria 4 para os penderes, criminosos, com débito financeiro ou de tempo de cadeia para cumprir. Os miseráveis, como moradores de rua, por não consumir, não são indicados nessa escala. A Categoria de Consumo influencia não apenas as vantagens de compras, mas também as formas como alguém é julgado pela justiça - algo já recorrente em nosso tempo, mas aqui tratado às claras.

Enquanto uma caça às bruxas se dá na pós-contemporaneidade, a maior parte da população se ocupa de suas compras com uma evolução mais objetiva. Nada tão diferente do nosso hoje, em que as palavras crescer e evoluir parecem ter o único significado de gastar mais, sem realmente pensar de onde o dinheiro vem, como ou para onde vai²⁸, até

²⁷ Que se aproxime das projeções de um jogo (game) e preveja benefícios.

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. P. 86.

mesmo macroscopicamente, ao calcular o valor de um país através do produto nacional bruto, usando a quantidade de dinheiro que troca de mãos²⁹ para calcular a qualidade de vida dos cidadãos.

Cidadãos, aliás, é uma palavra estranha no vocabulário de Fumaça vermelho hematoma, pois não mais existe um governo que pense nos cidadãos, mas sim nas empresas, transformando cada pessoa em uma troca comercial, "a massa de homens serve ao Estado não na qualidade de homens, mas como máquinas, com seus corpos"³⁰, corpos que consomem e geram lucro para grandes corporações. Sendo o ser humano o meio para o fim e não a finalidade do trabalho de um governo, o termo cidadão é aposentado, substituído por consumidor.

Durante o projeto, ao pensar na geração de consumo como maior finalidade e aplicar a maior quantidade de propaganda possível, minha formação em publicidade e os dez anos de trabalho em agências de propaganda me ajudaram - o que me chateava de vez em quando, descobrindo uma distopia de mim em meu passado.

Senti que a distopia trabalhada por meu eu de dois mil e quinze, dezesseis e dezessete é a utopia idealizada pelo meu eu de dois mil e sete, tento recém entrado na faculdade e buscando inserir marcas e serviços em tudo o que pudesse para crescer na carreira. Becker afirma que "os sonhos de alguns (a idealização social imaginada por determinado sujeito) podem ser os pesadelos de outros"³¹, concordo, mas faria um adendo: os sonhos de um podem ser os pesadelos daquela mesma pessoa, basta tempo.

Ao chegar à construção ficcional de uma realidade em que as empresas mandam e desmandam à vontade e as pessoas estão ocupadas demais consumindo para prestar atenção ao seu redor, torno possível o momento em que um policial persegue uma gangue de artistas.

Vem, então, a tarefa de narrar essa distopia.

²⁹ *Ibidem*. P. 87.

³⁰ THOREAU, Henry David. Obra citada. P. 10.

³¹ BECKER, Caroline Valada. Obra citada. P.12.

2. NARRANDO A DISTOPIA

Iniciei o mestrado em dois mil e dezesseis e até o mês de julho ou agosto tive dificuldades em entender quem me encarava pelo espelho. Ao mudar de Curitiba para Porto Alegre, não apenas mudava o mapa, mas também as pessoas, e de repente não havia mais família, amigos ou namorada, mas novos desconhecidos que viriam a ser importantes, significativos, mas completos estranhos naquele momento.

Não digo que foi o começo do tapa, não sei exatamente quando começou, se é que um tapa no rosto tenha data início ou fim. Naquele princípio em Porto Alegre, sem alguém conhecido com quem pudesse ser eu mesmo - ou o que imaginava ser eu mesmo -, faltavam reações para que pudesse sustentar a personalidade, um agravante devido ao meu lado político, pois prefiro não incomodar, me fazer ideal para conviver com cada pessoa, ampliando ou inibindo características próprias para que o interlocutor se sinta mais à vontade.

Tentando me fazer ideal para pessoas que eu nem conhecia, tateando no escuro e sem encontrar uma claridade para me descobrir - apesar da internet para mensagens e áudios com a antiga vida -, ainda sem saber do tapa que levava, não me reconhecia e seguia meus dias calado, mas não sou calado, sério, mas não me achava sério, e com um leve receio de encontrar pessoas, mesmo sem as conhecer, por não saber como me portar. Quem eu era em Curitiba ficou lá, no começo de dois mil e dezesseis, e quem eu viria a ser em Porto Alegre ainda não estava ali.

Para me encontrar nesse eu cujo rosto se moveu entre o começo de dois mil e quinze e o fim de dois mil e dezessete, sinto que sumi na metade de dois mil e dezesseis, e muito do que achava que seria o meu projeto e a minha trajetória no mestrado acabou sendo diferente, encontrando outras respostas para perguntas às quais nem sabia que fazia, respondidas não apenas por mim, mas pela dissertação.

E talvez por falta dessa âncora de mim mesmo, ao pensar em como gostaria de narrar a história, ao invés de focar no policial como personagem central, ou em primeira pessoa ou como único foco do narrador em terceira pessoa, preferi ampliar.

Havia a ideia de trabalhar uma linguagem diferente, misturar os estilos de narrativa e trazer mais da vida e estética de cada personagem, não para afrontar o que já é estabelecido, mas mostrar para mim mesmo o que eu poderia dentro da literatura. Deixaria meu narrador mais receptivo, diminuto em função de personagens que viriam apresentar seu dia a dia e dramas, conquistando mais espaço e influência na narrativa. Eu buscava em minha crise de personalidade uma outra forma de narrar, ainda inédita para mim.

Para trabalhar com essa mistura de vozes narrativas, apesar de idealizar um único narrador para todo o projeto, um narrador dinâmico que se adaptasse ao personagem, optei por trabalhar o maior número de vozes possíveis, dando sequência à história vivida por esse policial em perseguição, porém sem escrever apenas seu ponto de vista, especialmente por querer descobrir essa realidade à partir de outras perspectivas.

Já em uma das primeiras aulas do mestrado, em Tópicos de Literatura Comparada, ministrada pelo professor Ricardo Barberena, orientador desse projeto, houve um debate sobre o estudo da professora Regina Dalcastagnè³², da UnB, que apontava a (falta de) diversidade entre personagens e narradores no romance brasileiro contemporâneo. Estudo que viria ao encontro do que eu pretendia: uma escrita de múltiplas vozes, uma realidade por diversos ângulos.

Passei a colecionar pontos de vista desse possível universo, quebrando uma tradição das distopias clássicas, tão focadas em um personagem apenas como ferramenta para apresentar o cenário. Isso é visível em distopias já citadas nessa dissertação, como Guy Montag em Fahrenheit 451³³, D-503 em Nós³⁴ e Winston Smith em 1984³⁵. O mesmo acontece em outras distopias que usam apenas um anfitrião para apresentar o universo trabalhado: Leo Kall em Kalocaína³⁶, Offred em O Conto da Aia³⁷ e Rick Deckard em Androides Sonham com Ovelhas Elétricas³⁸? Por outro lado, em Admirável Mundo Novo³⁹,

³² DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 - 2004. In Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p.13-71.

³³ BRADBURY, Ray. Obra citada.

³⁴ ZAMYATIN, Yevgeny. Obra citada.

³⁵ ORWELL, George. Obra citada.

³⁶ BOYE, Karin. Kallocaína. Lisboa: Antígona, 2016.

³⁷ ATWOOD, Margaret. O Conto da Aia. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

³⁸ DICK, Philip K. São Paulo: Aleph, 2014.

³⁹ HUXLEY, Aldous. Obra citada.

Aldous Huxley apresenta outros pontos de referência ao de Bernard Marx, como O Selvagem que cresceu entre povos atrasados da América e é levado para Londres, contrapondo as noções ali apresentadas.

Há alguns livros que fazem uso de mais de um personagem para apresentar não apenas a distopia tratada, mas também a história que levou o mundo a ser como é, sendo esse o caso de Atlas de Nuvens⁴⁰, de David Mitchell, em que seis personagens narram acontecimentos através de cartas, diários, livros, entrevistas, entre outros, cada um em uma época, possuindo quatro capítulos distópicos, cada dois apresentando uma distopia diferente de um mesmo mundo, conforme a época em que a história se desenrola. Jennifer Egan abre outra proposta em A Visita Cruel do Tempo⁴¹ ao narrar a história de treze personagens, cada um com seu capítulo, alternando não apenas se em primeira ou terceira pessoa, mas também a forma como cada um conta a sua história, tendo um capítulo todo construído como uma apresentação de Power Point por ser o hobbie da personagem. Assim como no livro de Mitchell, Egan dá saltos no tempo, possuindo dois capítulos em momentos distópicos - à frente do tempo em que o livro foi escrito.

Ao saber que a história seria contada através de múltiplos personagens, tive de escolher quantos e quais seriam, e para não deixar essa escolha na mão do tempo, que não era muito em virtude da entrega do projeto, optei por fazer uma escolha objetiva, selecionando, além do policial, ao menos um artista relacionado com cada uma das sete artes. Além desses personagens, adicionei dois para fechar uma estrutura de três partes e também por sentir vontade de trabalhar suas individualidades, sendo um rapper e um humorista - que mais tarde foi substituído pelo ilustrador de histórias em quadrinhos. Já nos finais do projeto, o último capítulo também mudou de foco, resgatando um personagem do início.

Com essas escolhas feitas, busquei a ordem em que esses personagens apareceriam para contar a história desse mundo distópico e do policial que os seguia.

⁴⁰ MITCHELL, David. Atlas de Nuvens. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

⁴¹ EGAN, Jennifer. A Visita Cruel do Tempo. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2013.

2.1 ESTRUTURA

Eu nunca tinha escrito uma narrativa com mais de cinquenta páginas, nem nada com múltiplos focos narrativos, e antes de começar a escrever, busquei estruturar ao máximo o que seria produzido durante as aulas de Teoria do Romance, com o professor Luiz Antônio de Assis Brasil, as quais realizei como ouvinte. Como alguns elementos do romance fugiam ao trabalhado em sala de aula, nesse momento preferi recorrer à segurança dos três atos desenvolvidos sobre a trajetória do policial, já nomeado Diego Valla, e usando os personagens artistas para criar uma progressão de violência, fazendo com que cada parte começasse com um capítulo mais brando e fosse num crescendo de violência física ou psicológica, levando à corrupção de Diego Valla pela arte.

Contudo, diferente do método Assis Brasil passado em sala de aula, não consegui trazer para meu dia a dia a rotina da criação literária, do escrever a história em si, também por conta das matérias estudadas no mestrado. Assim, apesar de adotar o método do professor para a estruturação do romance, me senti mais em sintonia com o método de Elvira Vigna, escritora por quem guardo a mais alta das estimas. Em sua visita ao Delfos, na PUCRS, ao falar com os estudantes de escrita criativa e outras áreas de concentração, Vigna defendeu um trabalho de intensidade, revelando ser uma escritora de árdua pesquisa, mas de planejamento reduzido, preferindo condensar todo um ano de poucas horas de escrita ao dia em um mês intenso de escrita, levando uma mochila consigo para um local que tenha relação com a história. Como exemplo, citou o processo de *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*⁴² em que, durante um mês, morou num hotel simples em que alguns dos hospedados eram prostitutas e seus clientes.

Na intercessão entre o método de Vigna e Assis Brasil, encontrei o que para *Fumaça vermelho hematoma* funcionou como minha forma de trabalhar: a criação de um roteiro de percurso apenas para não segui-lo durante a travessia.

Esse roteiro, contudo, mesmo que para ser alterado mais tarde, não veio fácil, e passei por dez possibilidades para encontrar a primeira opção a ser trabalhada.

⁴² VIGNA, Elvira. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

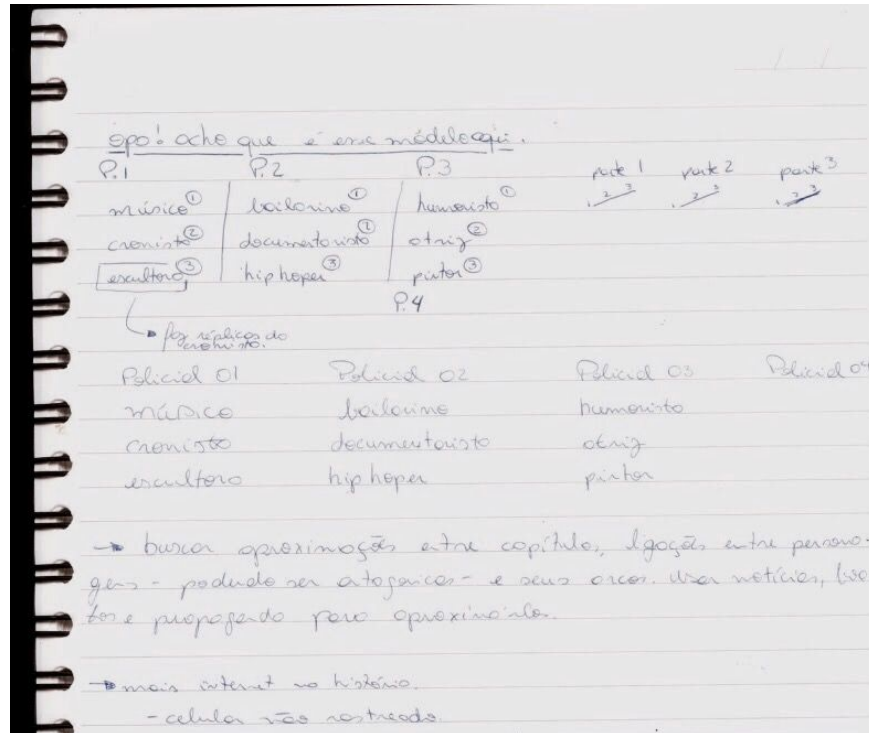


Figura 8. Versão mais próxima da final, ainda havendo trocado o humorista pelo quadrinista e substituído o último capítulo de Diego Valla por um de Bernardo. Fonte: Arquivo pessoal.

Tendo um guia de como se dariam os eventos e qual personagem o narrador seguiria em cada momento da história, passei a buscar uma rede de causa e consequência entre as etapas para que nenhum capítulo ficasse solto, nascendo de lugar algum ou levando à nada, fazendo com que toda a cadeia de acontecimentos tivesse origem no momento em que Diego Valla é promovido à 3º Sargento, o que o leva à busca por mais uma promoção até o galpão, originando os conflitos.

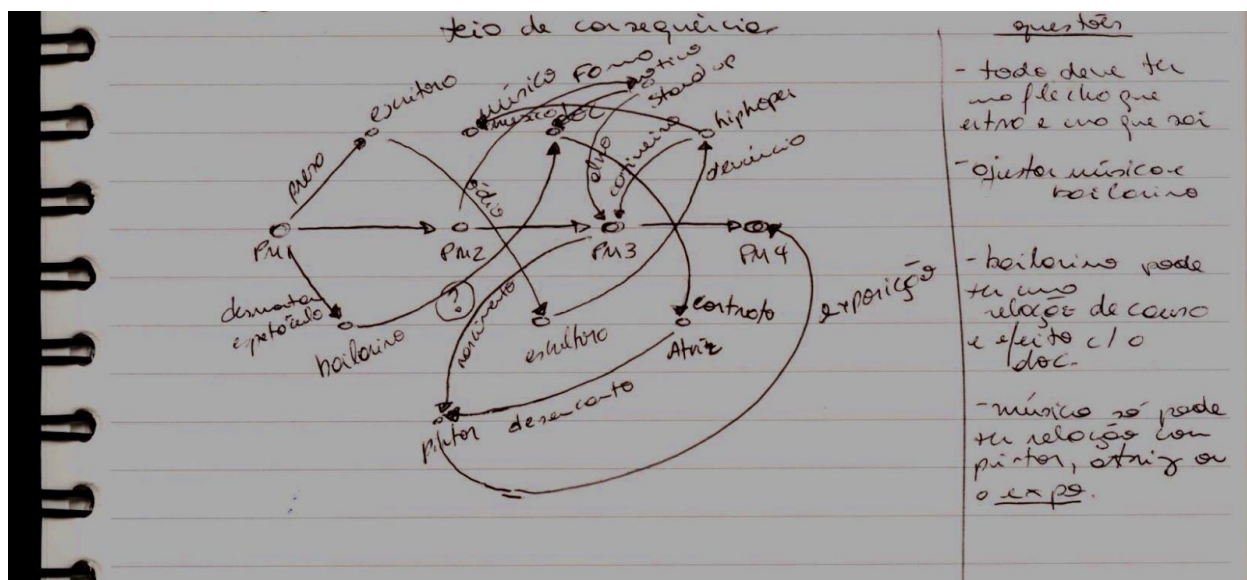


Figura 9. Primeiro rascunho da cadeia de acontecimentos. Fonte: Arquivo Pessoal.

Os passos descritos até aqui, o histórico de criação da distopia, a definição de personagens e eventos, aconteceram durante o primeiro ano do mestrado, em dois mil e dezesseis, e se prolongaram em alguns meses de dois mil e dezessete. Quando finalmente sentei para escrever o romance, não apenas tinha uma ideia estruturada de o que era o projeto, mas também de quem eu estava me tornando. Com a crise de personalidade já minimizada, outro eu voltou daquele ponto de interrogação, tendo o tapa feito grande parte do seu efeito.

Essa foi a época do choro no provador, da qualificação, de finalmente transformar ideias conceituais em caracteres em uma página.

2.2 NARRADOR E PERSONAGENS

No início do mestrado, eu chamava a ideia de misturar a escrita literária com a linguagem artística de cada personagem de escrita híbrida. Contudo, ao trabalhar não apenas a história, mas o conceito, e entender que, para mim, se trata de um narrador que se aproxima da minha pessoa no que diz respeito ao lado político, a ideia de hibridismo não me parecia ideal para o processo. Pois ao dizer que essa é uma linguagem híbrida, eu aceito

que um tipo específico de escrita é mais literária que as outras - que a utilizada por mim, inclusive.

Ao preferir o caminho de uma escrita cuja qual nem eu sei as regras, adaptando-a a cada capítulo e personagem, fugindo do que poderíamos chamar de convencional, me aproximo do discurso libertário de Leminski no que diz respeito às formas de escrever, uma vez que esse normal vem de norma, e norma vem de lei e poder⁴³. Para quem a arte abaixa a cabeça quando aceita ser feita sempre da mesma maneira?

O discurso naturalista e o realista, tão populares entre leitores e frequentadores de oficinas de escrita criativa, correspondem a duas dentre tantas formas de escrever. Mesmo entre um mesmo estilo literário, há várias formas de fazê-lo. Porém, essa forma enxuta de escrever, rebaixando adjetivos e suprimindo personagens, o narrador com uma voz praticamente jornalística, parece buscar ser o estilo literário absoluto. Contudo, não acredito que seja tão difícil refutar essa lógica, bastando ler os que fogem às regras e, se possível, me aproximar deles em minha escrita.

Assim, o narrador de Fumaça vermelho hematoma tem uma liberdade sua para ser reformulado a cada capítulo, conforme o personagem que acompanha. Apesar de narrado na terceira pessoa, é o personagem que delimita não apenas as palavras usadas, mas a forma como o texto é construído. Um correspondente de escolha parecida, apesar de narrado em primeira pessoa, seria o romance distópico Laranja Mecânica⁴⁴, de Anthony Burgess, em que as gírias do personagem Alex não são explicadas na versão original, levando o leitor à confusão que teria se conversasse com um adolescente de outra época. Em outras edições, adicionaram um glossário com o significado de cada expressão.

De certa forma, o narrador de Fumaça vermelho hematoma se aproxima de algumas escolas de cinema em que, ao explodir uma bomba, a cena fica com um chiado no fundo, ou quando o personagem de um filme usa algum entorpecente e a imagem fica fora de foco, mais lenta. Da mesma forma que o personagem do filme e seu estado influenciam a recepção da câmera, os personagens do romance corrompem o narrador, um camaleão a ser pintado com as cores de cada foco narrativo.

⁴³ LEMINSKI, Paulo. Obra citada. P. 102.

⁴⁴ BURGESS, Anthony. Laranja Mecânica. São Paulo: Aleph, 2014.

2.2.1 DIEGO VALLA

Diego Valla é o personagem com mais páginas, e por isso é o que demonstraria mais oportunidades para se desenvolver e ter a sua identidade aprofundada, mas não acredito que seja o que ocorra. Assim, vive como em uma sequência de encontros que não se desenvolvem, desapegado de todos eles, sem a paciência para criar uma base sólida além de sua carreira e conta bancária. Sua identidade, então, passa a ser determinada pelo cargo e pela quantia disponível no banco, pelas marcas que consome, apostando nessas características para se comunicar, sem saber como o fazer fora delas. Ao levar uma mulher para um motel, Diego pede pela suíte sensitive, achando que será o bastante para mostrar o tipo de sexo pelo qual anseia, sem saber como mostrar sua individualidade quando não acontece, transando como é a preferência de Valéria, um sexo violento e cheio de fetiches, que o personagem vê, inclusive, como hora extra.

Diego é um produto da modernidade líquida, coisas vem e vão, assim como pessoas, e para que se apegar demais ao que não deu certo, ou tentar evoluir uma relação, até consigo mesmo. Leva a vida de uma forma positivista dividida entre conquistas alcançadas no trabalho e nas finanças e no que elas trarão para si. E a cada vez que ascende e não é aceito ou entendido, acredita que não ocupa o degrau correto em sua evolução, precisando subir ainda mais.

Diego também exemplifica o orgulho masculino em sua relação com as mulheres, uma vontade de não ser cuidado com medo da subjugação visível em seu pai, e assim acaba se afastando e não sabendo se comunicar com pessoas do sexo oposto. Apenas quando possui a oportunidade de cuidar de sua mãe, e não o contrário, Diego busca a presença materna.

Quando sequestrado, em um local fechado e sem acesso à internet para que possa comprar, sente a necessidade de se expressar por algo que não o consumo ou o trabalho.

Em seus momentos como policial e celebridade, Diego Valla possui uma escrita fragmentada, que vai e volta no tempo, ora no presente, ora em suas lembranças. No

capítulo um, essa construção parece estar ligada ao fato de que Diego Valla sofreu um acidente e está com dificuldade em lembrar a história em torno do mesmo. Contudo, essa escrita prossegue nos outros capítulos, apontando o fato de que Diego é, em si, uma pessoa fragmentada, alguém que não consegue juntar as peças para entender a própria existência.

A forma como os capítulos policiais de Diego são narrados foram inspiradas em Como se estivéssemos em palimpsesto de putas⁴⁵, de Elvira Vigna, em que a narradora, ao lembrar-se de momentos com João, o protagonista, não consegue ordená-los, ligá-los por um fio narrativo, especialmente por não saber diferenciar o que aconteceu antes ou depois, um palimpsesto de momentos sem importância.

Além disso, há também a necessidade do narrador em apontar marcas e modelos de produtos, que é a forma como o personagem vê o mundo, buscando saber quem ganha mais ou menos e quem compete com ele no que diz respeito ao consumo.

2.2.2 LÍVIA MAESTRI

Lívia é a antítese de Diego Valla, vive a sua contemporaneidade, mas não a aceita. Para Lívia, o mundo ideal é o do passado, o nosso, em que as marcas não tinham tanto peso e a propaganda possuía lugares para acontecer. Ou, ao menos, é assim que acredita ser o passado. É uma idealista que não sabe o peso ou a dor do tapa que dá em si mesma, fazendo da ficção literária a sua porta de saída daquele mundo, sabendo o nome das ruas de acordo com seus patrocinadores, mas também o nome anterior, o das homenagens.

De cabeça inquieta, Lívia apresenta uma Curitiba distópica ao leitor enquanto lida com um problema pessoal: o possível término de seu relacionamento. Ao colocar lado a lado ruas de múltiplos nomes e a namorada, de múltiplas faces, Lívia pensa em si como um resultado dessa relação, sem saber se é o que quer.

Contudo, apesar do momento de crise de personalidade, Lívia costura esses acontecimentos uns nos outros e, por isso, sua narrativa não é fragmentada, mas fluída

⁴⁵ VIGNA, Elvira. Obra citada.

como um passeio pela cidade, trazendo o lado cronista da personagem para o romance distópico.

Leitora de García Márquez e outros autores do realismo fantástico latino-americano, a cabeça de Lívia dá vazão ao seu mundo mágico para sobreviver à contemporaneidade. Assim, o que seria impensado em textos realistas ganha espaço no discurso de Lívia através das fadas, representantes de seus pensamentos e angústias, mesmo que apenas como uma alegoria, não existindo de fato, fazendo sentido apenas para a cronista em sua caminhada atrás de si.

2.2.3 LIANA

Liana se equilibra entre duas vidas, uma artística e uma profissional, e busca afirmar quem é nos dois casos, ainda se recuperando de problemas em sua vida pessoal, a qual parece ter sido anulada nos últimos anos. Assim, os dois lados de sua história são narrados ao mesmo tempo, um no presente e outro no passado, quase como uma rima, um eco, com frases semelhantes e construções que poderiam ser usadas tanto de um lado quanto do outro, quando a narrativa se torna uma linha só.

As duas colunas de texto de Liana simbolizam não apenas os dois tecidos que descem do teto, usados pela acrobata praticante de aerial silk⁴⁶, mas também a relação de causa e consequência que há entre a música e a dança. As duas histórias possuem um desfecho parecido, de desafio, em que a atitude tomada em relação a um problema também pode ser usada em relação a outro, quando Liana resolve bater de frente com os obstáculos em seu caminho. Uma história é fruto da outra, o presente só existe por causa do passado, e ambos são as prisões na qual Liana desenvolve o seu agora.

2.2.4 JORDANA SALLES

Da primeira parte do romance, que vai do capítulo um ao quatro, Jordana é o auge

⁴⁶ Estilo de dança em que o dançarino usa dois tecidos para se içar, tirando os pés do chão. Muito comum em apresentações circenses.

da violência. A personagem, escultora, foi desenvolvida pela mão da polícia e do governo, se tornando cada vez mais fechada e perigosa conforme era antagonizada pelas instituições repressoras. Apenas ao namorar Lívia e morar com a escritora por alguns anos, Jordana se fez tranquila, menos reagente, adotando uma postura de medo e paranoia por não estar mais em movimento, fugindo, mas em repouso, no que poderia ser uma armadilha.

A história de Jordana e Lívia é a de troca de personalidade, com uma buscando o oposto de si na outra, fazendo a trajetória contrária, Lívia ascendendo na direção de uma arte criminosa e emocionante enquanto Jordana busca o conforto de um abrigo. Lívia esperava uma Jordana emocionante. Jordana esperava uma Lívia tranquila. Ao fim uma concorda com a outra, ao menos por um momento.

A prisão da namorada talha Jordana novamente, arrancando a terrorista artística de dentro da dona de casa temerosa. A narrativa de Jordana se dá da mesma forma, havendo um primeiro momento de fuga e criação e um segundo de ação criminosa. O segundo momento só é possível graças ao primeiro, causa e consequência, assim como no capítulo de Liana, mas essa feita através da violência de um formão indo contra o texto, tirando as palavras que estão no caminho para contar o ato terrorista praticado.

A forma de narrar esse capítulo surgiu de uma frase do livro de Cecilia A. Salles⁴⁷ em que um escultor de ursos explica seu método: tirar da madeira tudo o que não é urso. Assim, dividindo o texto em duas partes, foi tirada da parte um tudo o que não era a parte dois.

No que diz respeito à personagem, e não à narração, Jordana Salles é a que mais se aproxima dos Provos⁴⁸, movimento anarquista de terroristas poéticos que existiu em Amsterdã nos anos sessenta, estudo importante para a construção de alguns personagens de Fumaça vermelho hematoma, como a escultora citada, a documentarista Laura e a atriz Nita. Com exceção da proibição da arte, a realidade dos Provos se relaciona em muitos pontos com a do romance escrito.

⁴⁷ SALLES, Cecilia Almeida. Gesto Inacabado: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP - Annablume, 2004. P. 91.

⁴⁸ GUARNACCIA, Matteo. Provos: Amsterdã e o nascimento da contracultura. São Paulo: Veneta, 2015.

2.2.5 EDUARDO MARACAIBO BANDA

Ao invés de trabalhar um artista, no capítulo seis optei por uma banda para falar sobre a criação não apenas como um processo individual, mas coletivo, e a necessidade de trabalhar diferentes vozes e egos, a tentativa de equilibrar cabeças e percepções para que, no final, a arte pareça algo único e não fragmentado pelas intenções de diferentes artistas.

O capítulo seis funciona como um micro romance dentro do romance, com cada pessoa envolvida no projeto possuindo uma fala específica, sua própria forma de narrar, relacionada não apenas com a música, mas com o seu instrumento. Além disso, a função narrativa de cada personagem também se relaciona com o enredo da história, onde o baterista dita o ritmo, o guitarrista sente a melodia, o baixista faz a ligação entre os dois e o vocalista expressa a interioridade através de palavras.

Uma personagem do capítulo três retorna e faz o papel de crítica, de fã, de ouvinte, inspirando-se a tomar alguma atitude ao entrar em contato com os músicos.

2.2.6 GISELO

Em uma realidade em que moradores de rua são tão constantes que a palavra foi adaptada para dar menos trabalho ao falar, senti que seria inverossímil trabalhar apenas as Categorias de Consumo de 1 a 4, deixando de fora os menos afortunados, como dizem os discursos na grande mídia, e que ao menos um de meus personagens deveria ser um morarrua. No início, ao idealizar um personagem rapper, o imaginava mais um classe média, Categoria de Consumo 2, lutando para manter a sua individualidade em meio a empresas e boletos e salários. Contudo, ao me aproximar do capítulo em questão e passar dias ouvindo rap, o personagem se aproximou da questão dos moradores de rua. Talvez tenha me doído tirar o rap da periferia, passá-lo para uma classe mais bem colocada e não nas mãos de quem o usa para se expressar, a minoria contra a maioria surda.

Ao adaptar a escrita para se aproximar do rap, veio a dificuldade de escolher qual rap seria usado como base, uma vez que existem diversas formas de se escrever e declamar

rap. Tive o slam literário⁴⁹ como referência e a poesia de Marília Garcia⁵⁰, a qual havia lido e estudado meses antes, mas a maior influência no capítulo de Giselo, acredito eu, foram duas músicas do rapper Rincon Sapiência, da zona leste de São Paulo. Nas músicas Ponta de Lança⁵¹ e Linhas de Soco⁵², Rincon cria uma espécie de rima livre, sem métrica, cujos sons vão se repetindo por toda a letra, com rimas que vão e voltam conforme a necessidade do rimador, no começo, meio ou fim das frases, contrastando com a maior parte dos raps que usam apenas a sonoridade do fim para efetuar a rima.

A maior dificuldade pessoal foi conseguir condensar a história em poucas frases, diferente da prosa a qual estou acostumado, com a possibilidade de seguir por linhas e mais linhas para narrar uma cena ou pensamento.

2.2.7 LAURA

Laura é classe alta, Categoria de Consumo 1 e filha de um médico cirurgião plástico. Se aproximou da produção audiovisual de documentários em busca de uma possível verdade, acreditando que toda a sua vida é baseada em farsas de privilégio e imagens. Contudo, no momento da vida em que está quando aparece em Fumaça vermelho hematoma, compreende que também o documentário é uma forma de inverdade, descobrindo não apenas isso, mas que possui talento para tal, aproximando-se de seu pai e da vida que havia deixado para trás.

A história de Laura é contada através de um roteiro, aproximando-se da forma como a personagem vê o mundo, vendo locações e não espaços, descrições de ações e não momentos. Ao montar a mentira necessária para a captura de Diego Valla, Laura não mede esforços, ataca os comparsas e quebra a própria casa, sem saber se o que faz - suas atitudes

⁴⁹ Forma de sarau popular na periferia em que a poesia é apresentada em forma de combate, uma espécie de batalha de versos.

⁵⁰ GARCIA, Marília. *Câmera Lenta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁵¹ SAPIÊNCIA, Rincon. *Ponta de Lança*. Por Rincon Sapiência. Álbum Galanga Livre. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017.

⁵² SAPIÊNCIA, Rincon. *Linhas de Soco*. Por Rincon Sapiência. Álbum SP Gueto BR. São Paulo: Boa Fria Produções, 2014.

de violência - é a farsa em si, ou se a grande mentira é aquela que destrói, o apartamento ordenado e a vida bem estruturada.

Esses pensamentos, contudo, não são acessíveis ao leitor, que apenas pode olhar para a trama visível, para imagem e som, como em um filme. Preferi não adicionar um narrador ou uma voz em off dos pensamentos de Laura no roteiro para não trapacear no jogo proposto, e essa história interna da personagem deve ser entendida pelo que se passa em seu exterior.

2.2.8 BRUNO FARIA

Bruno Faria, o adolescente desenhista de histórias em quadrinhos, foi o último personagem a ser descoberto. Seu capítulo era destinado a um humorista, o qual serviria para mostrar um lado mais positivista da arte, alguém que virou as costas para a arte ilegal e foi adotado pelas grandes produtoras de entretenimento. Porém, conforme a cena de abertura do romance ganhou corpo, com a briga entre Diego Valla e Sérgio Faria, uma retomada desse momento parecia necessária, o que foi apontado pelo professor Paulo Ricardo Kralik Angelini, da PUCRS, durante a qualificação desse trabalho.

Contudo, colocar Diego Valla e Sérgio Faria em lados opostos e fazê-los adversários me pareceu uma tentativa de algo épico, algo por tantas e tantas vezes descrito em livros e filmes e músicas. Preferi passar o drama para frente e fazer com que o filho de Sérgio Faria tivesse não apenas de herdar o talento do pai, mas também suas consequências.

Ao optar por uma vida ideológica e pouco pragmática, Sérgio Faria cria o próprio filho e mantém a família num studio apertado, ideal para apenas uma pessoa. Bruno Faria, por isso, cresce em seu próprio quadrado, e a forma o persegue, o tornando cativo dela até mesmo em sua arte: as histórias em quadrinhos.

Para escrever o capítulo dez fiz uma pequena troca, retirando as imagens de dentro dos quadrinhos e os completando com texto, aproveitando as regras de leitura e a tradição da construção das histórias em quadrinhos para contar uma história sobre quem não quer pertencer ao pequeno quadrado, alguém que busca o próprio espaço.

2.2.9 NITA

Nita Guedes é uma atriz que utiliza O Método⁵³, uma forma particular de atuação em que o ator traz para si não apenas o comportamento do personagem, mas também sua forma de pensar e reagir, vestindo-se do personagem na maior parte do tempo possível, internalizando-o para que ele faça suas próprias escolhas e ações. Para saber como um ator se comporta durante o processo de imersão, assisti ao documentário⁵⁴ sobre a interpretação de Jim Carrey durante o filme *Man On The Moon*, durante o qual o ator se recusava a sair do personagem.

Nita é contratada para interpretar a Curadora devido suas semelhanças com a mãe de Diego Valla, para que tenha mais impacto ao entrar em conflito com o mesmo.

Vive uma vida pacata e de pequenas digressões para não ser pega, tanto que, ao escrever seu capítulo, optei por nenhuma intervenção visual, escrevendo-o todo em texto corrido, diferente de capítulos como o de Liana, Jordana Salles e Bruno Faria. Contudo, por baixo da normalidade de Nita, há um mundo de personagens que ela coloca para atuar quando necessário ou possível.

Assim, pelos olhos da atriz, o texto apresenta as pessoas conforme suas ações e formas de se relacionar, comunicar. Ao atuar, porém, o texto passa a ser revelado pelos olhos da Curadora, tendo uma visão mais fria da humanidade e vendo as pessoas não como se apresentam, mas pela utilidade sem seus objetivos.

2.2.10 DIEGO VALLA PINTOR

No capítulo do pintor, Diego Valla descobre um lado de si mesmo ao encontrar uma caixa de giz de cera ao lado da cama, pressionado pelos dias de cativo e por acreditar que sua mãe está morta. Nesse momento, não busquei uma escrita que se aproximasse das

⁵³ Chamado em inglês de Method Acting.

⁵⁴ *Jim & Andy: The Great Beyond - Featuring a Very Special Contractually Obligated Mention of Tony Clifton*. Direção: Chris Smith. Fotografia: Chris Smith. Netflix, 2017. Disponível em: <<http://goo.gl/HTgAiF>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

artes plásticas pois Diego não possui técnica, mas vontade e uma mensagem que deseja passar para frente. Optei por uma escrita apressada, levemente desconexa, que passasse a sensação de um desabafo não planejado.

Também inseri no fazer artístico de Diego os cinco estágios do luto⁵⁵, ultrapassados de forma apressada no capítulo através de seu simbolismo:

1. Negação: sobre a tela em branco - a parede que o faz lembrar-se da mãe -, o Pintor usa o giz cinza para fazer uma cortina de fumaça, como se pudesse ocultar o drama vivido ao tampar a cor que o invoca.

2. Raiva: conforme pinta a parede de cinza, seus movimentos se tornam mais rápidos e fortes, descontrolados, e Diego desconta a raiva sentida.

3. Negociação: quando perde a unha em virtude da violência, Diego reflete sobre os culpados e sobre quem castigar para responder pela perda, como se a vingança trouxesse algo para sua dor.

4. Depressão: quando aplica a cor vermelha, porém, sua velocidade cai, seu rancor diminui e sua mão traça um sangramento que sobe e desce e se mistura com os outros passos, confuso.

5. Aceitação: após o sangramento, a cicatrização, e tudo é colocado sob um roxo de casca de ferida, o próprio Diego indo descansar depois disso.

Nesse capítulo, busquei descrever um momento de crise de identidade, de descoberta, tentando não passar ao leitor sintomas de um possível enlouquecimento. Ao pintar uma parede, Diego ainda possui controle dos próprios pensamentos, ele passa por uma fase de descontrole se comparado com os momentos anteriores, mas não chega a desenvolver nenhuma doença mental.

O momento da pintura da parede é o ápice da violência psicológica do romance, quando esse policial, sem ter a quem recorrer, sem poder se comunicar, se entrega a uma forma de expressão desconhecida para si, além de proibida e até primitiva, se fizermos um paralelo com a pintura dos seres humanos das cavernas. Por outro lado, outra visão, não passa de uma criança riscando a parede da mãe.

⁵⁵ KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

2.2.11 BERNARDO

Encerrar o romance pelo ponto de vista não inspirado de Bernardo foi uma escolha perto do fim da escrita, não planejada, e durante todo o projeto o capítulo treze pertenceria a Diego Valla. Contudo, depois de escrever o capítulo doze, em que Diego descobre um artista em si mesmo, voltar a utilizá-lo como foco narrativo seria um movimento arriscado. Pois se escrevo o capítulo treze nos mesmos moldes do capítulo um, cinco e nove, significa que a pintura da parede de nada significou e que Diego segue vivendo da mesma forma de antes. Mas se escrevo de uma forma diferente, nova, através dela desmistifico a transformação da personagem e a torno mais palpável, objetiva.

Ao narrar o momento pelo ponto de vista de Bernardo, contudo, não apenas posso dar uma noção do que aconteceu com o personagem durante esse tempo em que nos preocupávamos com Diego Valla, mas também posso trabalhar a recepção da pintura de giz de cera. Assim, quando Bernardo reage a essa pintura, vemos que finalmente Diego Valla conseguiu comunicar algo seu para outra pessoa.

O capítulo funciona como um posfácio, dando uma espécie de fim à história de Valla enquanto todos outros personagens não tiveram a mesma oportunidade.

A escrita do capítulo é direta, próxima do realismo e não traz intervenções visuais relacionadas com a personalidade de Bernardo, a qual o leitor mal tem acesso, a não ser pelo grande ego sentido durante a narrativa. Bernardo está ali para realizar seu trabalho como policial e a escrita segue apenas o objetivo de informar.

2.3 PROPOSTA TRANSMÍDIA

A metáfora virada de mão sobre o meu rosto não foi total e, mesmo rotacionado alguns centímetros, vejo no projeto narrativo resquícios do eu anterior ao ano de dois mil e quinze, o eu publicitário.

Uma das intenções ao escolher personagens e produção de texto foi para possibilitar um segundo momento, pós escrita e pré publicação, em que a história alcance outra plataforma além das palavras. O que em agências de propaganda é chamado de criação 360 graus, multiplataforma, entre outros, a forma preferida das empresas de cercar o consumidor, colocando marca e produto em todos os lugares possíveis para que, ao olhar em qualquer direção, sintam-se acuado e forçado a realizar a compra.

Não é isso o que busco, mas sim uma forma de dar vida aos personagens e ao mundo distópico em outros meios, explorando outras possibilidades de sua própria criação.

Voltando ao mantra do começo de dois mil e quinze - conteúdo, linguagem ou forma -, depois do conteúdo tensionado pela distopia e a linguagem pelo narrador receptivo, a forma seguia sacralizada, o livro ainda sendo livro, o autor ainda sendo um autor, e a vontade de alterar isso de alguma forma que não apenas fizesse sentido à história, mas fosse exigida pela mesma, se materializou através de uma extensão digital e transmídia.

Dos treze capítulos, nove trazem artistas como foco narrativo, falando sobre suas relações com esse mundo em que a arte é proibida. Mas para falar sobre a relação com esse mundo, é preciso explorar o envolvimento de cada um com a arte e seu fazer artístico. Por que alguém se aventura em produzir um material artístico se a mesma produção pode levar essa pessoa à cadeia?

E, indo além, o que seria criado?

Algumas obras dos personagens são descritas no texto de Fumaça vermelho hematoma, mas os resultados fogem à literatura e poderiam ser apresentados através de som, imagem e movimentos. A criação de cada personagem poderia existir fora do livro, seja uma música de Giselo ou uma escultura de Jordana, a interioridade de cada um colocada para fora, ganhando um momento num sarau, exposição ou pela internet. Assim surgiu a ideia de corromper a forma e a autoria ao convidar diferentes artistas para criar algo como se fosse um dos personagens, emprestando seu talento e técnica para que cada um possa viver em outros territórios que não o do livro.

Para isso é necessário o texto final, ou uma escrita próxima desse ponto, o que só foi possível ao fim do mestrado. Mas o projeto de pluralizar a criação e torná-la disponível

online, através de um site de buscas que pertenceria ao Fundo Ilegal de Correria e Artes⁵⁶, e offline, através de eventos e exposições, teve um caráter determinante na escrita do romance.

A personagem Liana, por exemplo, era a princípio uma dançarina de música contemporânea, sem ligação com aerial silk ou o circo. Mas ao buscar as pessoas com quem me relaciono e cuja arte eu admiro, me aproximei da técnica do aerial silk por ser praticada por uma amiga de Curitiba com quem conversei tantas vezes sobre o projeto. Assim, ao tornar Liana uma acrobata ao invés de uma dançarina de salão, me aproximo da arte de quem conheço e gostaria que emprestasse vida à personagem.

Algo parecido ocorreu com Bruno Faria, o quadrinista, e com a Eduardo Maracaibo Banda, trazendo alguns elementos do meu círculo de relações para os personagens. Talvez a Eduardo Maracaibo não fosse uma banda de rock se não houvesse a intenção transmídia. Talvez o quadrinista fosse um ilustrador livre, e não um desenhista de histórias em quadrinhos, plano antigo de um ilustrador que admiro muito.

Assim, a criação se torna coletiva e se aproxima do dia a dia de uma agência de propaganda em que o trabalho acontece em duplas com um redator - meu antigo cargo - e um diretor de arte. Gosto da perspectiva do trabalho envolvendo mais pessoas, possibilitando uma maior fluência, e achei essas trocas positivas para a concepção do romance, sem atrapalhar a sua escrita, mas com certa adaptação.

Contudo, o romance sobrevive sem o site e as obras, fazendo com que elas venham ao seu encontro para construir e não para completar, sendo possível a leitura sem ou com as mesmas, conforme preferência de cada leitor, sem tirar do texto sua independência ou sentido.

Tal momento da criação ficcional, porém, só é possível após a concepção do texto, e apenas uma criação transmídia foi possível. Apesar do pouco tempo, uma criação transmídia foi possível: uma crônica que poderia ter sido escrita pela personagem Lívia Maestri, do capítulo dois. Aléxia Saraiva, amiga e jornalista da cidade de Curitiba, recebeu o capítulo de Lívia para ler e entender a personagem, seu momento, pelo que vinha passando

⁵⁶ Célula terrorista presente em Fumaça vermelho hematoma.

e no que acreditava. Baseado nisso, Alécia criou uma crônica que se passa nesse mundo, abrindo assim um processo de co autoria, esse universo literário não restrito mais apenas a minha criação.

A crônica escrita:

Domingo

O sol forte de dezembro nas cortinas me faz sair da letargia com gosto de sono. Boto um desses vestidos justos de malha que sempre colam nas curvas desfavoráveis do corpo e me junto ao coro de pessoas que só existem aos domingos.

O vagar pelo centro revela os tipos de gente que sustentam a cidade. Famílias voltam em bando da feira do Largo da Ordem, sacolas plásticas com flores de madeira coloridas; velhos assistem jogos de futebol em lanchonetes chinesas cheirando a cerveja e pastel; índios tocam flauta de pão na praça Zacarias. Personalidades que, meio pelo calor, meio por geração espontânea, nascem e morrem nesses dias, de diabretes bêbados a almas penadas - hoje foi vez das almas.

Tomo um café e observo uma criatura parada num ponto de ônibus na praça Carlos Gomes. É uma senhora velhinha com roupas de frio e braços cruzados, talvez tenha falecido durante o inverno. As orelhas ainda maiores do que é costume em idosos. Resmunga, mas é o trovão que levanta sua voz.

- Mas só faltava começar a chover, não vou chegar em casa, o ônibus vai tudo pingando. Não basta as baratas.

A calçada ainda reflete a luz do sol e era de esperar que sua experiência de pós vida a tivesse ensinado que não se diz que chove até chover, geralmente batendo ponto às seis da tarde.

Ela continua:

- Ninguém é de ninguém na cidade, esse centro parece coisa de interior, quem pode mais chora menos, cê não acha que essa é a lei aqui? - Pergunta pro coitado que, também no ponto, disfarça o medo com os fones de ouvido.

- Cê vai querer mais alguma coisa, meu anjo?

Volto com o súbito desprezo por ouvir essa expressão pela terceira ou quarta vez no dia. Não obrigada, deu por hoje.

Chega o ônibus, embarca a senhora e o outro cara. Ainda a ouço perguntar ao cobrador quanto tempo, afinal, o ônibus vai ficar parado ali, fazendo hora.

Finalmente começa a chuva diária do verão. O ônibus parte e outros fantasmas fogem pelos ralos. Deixam pra trás o eco dos seus rastros.

O vestido fica mais colado e não me importo. Amanhã, ninguém de domingo existe mais.

CONCLUSÃO

Considero que não há conclusão, ou ao menos não deveria, uma vez que um tapa não passa, fica na memória ou na pele, com os dedos delineados em vermelho. Isso se a mão não estiver ainda a me empurrar, a embalar minha cabeça no que diz respeito à visão de mundo e questões que foram sempre tão fáceis de me posicionar e não são mais, como comprar uma roupa, escrever um texto ou emitir uma opinião sobre o que gosto ou não. Esse mesmo tapa, contudo, me levou por um caminho diferente no pensar literário sobre meu próprio método, me incentivando a encontrar um fazer em que me vejo refletido não apenas por gostos literários, mas por tantas outras características. Esse é meu primeiro livro, a primeira produção com mais de quarenta páginas e, apesar das tantas escolhas narrativas que faria diferente se fosse escrevê-lo de novo, guardo para mim alguma admiração e carinho pelo próprio trabalho.

E se essa mão a dar o tapa, minha própria mão, faz minha cabeça girar no sentido anti horário, não é para dizer que me atrasa, me faz voltar atrás, mas mirar um outro lado, não esperado nem por mim, e dar dois passos para trás, uma poética do retrocesso - do ponto de vista positivista - e ver o que acontece sob outro olhar e valores para entender o lugar ao qual pertencço e quero pertencer, em que atuo e quero atuar, o tapa mudando a angulação com que os olhos observam o mundo, e cabe a mim aceitar o quão impossível é seguir igual depois disso.

Haverá muito o que escrever e reescrever e pensar e repensar e conclusão não me parece a palavra apropriada, ainda. Mas, se no fim esse projeto mexer ao menos comigo, uma pessoa eu consegui alcançar.

REFERÊNCIAS

Livros:

ATWOOD, Margaret. O Conto da Aia. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Jorge Luis. O aleph. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOYE, Karin. Kallocaina. Lisboa: Antígona, 2016.

BRADBURY, Ray. Fahrenheit 451. São Paulo: Globo, 2012.

BURGESS, Anthony. Laranja Mecânica. São Paulo: Aleph, 2014.

CHOMSKY, Noam. Réquiem para o sonho americano: os 10 princípios de concentração de riqueza & poder. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

DICK, Philip K. São Paulo: Aleph, 2014.

EGAN, Jennifer. A Visita Cruel do Tempo. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2013.

GARCIA, Marília. Câmera Lenta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GUARNACCIA, Matteo. Provos: Amsterdã e o nascimento da contracultura. São Paulo: Veneta, 2015.

HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. São Paulo: Globo, 2014.

KOPP, Rudinei. Quando o futuro morreu? Mídia e sociedade na literatura distópica de Zamyatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEMINSKI, Paulo. Ensaios e anseios crípticos. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

MITCHELL, David. Atlas de Nuvens. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SALLES, Cecilia Almeida. Gesto Inacabado: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP - Annablume, 2004.

THOREAU, Henry David. A Desobediência Civil. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

VANEIGEM, Raoul. A arte de viver para as novas gerações. São Paulo: Veneta, 2016.

VIGNA, Elvira. Como se estivéssemos em palimpsesto do putas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ZAMIÁTIN, Ievguêni. Nós. São Paulo: Editora Aleph, 2017.

Teses acadêmicas:

BECKER, Caroline Valada. Inscrições Distópicas no Romance Português do Século XXI. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

Estudo publicados em revistas acadêmicas:

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 - 2004. In Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p.13-71.

Filmes:

A Demonização da Cannabis. Direção: Barbara Ann Choboky. Fotografia: Barbara Ann Choboky. Documentary Films Pty Ltd, 1994. Disponível em: <<http://goo.gl/SdiVJB>>. Título original: Billion Dollar Crop. Acesso em: 10 dez. 2017.

Cultura Chapada. Direção: Brett Harvey. Fotografia: Brett Harvey. Score G Production Films e Sophia Entertainment, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/JFsJmM>>. Título original: The Culture High. Acesso em: 10 dez. 2017.

A 13ª Emenda. Direção: Ava DuVernay. Fotografia: Kira Kelly e Hans Charles. Netflix, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/H5z6Gw>>. Título original: 13th. Acesso em: 10 dez. 2017.

The True Cost. Direção: Andrew Morgan. Fotografia: Andrew Morgan. Life Is My Movie Entertainment Company e Untold Creative, 2015. Disponível em: <<https://truecostmovie.com/>> e em <<http://goo.gl/ahCbUi>>, no Netflix. Acesso em: 10 dez. 2017.

Jim & Andy: The Great Beyond - Featuring a Very Special Contractually Obligated Mention of Tony Clifton. Direção: Chris Smith. Fotografia: Chris Smith. Netflix, 2017. Disponível em: <<http://goo.gl/HTgAiF>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

Músicas:

SAPIÊNCIA, Rincon. Ponta de Lança. Por Rincon Sapiência. Álbum Galanga Livre. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017.

SAPIÊNCIA, Rincon. Linhas de Soco. Por Rincon Sapiência. Álbum SP Gueto BR. São Paulo: Boa Fria Produções, 2014.

Matérias de jornal:

Autor não especificado. "Gazeta do Povo tira do ar 'Monitor da Doutrinação'. Entenda por quê" (sic). Gazeta do Povo. 10 dez. 2017. Disponível em: <<http://goo.gl/6cfRxY>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

CONSTANTINO, Rodrigo et al. Ideias #20. Santander Cultural: arte ou pornografia pura e simples? Gazeta do Povo, 19 set. 2017. Podcast. 58 min. Disponível em: <<http://goo.gl/Fop24P>>. Acesso em: 10 dez. 2017.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br